

Jaques Wagner
Governador do Estado

José Sérgio Gabrielli
Secretário de Planejamento

Eugênio Spengler
Secretário do Meio Ambiente

Clóvis Caribé Menezes dos Santos
Chefe de Gabinete - SEPLAN

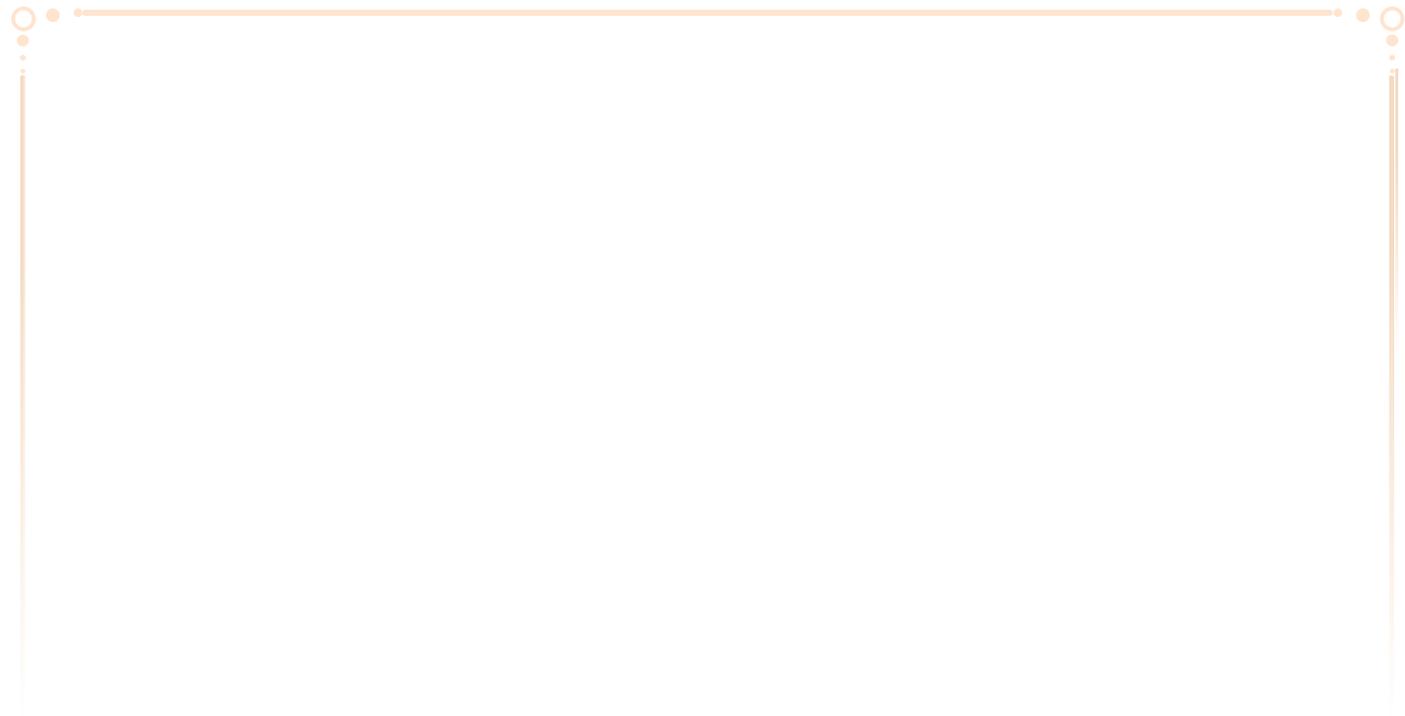
Adolpho S. Ribeiro Netto
Chefe de Gabinete - SEMA

Ranieri Muricy Barreto
Superintendente de Planejamento Estratégico -
SEPLAN

Luiz Antonio Ferraro Jr.
Superintendente de Estudos e Pesquisas
Ambientais – SEMA

Thiago dos Santos Xavier
Diretor de Planejamento Territorial-
SEPLAN/SPE/DPT

Marcelo Henrique Siqueira de Araújo
Diretor de Pesquisas Ambientais -
SEP/SEMA



COMISSÃO DE ACOMPANHAMENTO

SEPLAN

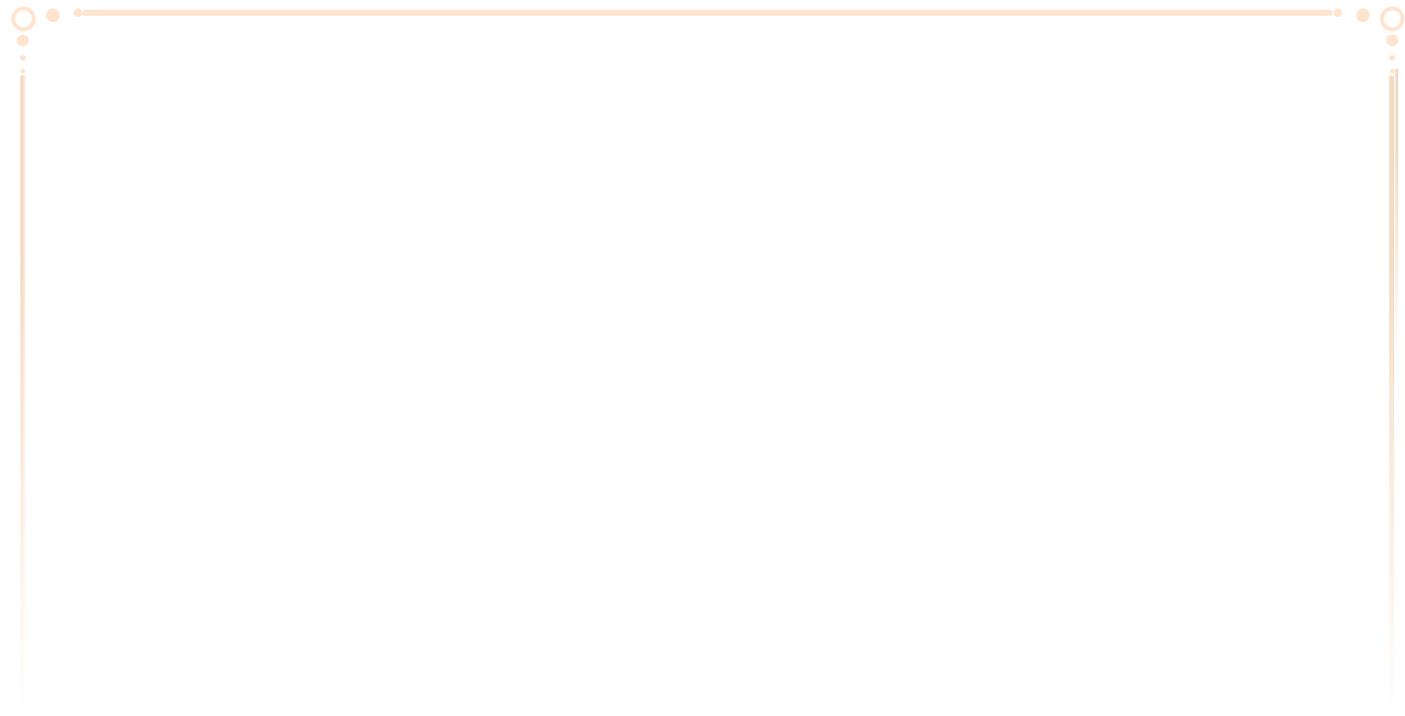
Edelzuita dos Anjos Silva - Coordenadora

Tatiana Scalco

SEMA

José Ivaldo de Brito Ferreira

Rosalvo de Oliveira Jr.



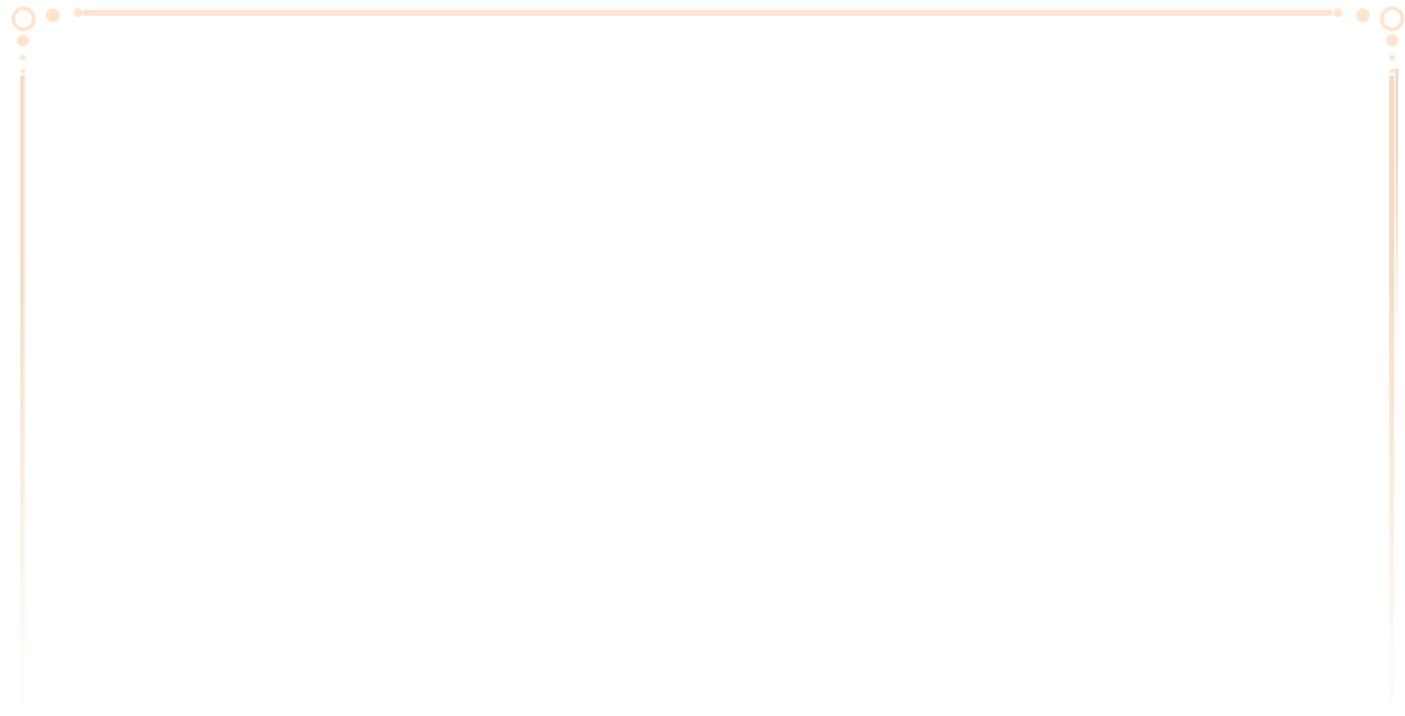
GRUPO DE TRABALHO

SEPLAN - SEI

SEPLAN	SEI
Thiago Santos Xavier	Aline Pereira Rocha
Edelzuita dos Anjos Silva	Erivaldo Lima de Queiroz
Fabiana da Cruz Mattos	Igor Roberto Campos Brandão
Tatiana Scalco Silveira Cravo	Ilce Maria Marques de Carvalho
Érico Silva do Nascimento	Lucas Marinho Lima
Roberto Carneiro Fortuna	Luis Andre de Aguiar Alves
Márcia da Silva Pedreira	Paulo Sérgio Hermida Gonzalez

SEMA - INEMA

SEMA	INEMA
Titular	Titular
Luiz Antônio Ferraro Júnior (coordenador geral)	José Ivaldo de Brito Ferreira (coordenador técnico)
Marcelo Henrique Siqueira de Araújo	Floriano Alvarez Soto
Margareth Peixoto Maia	Erivaldo Vieira Adorno
Zoltan Romero Cavalcante	Ailton dos Santos Júnior
Luciano Pinna	Sidnei Silva Suerdieck
Magno Passos Monteiro	Suplente
Rosalvo Oliveira Jr	Aldo Carvalho da Silva
Suplente	Samantha A. Nery Gonzalez Grimaldi
Paulo Henrique Prates Maia	Nielsen Souza
José Renato Melo da Silva	Rita de Cássia Góes Cardoso
	Jeanne Bahia Gonçalves



GRUPO DE COLABORADORES

SEPLAN

Thiago Reis Goes - Coordenador

Sônia Pereira Ribeiro

Andréa Pereira da Silva

Luiz Carlos Santana Filho

Sidnei Suerdieck

Rafael Alves de Almeida

Edna Maria da Silva

Mirtes Calvacante de Aquino

Marcos Luis Cerqueira da Silva

Nícia Moreira da Silva Santos

Natã Silva Vieira

SEMA

Cristiana Sousa Viera

Aline Bitencourt

Luciana Matos Santa Rita

Igor Perez Cunha

Nielsen Souza

Fabíola Andrade

Joseval Almeida

Márcio Augusto Gonçalves

Alexandra Hirsch de Santana

Larissa Santos Lima

Rodrigo Stolze Pacheco

Marcelo Senhorinho

Ricardo Azevedo Duarte

Zanna Maria Rodrigues de Matos

Kitty Tavares

Elba Alves

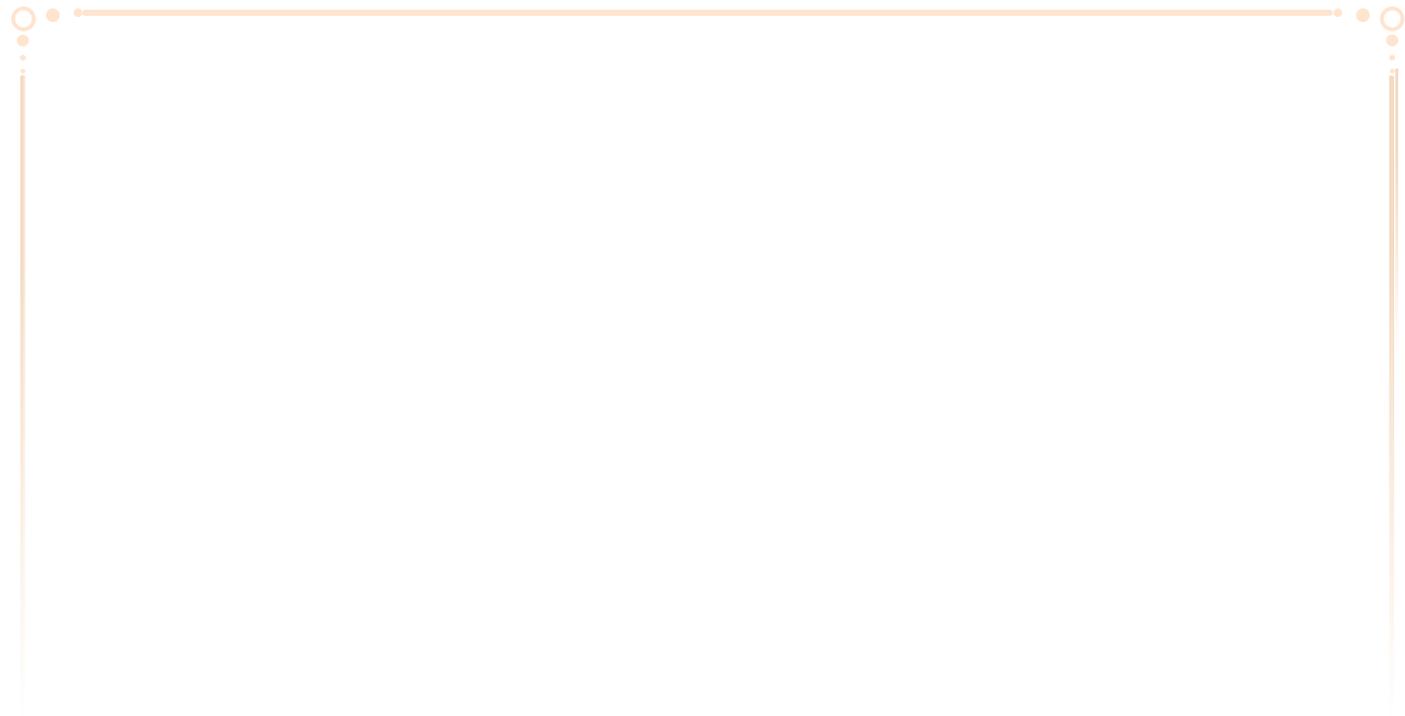
Adriano Zeferino

Michelle Rios Lopes6. Iala Serra Queiroz

Iara Morena Souza

Eva Dayana Oliveira Rios Lopes

Tiago Jordão Porto



EQUIPE DO CONSÓRCIO

GERENCIAMENTO

Erwin Rivero
Representante Consórcio Geohidro Sondotécnica

Arakem Maltez Oliveira
Responsável Técnico - GEOHIDRO

Francisco Cruz Vieira
Responsável Técnico - GEOHIDRO

Homero Menezes Cortes
Diretor – SONDOTÉCNICA

COORDENAÇÃO TÉCNICA EXECUTIVA

Roseane Palavizini – *Arquiteta, DSc Engenharia Ambiental*

GERENTE EXECUTIVA

Andrea Marchesini – *Eng^a Sanitarista*

COORDENAÇÕES TEMÁTICAS

Planejamento e Meio Físico

Bruno Jardim da Silva
Eng^o Civil

Planejamento, Banco de Dados e Cenários

Vitor Santos
Economista

Planejamento e Meio Biótico

Tiago Brasileiro
Arquiteto e Urbanista

Planejamento e Cartografia

Ivana Silva
Geógrafa

Planejamento e Meio Socioeconômico

João Pedro Vilela
Urbanista

Cartografia e Geoprocessamento

Fábia Zaloti
Eng^a Cartógrafa

DESENVOLVIMENTO TÉCNICO

Clarissa Brito
Eng^a Sanitarista e Ambiental

Sueli Oliveira
Estatística

Daniela Moura
Eng^a Sanitarista e Ambiental

Patrícia dos Santos
Geógrafa

Micheli Gonçalves
Eng^a Ambiental, MSc

Tânia Linda Andrade
Técnica em Geoprocessamento

Samanta Ribeiro
Eng^a Sanitarista e Ambiental

Carlos Eduardo Araújo
Designer Gráfico

Carlos Eugênio Ramos
Designer Gráfico

APOIO DE DESENVOLVIMENTO

Leonardo Adaime
Eng^o Civil, MSc

Valdirene Dias
Geógrafa, MSc

Fabio Peixoto
Comunicador Social

ESTAGIÁRIOS

Érica Neres
Graduanda em Geologia

Eric Câncio
Graduando em Engenharia Civil

Gilza Maciel
Graduanda em Engenharia Sanitária e Ambiental

Victor Almeida
Graduando em Engenharia Sanitária e Ambiental

CONSULTORES

Arranjos Produtivos Rurais

Amilcar Baiardi
Engº Agrônomo, DSc

Aquicultura e Pesca

José Carlos Bezerra
Engº de Pesca

Banco de Dados/SIG

Walter Ribeiro
Cientista da Computação

Biodiversidade

Rafael Freire
Biólogo

Energia

Fernando Alcoforado
Engº Eletricista, PhD

Geologia/Águas Subterrâneas

Antônio Marcos Pereira
Geólogo, DSc

Leila Lopes
Geóloga

Infraestrutura e Logística

Rafael Vasconcelos
Engº Civil

Jurídico e Institucional

Maria Gravina Ogata
Geógrafa e Advogada, DSc

Larissa Cayres
Advogada

Mayumi Gravina Ogata
Advogada

Qualidade Ambiental

Tânia Tavares
Química, DSc

Solos

Mário Pestana
Agrônomo

Paulo Corrêa
Engº Agrônomo

Unidade de Paisagem/Vulnerabilidade Natural à Erosão

Vera Lúcia Ramos
Geógrafa, MSc

Vulnerabilidade Social

Paula Adelaide
Arquiteta, MSc

Arilson Favareto
Sociólogo, DSc

CONSULTORES AD HOC

Raymundo José Garrido
Engº Civil, MSc

Henrique Tomé
Engº Florestal, DSc

LISTA DE SIGLAS E ABREVIACÕES

Órgãos Governamentais, Empresas e Entidades:

DDF – Departamento de Desenvolvimento Florestal

Embrapa – Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária

INCRA – Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

MMA – Ministério do Meio Ambiente

SEI – Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia

SEMA – Secretaria do Meio Ambiente

SEPLAN – Secretaria do Planejamento

UnB – Universidade de Brasília

Demais siglas e nomenclaturas:

APA – Área de Proteção Ambiental

MR – Macrorregião

PDS – Plano de Desenvolvimento Sustentável

PZEE – Programa Zoneamento Ecológico Econômico

TI – Território de Identidade

TDR – Termos de Referência

UP – Unidade de Paisagem

UTB – Unidade Territorial Básica

ZEE – Zoneamento Ecológico-Econômico

ZTA – Zoneamento Territorial Ambiental

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Síntese da compartimentação dos Domínios Morfoestruturais, das Unidades Territoriais Básicas e Unidades de Paisagem no estado da Bahia	36
--	----

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Procedimentos e critérios adotados para a delimitação dos Domínios Morfoestruturais – 1º Táxon.	25
Quadro 2 - Procedimentos e critérios adotados para compartimentação das Unidades Territoriais Básicas – 2º Táxon.	26
Quadro 3 - Procedimentos e critérios adotados para compartimentação das Unidades de Paisagem – 3º Táxon.	27
Quadro 4 - Fontes Utilizadas para geração das Unidades Territoriais Básicas.....	31
Quadro 5 - Fontes Utilizadas para geração das Unidades de Paisagem	31

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Prioridade de utilização dos planos de informação de uso da terra	32
Figura 2 - Delimitação dos Domínios Morfoestruturais / 1ª. Compartimentação do relevo.....	32
Figura 3 - Delimitação das Unidades Territoriais Básicas / 2ª. Compartimentação do relevo	33

LISTA DE CARTOGRAMAS

Cartograma 1 - Painel das Unidades Territoriais Básicas do estado da Bahia	35
---	----



O presente documento contém o Terceiro Relatório Básico do Contrato nº 010/2010, relativo ao Plano de Desenvolvimento Sustentável da Bahia (PDS). Este Relatório reúne os conteúdos definidos a partir do Terceiro Termo Aditivo, no qual está prevista a apresentação do Zoneamento Ecológico-Econômico (ZEE), em sua versão preliminar, organizado a partir dos conteúdos previstos nos Termos de Referência (TDR) e na sinergia necessária entre os instrumentos de planejamento e gestão do território.

O Relatório está organizado em nove volumes, obedecendo à estrutura dos componentes de trabalho, integrantes dos Termos de Referência, sendo cada volume estruturado a partir de três tópicos: i) introdução, que apresenta o tema; ii) metodologia, que descreve os conceitos, procedimentos e referências utilizados no desenvolvimento de cada componente, em seu referido tema; iii) resultados, onde estão apresentados e comentados os resultados obtidos na construção de cada componente. A seguir está descrita a estrutura dos referidos volumes, com seus respectivos componentes de trabalho.

Volume 1 – Proposta Preliminar do Zoneamento Ecológico-Econômico da Bahia (componente **A5**), Indicações de Ações de Desenvolvimento (**B3A**) e os Arranjos Institucionais para Atuação (componente **C1**);

Volume 2 – Banco de Dados e WebSIG (componente **D**);

Volume 3 – Indicação das Unidades de Paisagem (componente **A1**);

Volume 4 – Diagnóstico da Vulnerabilidade Natural (componente **A2**);

Volume 5 – Indicação dos Padrões de Qualidade Ambiental (componente **A3**);

Volume 6 – Caracterização dos Territórios de Identidade (componente **A4**);

Volume 7 – Avaliação das Potencialidades e Limitações para o Desenvolvimento (componente **B1A**);

Volume 8 – Montagem Final dos Cenários (componente **E2**) e Avaliação Crítica das Proposições Existentes (componente **B2A**);

Volume 9 – Perspectivas de Investimento (**C2**).

Esses volumes compõem a integridade dos processos e produtos de elaboração do Zoneamento Ecológico-Econômico Preliminar, contemplando, inclusive, todo o conteúdo necessário à adequação do Estado e posterior submissão à participação da sociedade, resultando, assim, na construção final do Zoneamento Ecológico-Econômico da Bahia para aprovação na Assembleia Legislativa.

Para comodidade de leitura e contextualização técnica, os textos de Apresentação e Introdução do Relatório estão inseridos em todos os volumes, garantindo a autonomia na contextualização de cada volume apresentado.



SUMÁRIO

1. Introdução ao ZEE-BA	20
2. Indicação das Unidades de Paisagem (A1).....	22
2.1 Introdução.....	22
2.2 Metodologia.....	22
2.3 Panorama Estadual.....	34
2.4 Macrorregião Litoral Sul	49
2.5 Macrorregião Recôncavo-RMS	55
2.6 Macrorregião Litoral Norte.....	61
2.7 Macrorregião Semiárido	67
2.8 Macrorregião Cerrado.....	87
3. Referências Bibliográficas	93





1. Introdução ao ZEE-BA

O planejamento do desenvolvimento sustentável no Brasil vem sendo estruturado a partir de um conjunto de políticas públicas que orienta e regulamenta a relação entre a dinâmica cultural da sociedade e a dinâmica ecológica dos ecossistemas, buscando uma convivência saudável e respeitosa com os bens comuns e com a diversidade cultural. Algumas políticas são referências fundamentais para o desenvolvimento do planejamento territorial sustentável, a exemplo da gestão da água, do sistema nacional de unidades de conservação, do estatuto das cidades, do saneamento ambiental, da conservação da biodiversidade, dos povos e comunidades tradicionais, entre outras.

O Estado da Bahia vem regulamentando, em suas políticas e documentos publicados, as recomendações desse conjunto de normas, tendo desenvolvido o documento *Resgatando o Planejamento Estratégico no Estado da Bahia*, com uma antevisão do período 2008-2028, que tem como missão: “*Promover o desenvolvimento socioeconômico e ambiental do Estado da Bahia em bases sustentáveis, garantindo igualdade e oportunidades a todos os cidadãos, independentemente de raça, gênero e religião*”. Em suas diretrizes estratégicas, o referido documento destaca o Desenvolvimento Territorial Sustentável, definindo diretrizes específicas para a preservação e recuperação do meio ambiente e sua sustentabilidade. Entre as diretrizes estratégicas territoriais estão propostos: a elaboração de planos mestres das macrorregiões (Cerrado, Litoral Norte, Litoral Sul, Recôncavo-RMS e Semiárido) e os Planos Diretores Participativos de Desenvolvimento Sustentável dos 27 Territórios de Identidade. O documento apresenta, ainda, uma proposta de modelo de gestão, destacando princípios e valores associados à governança eficiente, eficaz, efetiva e solidária, mirando na implementação da seguinte visão de futuro: “*ser um Estado produtor de bens e serviços de alto valor agregado, articulado nacional e internacionalmente, cuja população desfrute de qualidade de vida, equilíbrio social e étnico*”.

Neste contexto, o Zoneamento Ecológico-Econômico (ZEE) do Estado da Bahia foi desenvolvido como instrumento de ordenamento territorial de macro planejamento a partir da relação entre as dimensões da sustentabilidade: ecológica, social, cultural, econômico-tecnológica, política e jurídico-institucional, tendo como finalidade a promoção da equidade social, da valorização cultural, do desenvolvimento econômico e da conservação das riquezas naturais e bens comuns.

O ZEE é um instrumento de planejamento, organização e gestão do território brasileiro que, segundo seu Decreto nº 4.297/2002, busca harmonizar as relações econômicas, sociais e ambientais que nele se estruturam, “*estabelecendo medidas e padrões de proteção ambiental destinados a assegurar a qualidade ambiental, dos recursos hídricos e do solo e a conservação da biodiversidade, garantindo o desenvolvimento sustentável*”. Requer uma abordagem integrada e compartilhada de políticas públicas e arranjos institucionais, promovendo a articulação de ações e políticas territoriais, estruturadas em uma arquitetura de governança que relacione o poder público, o segmento econômico e a sociedade civil organizada, no planejamento e na gestão do seu território. O ZEE é definido pelo Ministério do Meio Ambiente como estratégia central na discussão das questões fundamentais para o futuro do Brasil, a exemplo da questão Amazônica, do Cerrado, dos Biocombustíveis e das Mudanças Climáticas. Segundo o Ministério do Meio Ambiente (BRASIL, 2013), os princípios norteadores do ZEE são: o *Participativo*, que considera o diálogo com a sociedade nas diversas fases dos trabalhos, desde a concepção até a gestão, buscando um instrumento autêntico, legítimo e exequível; o *Equitativo*, que visa garantir a igualdade de oportunidades de desenvolvimento; o *Sustentável*, que prevê a convivência saudável e harmoniosa com as riquezas naturais; o *Holístico*, que busca uma abordagem interdisciplinar na relação da dinâmica ecológica, ambiental, econômica e sociocultural; e o *Sistêmico*, enfatizando uma visão integrada e complexa, capaz de reconhecer as relações de interdependência entre os sistemas físico-biótico e socioeconômico.

De acordo com o decreto supracitado, o ZEE tem como principal objetivo a organização do território, vinculando as decisões dos agentes públicos e privados à implementação de planos, programas, projetos e atividades que, direta ou indiretamente, utilizam recursos naturais. Sendo assim, o ZEE visa assegurar a “*plena manutenção do capital e dos serviços ambientais dos ecossistemas*”, estabelecendo medidas e padrões de proteção ambiental, que visam garantir a qualidade ambiental e o desenvolvimento sustentável. O Decreto destaca ainda que, o processo de elaboração e implementação do ZEE deve buscar a sustentabilidade ecológica, econômica e social; contar com ampla participação democrática, compartilhando ações e responsabilidades entre o poder público e a sociedade civil; e, por fim, valorizar o conhecimento científico e multidisciplinar. O ZEE tem como resultante final a organização do território em zonas de acordo com as necessidades de proteção, conservação e recuperação dos recursos naturais e do desenvolvimento sustentável. As zonas deverão demonstrar utilidade e simplicidade, visando facilitar a implementação de seus limites e restrições pelo poder público e sua fácil compreensão pelos cidadãos.

O ZEE-BA tem como premissa o desenvolvimento socioeconômico, inclusivo e participativo, visando promover efetivas mudanças e melhoria da qualidade de vida da população baiana. Esse documento se consolida,

portanto, como importante ferramenta para tomada de decisões por parte do governo, da sociedade civil e do setor econômico, favorecendo a orientação articulada para a elaboração de planos de infraestrutura, logística, geração de energia, indicação de áreas de proteção ambiental e sociocultural, e outras recomendações que contribuam para o desenvolvimento sustentável do território.

A Lei nº 12.377/2011, que dispõe sobre a Política Estadual de Meio Ambiente e de Proteção à Biodiversidade, estabelece o Zoneamento Ambiental (ZA) como importante instrumento balizador de planos de desenvolvimento. Uma breve comparação permite observar que o escopo do ZA é semelhante ao do ZEE, podendo substituí-lo para os devidos efeitos jurídicos e institucionais, conforme apresentado no artigo 17 dessa lei: “*O Zoneamento Ambiental objetiva a utilização racional dos recursos ambientais de forma a promover o desenvolvimento social e econômico sustentáveis e a proteção do patrimônio natural, histórico, étnico e cultural*”.

Assumindo esse importante desafio, o ZEE-BA foi desenvolvido, em versão preliminar, de forma articulada e dinâmica, buscando as retroalimentações necessárias à construção do instrumento e seus componentes. As metodologias utilizadas foram fundamentadas em referências científicas, publicadas e experimentadas, possibilitando adaptações consistentes no atendimento às especificidades do estado da Bahia. As análises e abordagens foram fundamentadas especialmente no reconhecimento da realidade ecológica, socioeconômica, sociocultural e político institucional do Estado, e sua articulação nacional com estratégias econômicas, logísticas, de infraestrutura, de energia, de equidade social, valorização cultural e de conservação da natureza. Em caráter preliminar, o ZEE-BA foi elaborado como uma versão propositiva, buscando contemplar a visão estruturante do Estado, na perspectiva da posterior participação da sociedade, ressaltando valores como a solidariedade, a cooperação, o diálogo, a responsabilidade compartilhada e a sustentabilidade.

Tendo partido do conhecimento dos ZEEs elaborados no Brasil, o ZEE-BA adotou como referência metodológica *lato sensu*, o conjunto de metodologias integrantes da Gestão Transdisciplinar do Ambiente (PALAVIZINI, 2006), que está estruturada em três pilares: a complexidade do planejamento territorial e a integração de políticas públicas; a efetiva participação da sociedade no planejamento e na gestão do território; e a complexidade da governança do território. Esses pilares valorizam os aspectos da transversalidade, do diálogo de saberes e conhecimentos, da efetiva participação da sociedade e da gestão integrada entre os segmentos público, social e econômico, na construção da governança do território.

Este Terceiro Relatório Básico apresenta os produtos finais do ZEE-BA Preliminar, com seus respectivos componentes, organizados em oito volumes, nos quais estão descritos os conceitos de referência, as metodologias aplicadas e os resultados obtidos no desenvolvimento dos estudos diagnósticos, assim como na definição das zonas e diretrizes, cenários e arranjos institucionais para sua implementação.

2. Indicação das Unidades de Paisagem (A1)

2.1 Introdução

A diversidade de paisagens oferecida pela superfície terrestre deriva das relações integradas e interdependentes de sistemas ambientais cuja distribuição espacial, taxonomia e delimitação refletem complexos processos sinérgicos. A construção das paisagens resulta da análise do sistema natural, englobando os estudos geológicos, geomorfológicos, climáticos, hidrológicos e fitogeográficos; e também das transformações realizadas pelo homem, entendidas como antrópicas, sobretudo o uso e a ocupação dos solos, que formam Unidades de Paisagem.

O objetivo desta etapa do Zoneamento Ecológico Econômico - ZEE é indicar, em relação a cada Macrorregião (MR), a estruturação metodológica utilizada para a divisão das Unidades Territoriais Básicas (UTBs) e Unidades de Paisagem (UPs), bem como suas delimitações e caracterizações, tendo como resultado o mapa temático com legenda explicativa para o estado da Bahia.

Este trabalho oferece ao leitor, a oportunidade de uma visão geral no que diz respeito à compartimentação das Unidades Territoriais Básicas e suas respectivas Unidades de Paisagem, no Estado, em um contexto de um táxon maior, representado pelos grandes Domínios Morfoestruturais.

2.2 Metodologia

A metodologia que melhor adaptou-se às referências do edital baseou-se nos princípios utilizados pela metodologia adotada pelo IBGE¹, resultante de uma análise sistemática das taxonomias metodológicas empregadas por Bertrand (1968), Tricart (1965) e mais tarde confirmada por Ross (1990).

Bertrand propôs uma taxonomia das paisagens considerando que o sistema taxonômico deve permitir classificar as paisagens em função da escala. A partir disso, define um sistema de classificação hierárquica da paisagem em seis níveis: zona, domínio, região, geossistema, geofácies e geótopo. Essa taxonomia apresenta correspondência com o trabalho de Tricart (1965) que definiu um sistema de classificação em geomorfologia em oito níveis de grandeza espacial. A proposta de Ross (1990) baseia-se em seis táxons: unidades morfoestruturais, morfoesculturais, modelado, conjunto de formas semelhantes, dimensão de formas e formas lineares de relevo. A metodologia de mapeamento geomorfológico empregada no Radambrasil (NUNES et al., 1994), considera cinco níveis taxonômicos: domínio morfoestrutural, região geomorfológica, unidade geomorfológica, tipo de modelado e formações superficiais. A partir desta hierarquia taxonômica adaptou-se a metodologia aplicada para determinar as UTBs e UPs, representada na figura abaixo.

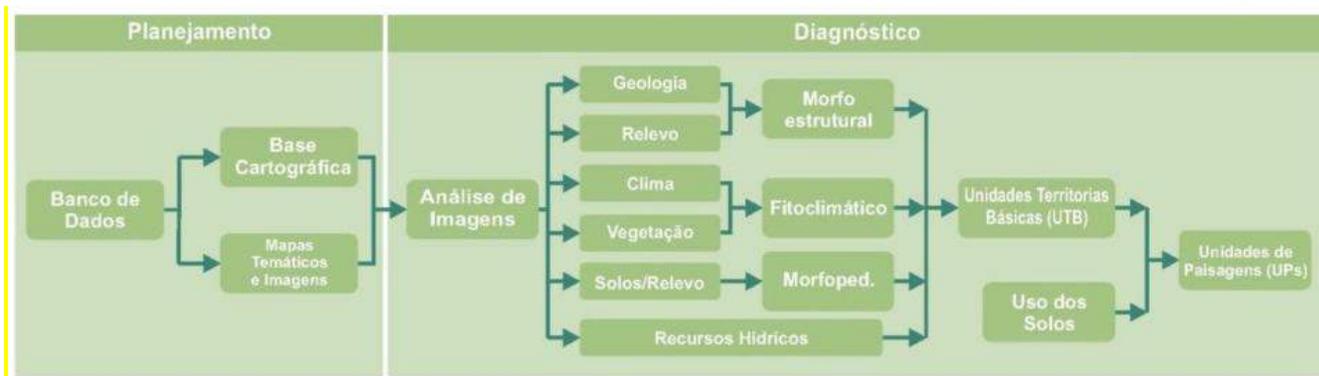


Figura 1 – Fluxograma da metodologia adotada para elaboração das Unidades de Paisagem

¹Subsídios ao zoneamento ecológico-econômico da bacia do rio Itapecuru – MA: diretrizes gerais para ordenação territorial/IBGE, Primeira Divisão de Geociências do Nordeste. Rio de Janeiro, 1998.

(Unidades Territoriais Básicas = Unidades Geoambientais).

Esta metodologia por sua vez, condiz com a determinada pelo PZEE- MMA² com relação à análise e integração dos temas do sistema natural para a definição das Unidades Territoriais Básicas, que geram as unidades de análise denominada de Unidades de Paisagem ou Geofáceis (IBGE,1998), ou Sistemas Ambientais resultantes da superposição do tipo de solo e relevo com o uso da terra.

Duas fases compreendem este trabalho, a de planejamento e a de diagnóstico. No planejamento está englobado o levantamento dos trabalhos anteriores que constam no banco de dados, de bases cartográficas temáticas e análise dos mapas de geologia, geomorfologia, pedologia, vegetação, clima e uso das terras, bem como das imagens disponíveis.

Na fase do diagnóstico foi feita, inicialmente, uma análise dos estudos geológicos os quais forneceram informações para conhecimento da natureza e composição das rochas e minerais, para as estruturas que originaram o relevo, para as formações superficiais e para os solos. Subsidiaram, principalmente, a compartimentação morfoestrutural e o potencial das águas subterrâneas. Já os estudos geomorfológicos, ou seja, a análise do relevo forneceu dados que possibilitaram a análise da morfologia, visando também, à compartimentação morfoestrutural, e morfopedológica.

A correlação dos atributos estruturais e litológicos (geologia) com as manifestações geomorfológicas (relevo) resultou nos Domínios Morfoestruturais, representando o “carro-chefe” na hierarquização taxonômica, neste trabalho.

Os estudos da vegetação consideraram as variáveis fitofisionômicas para a devida correlação com o clima e determinou as regiões fitoclimáticas; definiu as unidades e participou na integração com relevo, solos, geologia e clima.

Os estudos climáticos, cujos parâmetros utilizados foram temperaturas médias anuais, pluviosidade média anual e a classificação climática, serviram para definir as regiões fitoclimáticas e caracterização das unidades.

Sobre os grandes conjuntos estruturais, que geram arranjos regionais de relevo, foram subdivididos, auxiliados pela integração do clima com a vegetação, em Unidades Territoriais Básicas, (UTBs). Essas unidades quando correlacionadas aos trabalhos anteriores representam os Geossistemas (IBGE³) e Unidades Geomorfológicas (MMA,2011).

Os estudos pedológicos fornecem os dados da natureza e potencial dos solos, que foram atualizados de acordo com a nova classificação da Embrapa – Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária.

Essas informações fomentaram a análise e interpretação dos solos e dos modelados contidos nas Unidades Territoriais Básicas, permitiu a delimitação das associações morfopedológicas, que integradas ao uso da terra possibilitou a identificação de arranjos espaciais, intitulados neste trabalho Unidade de Paisagem, grupadas pelas UTBs as quais são definidas pelas características morfoestruturais e fitoclimáticas regionais.

Portanto, as UTBs ou Geossistemas encerram unidades elementares de análise denominadas Unidade de Paisagem, ou Geofáceis, as quais traduzem as particularidades do modelado e dos solos, refletidas pela vegetação e ações antrópicas (IBGE, 1998).

Para atingir-se o táxon das Unidades de Paisagem, objeto deste estudo, seguiu-se, conforme já justificado, a seguinte hierarquia na divisão taxonômica:

- 1 - Domínio Morfoestrutural – 1º táxon
- 2 - Unidade Territorial Básica (UTB) – 2º táxon
- 3 - Unidade de Paisagem (UP) – 3º táxon

Apresenta-se a seguir em forma de quadro, todos os procedimentos metodológicos seguidos dos critérios adotados para cada etapa. Na sequência apresentam-se as fontes dos planos de informação utilizados na elaboração das Unidades Territoriais Básicas e Unidades de Paisagem.

²Programa Zoneamento Ecológico Econômico: Diretrizes metodológicas para o Zoneamento Ecológico Econômico do Brasil. Brasília: MINISTÉRIO DO MEIO AMBIENTE/ SDS, 2006

³Subsídios ao zoneamento ecológico-econômico da bacia do rio Itapecuru – MA: diretrizes gerais para ordenação territorial/IBGE, Primeira Divisão de Geociências do Nordeste. Rio de Janeiro, 1998.

1º Táxon: Domínio Morfoestrutural - Constitui a maior divisão taxonômica adotada. Este táxon organiza a causa de fatos geomorfológicos derivados de aspectos amplos da geologia com os elementos geotectônicos, os grandes arranjos estruturais e eventualmente a predominância de uma litologia conspícua. Pode ser, por exemplo, restos de cadeias dobradas, grandes maciços de rochas cristalinas, bacias sedimentares ou conjuntos de formas de acumulação recente. Os procedimentos e critérios adotados para a delimitação destes domínios nas diferentes macrorregiões estão apresentados a seguir:

Quadro 1 - Procedimentos e critérios adotados para a delimitação dos Domínios Morfoestruturais – 1º Táxon.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	CRITÉRIOS ADOTADOS
1 – Análise dos trabalhos publicados	Adotou-se como base dos trabalhos técnicos, aqueles publicados pelo Projeto Radambrasil, por recobrir todo o território baiano, nos temas básicos (Geologia, Geomorfologia, Solos e Vegetação); por ter sido elaborado a partir de interpretações de imagens de RADAR, em escala 1:250.000, reduzidas para apresentação em escala 1:1.000.000, sem perdas de detalhes; e por ser um referencial no meio técnico-científico.
2 – Padronização das denominações dos domínios nas diversas Folhas (São Francisco; Aracaju-Recife; Brasília; Salvador e Rio Doce) que recobrem o Estado.	Estabeleceu-se uma terminologia análoga aos originais, mas que representasse um entendimento e conhecimento regional dos grandes conjuntos morfoestruturais do Estado, como exemplo: em vez da denominação genérica de Coberturas Dobradas, optou-se por acrescentar a toponímia Chapada da Diamantina e /ou Serra do Espinhaço, conhecidas regional e nacionalmente. Apesar destas duas grandes unidades representarem um único conjunto morfoestrutural optou-se por separá-las a nível de domínio, para efeito de melhor compartimentação regional e visibilidade no mapa. O mesmo ocorreu com referência às Bacias e Coberturas Sedimentares, quando optou-se por separá-las obedecendo ao critério não só regional mas predominantemente litológico.
3 – Delimitação dos domínios sobre as imagens SRTM seguindo-se os limites morfoestruturais nitidamente perceptíveis e acompanhados, sem dificuldades, com as interpretações geológicas, geomorfológicas, nos mapas referendados.	Respaldado pelas cartas de Geomorfologia e Geologia na escala 1:1.000.000 do Projeto Radambrasil, consultadas para caracterização dos domínios.
4 – Ordenamento dos domínios	Os domínios morfoestruturais foram agrupados seguindo a ordem cronológica, ou seja, dos mais recentes para os mais antigos, conforme padrão usual, assim distribuído: I-Depósitos Sedimentares Recentes II-Tabuleiros com Coberturas Sedimentares III-Bacia e Cobertura Sedimentar do Recôncavo, Tucano/Jatobá. IV-Bacia e Cobertura Sedimentar do rio Pardo. V-Bacia e Cobertura Sedimentar Carbonática. VI-Bacia e Cobertura do Urucuia VII-Estruturas Dobradas da Chapada Diamantina. VIII-Estruturas Dobradas da Serra do Espinhaço. IX-Estruturas Dobradas da Serra de Jacobina X-Planaltos e Patamares Cristalinos XI-Depressões Interplanálticas Cristalinas
5 – Representação Cartográfica dos domínios	Foram considerados “carros-chefes” na legenda do mapa e representados por números romanos e cores, recurso gráfico de visualização imediata, seguindo um padrão pré-estabelecido, objetivando principalmente, refletir a sistemática da pesquisa geomorfológica realizada.

Fonte: Consórcio Geohidro -Sondotécnica, 2012

2º Táxon: Unidades Territoriais Básicas – Representam subdivisões dos Domínios Morfoestruturais caracterizadas por uma compartimentação reconhecida regionalmente e estão ligadas a fatores fitoclimáticos, litológicos e morfológicos. São definidas como um arranjo de formas de relevo fisionomicamente semelhantes em seus tipos de modelados, assumindo uma conotação de compartimentação do relevo regional. Os procedimentos e critérios adotados para a compartimentação, representada no mapa, estão apresentados no quadro, a seguir:

Quadro 2 - Procedimentos e critérios adotados para compartimentação das Unidades Territoriais Básicas – 2º Táxon.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	CRITÉRIOS ADOTADOS
1 – Delimitação das UTBs sobre as Imagens SRTM	Tomou-se como base a interpretação do relevo da imagem SRTM (NASA,2000) para a delimitação das UTBs, com base em análise das Unidades Geomorfológicas do Radambrasil, das Unidades Geoambientais do ZEE da bacia do São Francisco e das Grandes Unidades de Paisagem da Embrapa, adotando-se como critério o respaldo de uma das fontes para corroboração e confirmação do conhecimento de campo dos consultores. Como exemplo, pode-se citar que a decisão da inclusão das Dunas do São Francisco como uma UTB, foi referendada pelo mapa da Embrapa, já a Depressão de Morpará, seguiu, como outras, o ZEE de São Francisco. Portanto para definição das UTBs (caracterização), adotou-se uma atualização das indicações do Radambrasil com os trabalhos mais recentes.
2 – Denominações das UTBs	Adotou-se uma ordem de precedência dos termos a serem utilizados na denominação das UTBs. Em geral, o termo inicial obedece à toponímia regional como planalto, planície, chapada, serra, vales, depressões, entre outros, dando a qualificação mais técnica possível, seguida em alguns casos por conotações genéticas tais como dissecado, cárstico etc. ou por toponímias de fatos morfológicos significantes relacionados aos interflúvios, rios, bacias hidrográficas e ainda por referências a pontos cardeais, não desconsiderando as denominações anteriores.
3 – Representação no mapa	<ul style="list-style-type: none"> – Indicadas por número arábico, de 1 a 65, total de UTBs no Estado. – A numeração não apresenta uma sequência no que tange às Unidades Territoriais Básicas. No entanto, mesmo que a UTB esteja no mesmo domínio nas diversas macrorregiões, as suas caracterizações obedecerão às particularidades inerentes de cada uma. Assim, se a UTB engloba partes do território de duas macrorregiões, uma vez que o seu limite é determinante, ela receberá a mesma numeração nas duas macrorregiões, mas com características inerentes de cada uma, representadas na legenda explicativa. – São representadas no mapa por tons das cores dos domínios morfoestruturais e individualizadas com traço contínuo. – São caracterizadas na legenda pela litologia, morfologia, tipo de vegetação natural, clima (tipologia e precipitação), altimetria e drenagem.

Fonte: Consórcio Geohidro-Sondotécnica, 2012

3º Táxon: Unidades de Paisagem. Representam subdivisões das Unidades Territoriais Básicas indicadas em função das diferentes atividades produtivas predominantes existentes na UTB. As Unidades de Paisagem se individualizam pelo relevo, clima, cobertura vegetal, solos ou até mesmo pelo arranjo estrutural e o tipo de litologia ou exclusivamente por um desses elementos (ROSS, 1992). As Unidades de Paisagem ocupam um determinado espaço e certo período de tempo, cuja existência é condicionada pelo funcionamento de seus elementos (MONTEIRO, 2000). A categoria de análise das Unidades de Paisagem é considerada como geossistema definido como fenômeno natural (aspecto geomorfológico, climático, hidrológico e fitogeográfico) que engloba o fenômeno antrópico (aspecto social e econômico). Somados representam a paisagem modificada ou não pela sociedade. Baseado neste conceito, como em muitos outros análogos a este, tentou-se atingir este objetivo a partir do material disponível inerente à escala de trabalho. Para tanto, os procedimentos e critérios adotados estão apresentados no Quadro 3.

Quadro 3 - Procedimentos e critérios adotados para compartimentação das Unidades de Paisagem – 3º Táxon.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	CRITÉRIOS ADOTADOS
1 – Análise e escolha das cartas oferecidas pela base de dados.	<p>Para delimitação e definição das Unidades de Paisagem, subdivisões das Unidades Territoriais Básicas, tomou-se como padrão, de forma prioritária, as cartas de uso da terra publicadas pela SEI, por apresentarem maior detalhamento da legenda, escala de trabalho e apresentação 1:250.000 e 1:500.000 e serem mais atuais em comparação a outras fontes que recobrem todo Estado. Na porção oeste adotaram-se as informações contidas no mapa de uso da terra elaborado pela UnB na escala 1:500.000 (2009) e no restante do Estado o plano de informação de vegetação produzido pelo DDF na escala 1:250.000 (1998). Embora a legenda do mapa de vegetação produzido pelo DDF não seja tão detalhada quanto a da SEI e o levantamento seja oriundo do final dos anos 1990, ainda assim é uma informação oficial e retrata a cobertura de todo o território do Estado com uso de uma mesma metodologia.</p>
2 – Padronização das legendas existentes	<p>A partir do modelo utilizado pela SEI, com algumas adaptações inerentes às informações das outras fontes, as legendas dos diversos mapas foram uniformizadas em uma única legenda para todas as macrorregiões obedecendo a seguinte sequência:</p> <p>Tipo de atividades:</p> <ul style="list-style-type: none"> ○ Agricultura ○ Silvicultura ○ Pastagem ○ Formações Florestais ○ Formações Pioneiras ○ Outros Usos <p>Cada uma destas atividades foi representada pela letra inicial, maiúscula e em negrito, seguido do número arábico, de acordo com as variações de uso, e ou por letras minúsculas iniciais das formações florestais.</p> <ul style="list-style-type: none"> ○ Agricultura: <ul style="list-style-type: none"> Agricultura com culturas permanentes (Ap1, Ap2, Ap3, Ap4, Ap5 e Ap6); Agricultura com culturas temporárias (At1, At2, At3); Agricultura com culturas irrigadas (Ai, Ai1, Ai2); Agricultura com culturas diversificadas (policulturas) (Ad1, Ad2, Ad3). ○ Silvicultura (S) abrangendo eucalipto e pinus. ○ Pastagem (P); a letra P acompanhada do número arábico indica a variação dominante da associação, exemplo P1, indica Pastagem com cana-de-açúcar; P2 com coco-da-baía; P3 com citros; P4 com cacau; P5 com eucalipto; P6 com café; P7 com culturas temporárias; P8 com palma forrageira; P9 com castanha de caju; P10 com dendê e P11 com Vegetação natural. ○ No oeste baiano além das áreas de Pastagem (P) as áreas com associações foram feitas somente com o tipo de vegetação, por falta de maiores informações do mapa de trabalho: Pc – Pastagem e Cerrado. Pe – Pastagem e ecótono e Pf – Pastagem e Floresta.

(Continua)

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	CRITÉRIOS ADOTADOS
<p>2 – Padronização das legendas existentes</p>	<p>○ Formações Florestais foram, assim, individualizadas e representadas:</p> <p>F – Floresta e Vegetação Secundária. Fp – Floresta com áreas de Pastagem. Ce – Cerrado e/ou contato Cerrado/Floresta e Cerrado/Caatinga. Mesmo que a área seja só de Cerrado ou de contato entre Cerrado e Caatinga ou Floresta a legenda é representada pela letra símbolo Ce, ou seja do primeiro componente. No entanto na descrição da legenda é informado que a unidade está posicionada em área de contato entre Caatinga e Cerrado, por exemplo. Cp – Cerrado com áreas de Pastagem. Cf – Cerrado e remanescentes de Floresta de galeria Ca – Caatinga arbórea e/ou arbustiva, contato Caatinga/Floresta, Caatinga/Cerrado e Vegetação Secundária em ambiente de Caatinga, intercalada com atividades agropastoris. Mesmo critério adotado no caso do Cerrado (Ce), no que diz respeito a representação. Re – Refúgio Ecológico</p> <p>○ Formações Pioneiras m – Vegetação de mangue (influência fluviomarinha)</p> <p>○ Outros Usos</p> <p>Foram aí englobados os tipos de usos, representados nos mapas da SEI, que não se enquadram em nenhum dos já referidos.</p> <p>D – Uso diversificado nas Planícies Litorâneas. Estão discriminados na descrição da legenda. I – Área Industrial (Pólo). g – Área de extração de petróleo e gás. u – Área Urbana</p> <p>As variações do uso, existentes dentro de cada UP, estão representadas na descrição da legenda pelas letras símbolos condizentes com tal variação delimitada por linha contínua e nomeada dentro do mapa. Exemplo: uma determinada Unidade de Pastagem (P) pode apresentar áreas de Pastagem com associação de cana-de-açúcar (P1) ou Pastagem com citros (P3) e representarem a unidade como se fosse uma espécie de geofácies (táxon de quarta grandeza). Este detalhamento encontra-se não só no interior do mapa, como traduzido na legenda. O mesmo pode acontecer com as unidades de Agricultura (A) ou de Silvicultura (S) ou de Formações Florestais (F, Ce, Ca).</p>
<p>3 – Delimitação das UPs sobre as cartas selecionadas.</p>	<p>– O contorno seguiu a delimitação estabelecida pelo tipo de uso em cada um dos planos de informação digital utilizados (conforme indicado no Quadro 5) e sobre elas colocado a letra símbolo correspondente.</p> <p>– Em caso de pequenas manchas muito próximas, de uma mesma atividade produtiva, optou-se por englobá-las em uma única mancha, evitando-se maior densidade de letras símbolos sobre o mapa.</p> <p>– A definição do tipo de uso, assim como o limite da unidade, seguiu os determinados nas fontes utilizadas, sem interferência do intérprete.</p>

(Continua)

Continuação do **Quadro 3** - Procedimentos e critérios adotados para compartimentação das Unidades de Paisagem – 3º Táxon.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	CRITÉRIOS ADOTADOS
4 – Denominações e caracterizações	<p>As UPs são todas denominadas pelo nome da UTB seguido do principal uso. Na legenda do mapa, por questão de espaço, adotou-se indicá-las apenas pelo seu principal uso, exemplo: Cultura temporária ou Pastagem ou Silvicultura ou Caatinga seguido dos demais usos e características de solo e relevo.</p> <p>Para indicar os solos e relevo que compõem determinada unidade, tomou-se como base os dados dos mapas de solos do Projeto Radambrasil, com metodologia da Embrapa, escolha feita pelo seu nível de detalhamento e reconhecimento técnico. Adotou-se caracterizar a unidade pelo tipo de solo dominante e sua textura. Somente no caso de solos eutróficos, rico em bases, foi evidenciado na legenda, entendendo-se que quando não há tal informação é que os solos são álicos ou distróficos.</p> <p>O relevo foi relacionado ao declive do terreno, padronizado pela Embrapa como classificado da seguinte forma: relevo plano (0-3%), suave ondulado (3-8%); ondulado (8-25%); forte ondulado (25-45%) e superior a 45% montanhoso e escarpado.</p>
5 – Representações das UPs no mapa	<p>São indicadas por número arábico, de 1 a 65, total de UTBs no Estado, seguido das letras símbolos que representam os grandes grupos dos tipos de uso: A (Ap, At, Ai e Ad) – Agricultura; S – Silvicultura; P – Pastagem; F – Floresta; Ca – Caatinga; Ce – Cerrado e D – para usos diversificados dentro do grupo de Outros Usos.</p> <p>Como as UPs estão inseridas nas UTBs, que levam tons de cores, a sua indicação está representada pelo mesmo tom da UTB seguido da letra símbolo correspondente, conforme modelo abaixo, possibilitando uma leitura do mapa mais diretamente associada à legenda.</p> <p>Agricultura: Agricultura com culturas permanentes: Ap1 – Citros (laranja), associado à Pastagem, policultura de subsistência e Vegetação Secundária. Ap2 – Coco-da-baía associado à Pastagem e Vegetação Secundária. Ap3 – Sistema agroflorestal (cacau em cabruca). Ap4 – Sisal associado à Pastagem e policultura de subsistência. Ap5 – Café associado à Pastagem, policultura e Vegetação Natural. Ap6 – Agricultura mecanizada de soja, algodão e milho (temporária), associada à pastagem.</p> <p>Agricultura com culturas temporárias: At1 – Culturas temporárias tradicionais, feijão, milho, mandioca e outras, associadas à Pastagem, intercalada com Vegetação Secundária. At2 – Culturas temporárias tradicionais (feijão, milho e mandioca), ocorrência de fumo, banana, mamona, cana-de-açúcar, manga e outras, associada à Pastagem e Vegetação natural. At3 – Agricultura com cana-de-açúcar.</p>

(Continua)

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	CRITÉRIOS ADOTADOS
6 – Representações das UP no mapa	<p>Agricultura com culturas irrigadas: Ai – Culturas diversificadas predominantemente irrigadas, de arroz, milho, melão, melancia, cebola, café, etc., associadas à Pastagem. Ai1 – Manga, uva, melão, pinha, romã, banana, mamão e goiaba, olericultura, floricultura e horticultura. Ai2 – Culturas diversificadas, batata inglesa, café, feijão, milho, cebola, cenoura, associada à Pastagem.</p> <p>Agricultura com culturas diversificadas (policulturas): Ad1 – Culturas diversificadas: policultura comercial e de subsistência (banana, coco, algodão, milho, mamona, feijão, mandioca, pinha, sorgo, melancia, maracujá, tomate, cenoura, beterraba, pimentão, sisal, café, cana-de-açúcar), intercaladas com Pastagem. Ad2 – Culturas diversificadas: policultura comercial, (cacau, mandioca, dendê, coco-da-baía, cravo da Índia, pimenta do reino, laranja, café, policultura de subsistência, Vegetação Natural e Pastagem).</p> <p>Silvicultura: S – Reflorestamento com eucalipto, e/ou pinus, com Vegetação Secundária e atividades agropastoris S1 – Áreas de retiradas de madeira reflorestada (Oeste baiano).</p> <p>Pastagem: P – Pastagem e policultura. P1 – Pastagem associada à cana-de-açúcar P2 – Pastagem associada ao coco-da-baía. P3 – Pastagem associada aos citros. P4 – Pastagem associada à Floresta cabrucada com cacau. P5 – Pastagem associada ao plantio de eucalipto. P6 – Pastagem associada ao café e frutíferas. P7 – Pastagem e culturas temporárias (feijão, milho, mandioca) e Vegetação Secundária. P8 – Pastagem, associada à palma forrageira, sisal e Vegetação Secundária. P9 – Pastagem, associada à castanha de caju, culturas temporárias e Vegetação natural. P10 – Pastagem associada à cultura de dendê, coco-da-baía e piaçava, policultura de subsistência e Vegetação natural. P11 – Pastagem associada à Vegetação Natural. Pc – Pastagem e Cerrado (Oeste Baiano). Pe – Pastagem e ecótono (Oeste Baiano). Pf – Pastagem e Floresta (Oeste Baiano).</p> <p>Formações Florestais: Fp – Floresta com áreas de Pastagem. Ce – Cerrado e/ou contato Cerrado/Floresta e Cerrado/Caatinga. Cp – Cerrado com áreas de Pastagem. Cf – Cerrado e remanescentes de Floresta de galeria Ca – Caatinga arbórea e/ou arbustiva, contato Caatinga/Floresta, Caatinga/Cerrado e Vegetação Secundária em ambiente de Caatinga, intercalada com atividades agropastoris. Re – Refúgio Ecológico.</p> <p>Formações Pioneiras m – Vegetação de mangue (influência fluviomarinha)</p> <p>Outros Usos D – Uso diversificado nas Planícies Litorâneas. I – Área Industrial (Pólo). g – Área de extração de petróleo e gás. u – Área urbana</p>

(Continua)

Continuação do **Quadro 3** - Procedimentos e critérios adotados para compartimentação das Unidades de Paisagem – 3º Táxon.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	CRITÉRIOS ADOTADOS
7 – Elaboração da Legenda do Mapa	A elaboração da legenda foi estruturada a partir de quadro explicativo, com tópicos que identificam as características geoambientais das UTBs e as particularidades das Unidades de Paisagem (UPs), como o uso atual da terra e propriedades morfopedológicas.

Fonte: Consórcio Geohidro-Sondotécnica, 2012

Quadro 4 - Fontes Utilizadas para geração das Unidades Territoriais Básicas⁴

UNIDADE	PLANOS DE INFORMAÇÃO	FONTES
UTB	SRTM	NASA, 2000
	Geologia	Radambrasil, 1980 CPRM, 1994
	Geomorfologia	Radambrasil, 1980
	Vegetação	Radambrasil, 1980
	Tipologia Climática	SEI, 2007
	Solos	Radambrasil 1970 a 1981

Fonte: Consórcio Geohidro-Sondotécnica, 2012

Quadro 5- Fontes Utilizadas para geração das Unidades de Paisagem

UNIDADE	PLANOS DE INFORMAÇÃO	FONTES
UP	Bacias do Sub-médio São Francisco	SEI, 2011
	Bacias da Margem Direita do Lago de Sobradinho	SEI, 2009
	Uso da Terra	UNB, 2009
	Bacias do Extremo Sul e do Rio Jequitinhonha	SEI, 2008
	Bacias dos rios Itapicuru, Vaza-Barris e Real	SEI, 2005
	Bacias do Recôncavo Norte e do rio Inhambupe	SEI, 2003
	Bacia do Rio Paraguaçu e Sub-bacias dos Rios Jaguaripe e Jequiriçá	SEI, 2000
	Uso e cobertura vegetal	DDF, 1998

Fonte: Consórcio Geohidro-Sondotécnica, 2012

⁴ A delimitação das UTBs foi efetuada como base na interpretação do relevo da imagem SRTM (NASA, 2000) e consulta a outras cartas temáticas disponíveis em meio analógico ou digital Geologia, Geomorfologia, Vegetação, Tipologia Climática e Solos, bem como das Unidades Geoambientais do ZEE da bacia do São Francisco e das Grandes Unidades de Paisagem da Embrapa.

Fonte SEI/UNB – formato shapefile

Fonte SEI – formato corel/PDF

Fonte DDF – formato shapefile

Figura 1 - Prioridade de utilização dos planos de informação de uso da terra

A adoção de métodos de análise analógicos concomitantes aos procedimentos digitais respeitou o método de trabalho dos especialistas, respaldado por seu arcabouço teórico-metodológico e experiência de campo, em consonância ao uso de geotecnologias;

Os planos de informação resultantes, referentes às UTBs e UPs, foram transformados ao longo do processo com a incorporação de informações referentes a cada um, tanto no aspecto da entidade gráfica quanto em relação aos atributos;

Uma das dificuldades deste trabalho é o desequilíbrio de informações oficiais para o estado da Bahia, levando a equipe a realizar adaptações no intuito de garantir resultado mais equilibrado ao objetivo maior do ZEE, em relação ao planejamento territorial e tomada de decisão.

As figuras a seguir resumem as etapas já detalhadas anteriormente dos procedimentos adotados:

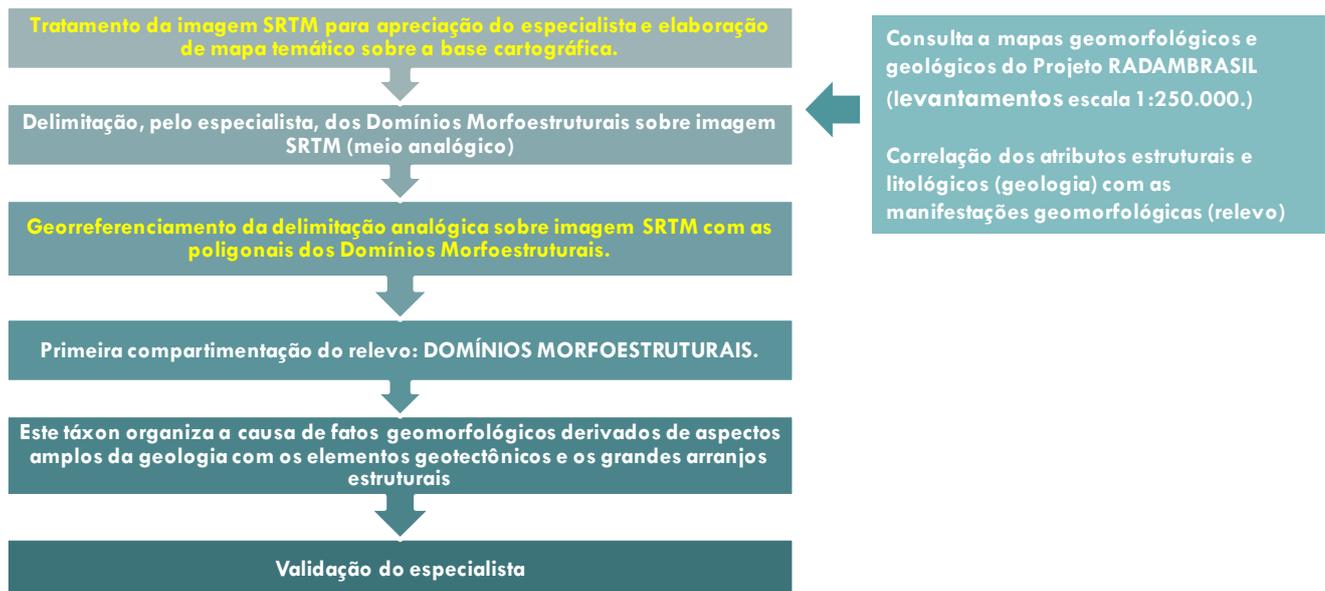


Figura 2 - Delimitação dos Domínios Morfoestruturais / 1ª. Compartimentação do relevo

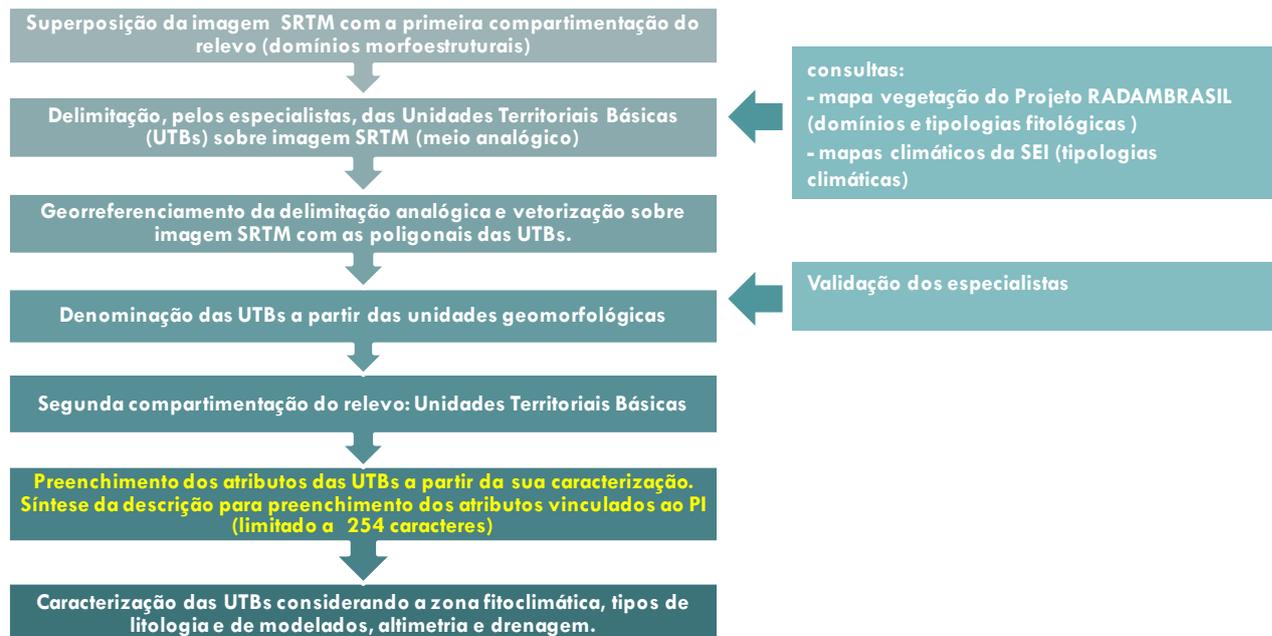
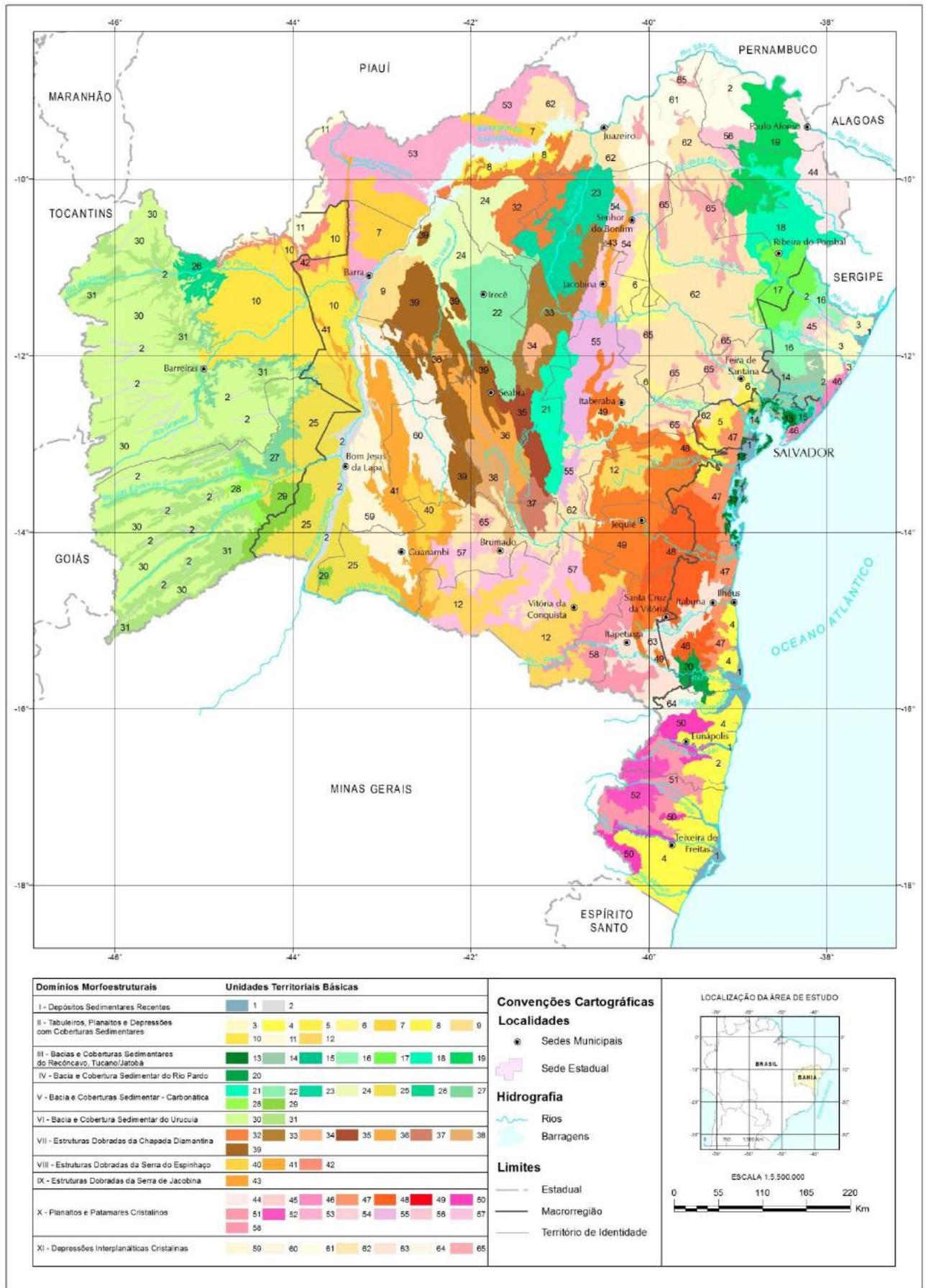


Figura 3 - Delimitação das Unidades Territoriais Básicas / 2ª. Compartimentação do relevo

2.3 Panorama Estadual

No estado da Bahia, foram identificados 11 Domínios Morfoestruturais, indicados pelo conjunto de relevo refletido na estrutura geológica. Sobre esses grandes conjuntos, foram individualizadas 65 Unidades Territoriais Básicas (UTBs), identificadas pela convergência de semelhança de seus componentes físicos, bióticos e de suas dinâmicas, correspondendo aos sistemas naturais (IBGE, 1998). A partir das UTBs foram compartmentadas 247 (Duzentos e quarenta e sete) Unidades de Paisagem, definidas pelos arranjos produtivos passíveis de espacialização. Considerando-se as Unidades de Paisagem e as variações de uso existentes dentro de cada UP tem-se um total de 429 (quatrocentos e vinte e nove) compartimentações.

O **Cartograma 1** sintetiza toda a compartimentação dessas UTBs no estado da Bahia. Subsequentemente ao cartograma, é apresentada a Tabela 1 na qual podem ser identificados os Domínios Morfoestruturais, as UTBs com a síntese das suas características fitoclimáticas e as UPs, indicando o tipo de uso e o solo. As informações relacionadas às variações de uso das UPs serão apresentadas nos itens de 2.4 à 2.8.



Cartograma 1 - Pannel das Unidades Territoriais Básicas do estado da Bahia

Fonte: Consórcio Geohidro-Sondotécnica, 2013

Tabela 1 – Síntese da compartimentação dos Domínios Morfoestruturais, das Unidades Territoriais Básicas e Unidades de Paisagem no estado da Bahia

DOMÍNIOS MORFOESTRUTURAIS	UNIDADES TERRITORIAIS BÁSICAS	UNIDADES DE PAISAGEM
I - DEPÓSITOS SEDIMENTARES RECENTES	<p><u>1 – Planícies Marinhas e Fluviomarinhas</u> Fomações Pioneiras em áreas de clima Superúmido a Úmido – precipitação média entre 1.350 e 2.500 mm na MR Litoral Sul;</p> <p>Clima Úmido – precipitação média entre 1.800 e 2.000 mm na MR Recôncavo-RMS;</p> <p>Úmido a Subúmido – precipitação média entre 1.300 e 2.000 mm na MR Litoral Norte;</p>	<p>1 S – Silvicultura de eucalipto em Neossolos Quartzarênicos e Flúvicos , Espodossolos Humilúvicos e Organossolos.</p> <p>1P – Pastagem e policultura. Argissolos Vermelho Amarelos aluminicos.</p> <p>1 P2 – Pastagem plantada e/ou natural com ocorrência de coco-da-baía sobre Espodossolo Ferrilúvico.</p> <p>1 F – Remanescentes de Floresta Ombrófila Densa. Espodossolos Humilúvicos, Gleissolos Háplicos aluminicos, Neossolos Quartzarênicos e Espodossolos Ferrilúvicos.</p> <p>1 D – Turismo, sítios de lazer e beleza cênica, dunas e terras úmidas, cultivo de coco-da-baía, áreas de mangues etc. Neossolos Flúvicos, hidromórficos, com ou sem salinidade, solos Gleicos e Gleissolos Sálcos, em relevo plano. Areias quartzarênicas.</p>
	<p><u>2 – Planícies Fluviais</u> Fomações Pioneiras em áreas de clima Úmido – precipitação média entre 1.600 e 1.900 mm nas MRs Litoral Norte e Litoral Sul;</p> <p>Clima Semiárido – precipitação média entre 750 e 850 mm na MR Semiárido.</p> <p>Formações Pioneiras, Cerrado Gramíneo Lenhoso em áreas de clima Úmido e Subúmido – precipitação média entre 1.100 e 1.500 mm na MR Cerrado; Subúmido a Seco – precipitação média entre 900 e 1.100 mm nas planícies da Depressão dos Rios Corrente e Preto na MR Cerrado.</p>	<p>2 Ap3 – Cultivo de cacau associado à Mata Atlântica cabrucada e brejos. Neossolos Flúvicos e Cambissolos.</p> <p>2 At1 – Culturas temporárias de feijão, milho e mandioca.</p> <p>2 Ap1 – Pastagem plantada associada a Citros . Planossolos Háplicos e Neossolos Flúvicos.</p> <p>2 Ad1 – Culturas diversificadas com policultura comercial e de subsistência, e culturas irrigadas de frutas, horticultura , etc. Planossolos Háplicos Neossolos Flúvicos.</p> <p>2 Ai – Agricultura de arroz, milho, melancia, cebola e pecuária com irrigação. Vegetação natural de Cerrado gramíneo lenhoso com Floresta de galeria preservada. Gleissolos e Organossolos.</p> <p>2 P – Pastagem, culturas temporárias de subsistência, palma forrageira e Vegetação Secundária. Argissolos Vermelho eutróficos, Planossolos Nátricos, Gleissolos Háplicos. Áreas com Neossolos Flúvicos eutróficos e distróficos.</p> <p>2 F – Floresta de Galeria, Cerrado e Caatinga. Neossolos Flúvicos e solos Hidromórficos.</p>
II – TABULEIROS COM COBERTURAS SEDIMENTARES	<p><u>3 – Tabuleiro Costeiro do Litoral Norte.</u> Floresta Ombrófila Densa em áreas de clima Úmido a Subúmido – precipitação média entre 1.300 e 1.800 mm.</p>	<p>3 Ap2 – Cultivo de coco-da-baía. Neossolos Quartzarênicos e Argissolos Vermelho Amarelos.</p> <p>3 S – Sicultura, atividades agropastoris, vegetação florestal secundária e áreas de exploração de petróleo e gás. Argissolos.</p> <p>3 P – Áreas com pastagem, coco-da-baía e citros (laranja). Argissolos e Latossolos.</p> <p>3 F – Vegetação Floresta Secundária e atividades agropastoris. Argissolos.</p> <p>3 D – Uso diversificado.</p>

(Continua)

Continuação da **Tabela 1** – Síntese da compartimentação dos Domínios Morfoestruturais, das Unidades Territoriais Básicas e Unidades de Paisagem no estado da Bahia

DOMÍNIOS MORFOESTRUTURAIS	UNIDADES TERRITORIAIS BÁSICAS	UNIDADES DE PAISAGEM
II – TABULEIROS, PLANALTOS E DEPRESSÕES COM COBERTURAS SEDIMENTARES	<p><u>4 – Tabuleiro Costeiro do Litoral Sul</u> Floresta Ombrófila Densa em áreas de Clima Úmido – precipitação média entre 1.200 e 1.900 mm.</p>	<p>4 At3 – Cultivo de cana-de-açúcar. Argissolos. 4 Ap3 – Cultivo de cacau associado à Mata Atlântica cabrucada. Latossolos Vermelho Amarelos e Argissolos Vermelho Amarelos. 4 S – Silvicultura de eucalipto. Latossolos Amarelos e Argissolos Amarelos. 4 P – Pastagem e policultura. Latossolos Amarelos e Argissolos Amarelos. 4 F – Áreas remanescentes de Floresta Ombrófila Densa e Vegetação Secundária. Latossolos Amarelos, Argissolos Amarelos e Espodosolos Humilúvicos e Ferrihumilúvicos. 4 D – Uso diversificado. Argissolos Amarelos e Espodosolos Humilúvicos.</p>
	<p><u>5 – Tabuleiro pré-Litorâneo</u> Floresta Estacional Semidecidual em áreas de clima Subúmido – precipitação média entre 1.350 e 1.800 mm na MR Recôncavo-RMS. Floresta Ombrófila Densa em áreas de clima Úmido – precipitação média entre 1.350 e 1.800 mm na MR Litoral Sul. Floresta Ombrófila Densa e Floresta Estacional Semidecidual em áreas de clima Subúmido – precipitação média entre 1.350 e 1.800 mm na MR Semiárido.</p>	<p>5 Ap1 – Citros, mandioca e fumo intercaladas com Pastagem e Vegetação Secundária. Latossolos e Argissolos. 5 Ad2 – Culturas diversificadas de cacau, mandioca, dendê, cravo da Índia, pimenta do reino etc. Latossolos e Argissolos. 5 At3 – Cultivo de cana-de-açúcar. Argissolos e Latossolos. 5 P – Pastagem associada à cana-de-açúcar, café e frutíferas. Horticultura, mandioca, dendê, coco-da-baía, fumo e Vegetação Secundária. Argissolos e Latossolos.</p>
	<p><u>6 – Tabuleiros Interiores</u> Floresta Estacional e Caatinga em áreas de clima Semiárido – precipitação média entre 700 e 850 mm.</p>	<p>6 At1 – Culturas temporárias intercaladas com Pastagem, culturas irrigadas de fruticultura, olericultura e floricultura. Latossolos. 6 At3 – Cana-de-açúcar sobre Latossolos e Argissolos. 6P – Pastagem plantada e natural e quando associada à palma forrageira e culturas temporárias de subsistência, além de Vegetação Natural. Latossolos. 6 Ca – Vegetação Secundária. Latossolos.</p>
	<p><u>7 – Dunas do Médio São Francisco</u> Cerrado e Caatinga, ambas Arbórea Aberta em áreas de clima Semiárido a Árido – precipitação média entre 500 e 700 mm.</p>	<p>7 Ce – Cerrado e Caatinga Arbórea Aberta com Pastagem extensiva. Neossolos Quartzarênicos.</p>
	<p><u>8 – Superfície Arenosa do Médio São Francisco</u> Caatinga e Cerrado em áreas de clima Semiárido a Árido – precipitação média entre 500 e 700 mm.</p>	<p>8 Ad1 – Culturas diversificadas, policultura comercial e de subsistência intercaladas com pastagem, culturas irrigadas e culturas temporárias. Argissolos. 8 P – Pastagem associada a policultura. Latossolos e Argissolos. 8 Ca – Vegetação Secundária em área de Caatinga intercalada com atividades agropastoris. Latossolos e Neossolos Quartzarênicos.</p>

(Continua)

Continuação da **Tabela 1** – Síntese da compartimentação dos Domínios Morfoestruturais, das Unidades Territoriais Básicas e Unidades de Paisagem no estado da Bahia

DOMÍNIOS MORFOESTRUTURAIS	UNIDADES TERRITORIAIS BÁSICAS	UNIDADES DE PAISAGEM
II - TABULEIROS COM COBERTURAS SEDIMENTARES	<p><u>9 – Superfície Arenosa de Morpará</u> Caatinga Arbórea e Arbustiva em áreas de clima Semiárido – precipitação média entre 700 e 800 mm.</p>	<p>9 P – Pastagem e policultura. Latossolos e Neossolos Quartzarênicos. 9 Ca – Caatinga com uso agropecuário e pastagem extensiva. Neossolos Quartzarênicos associados aos Latossolos.</p>
	<p><u>10 – Depressão dos Rios Grande e Preto</u> Caatinga Arbórea e Arbustiva em áreas de clima Subúmido a Seco – precipitação média entre 800 e 900 mm na MR Semiárido; Cerrado e Floresta Estacional Decidual em áreas de clima Subúmido a Seco - precipitação média entre 800 e 1.100 mm na MR Cerrado.</p>	<p>10 Ai – Agricultura de arroz, milho, melancia e cebola associada à Pastagem plantada. Latossolos Amarelos. 10 P – Pastagem plantada e áreas com pastagem intensiva, extensiva e associada à Vegetação Natural, carvoaria e mineração. Latossolos Amarelos e Neossolos Quartzarênicos. 10 Cf – Cerrado gramíneo lenhoso e Floresta de galeria preservada. Latossolos Vermelho Amarelos. 10 Ca – Vegetação Secundária em áreas de Caatinga Arbórea Aberta e Parque e remanescentes de Floresta intercaladas com atividades agropastoris. Latossolos e Neossolos Quartzarênicos. 10 Ce – Cerrado com uso de pecuária extensiva, Floresta Estacional Decidual Submontana com pastagem e agricultura esparsa. Latossolos Amarelos e Neossolos Quartzarênicos.</p>
	<p><u>11 - Chapadas da Tabatinga e Guaribas</u> Cerrado Florestado e Arborizado em áreas de clima Subúmido a Seco - precipitação média entre 800 e 900 mm na MR Cerrado. Clima Subúmido a Seco - precipitação média entre 700 e 900 mm na MR Semiárido.</p>	<p>11 Ce – Cerrado arbóreo florestado, áreas com pecuária e pastagem extensiva. Latossolos Amarelos. 11 Ca – Caatinga e Floresta Estacional Decidual. Neossolos Litólico e Latossolos Vermelho Amarelos.</p>
	<p><u>12 - Planalto Sul Baiano</u> Floresta Estacional e Caatinga Arbórea Arbustiva em áreas de clima Semiárido - precipitação média entre 700 e 900 mm.</p>	<p>12 Ap5 – Cultivo de café associado à Pastagem, policultura e Vegetação Natural. Latossolos. 12 P – Pastagem associada a café e a Vegetação Natural, alternada com agricultura temporária e permanente. Latossolos. 12 F – Remanescentes de Floresta Estacional. Latossolos e Argissolos.</p>
III – BACIA E COBERTURA SEDIMENTAR DO RECÔNCAVO, TUCANO/JATOBÁ	<p><u>13 – Baixada Litorânea do Recôncavo</u> Floresta Ombrófila Densa em áreas de clima Superúmido e Úmido – precipitação média entre 1.600 e 2.500 mm na MR Recôncavo-RMS; Clima Úmido a Superúmido – precipitação média entre 2.400 e 2.500 mm na MR Litoral Sul.</p>	<p>13 At3 – Cana-de-açúcar. Vertissolos e Argissolos. 13 I – Área industrial. Argissolos. 13 P – Pastagem, áreas de exploração de petróleo, silvicultura de bambu, pastagem com cana-de-açúcar, pastagem com coco-da-baía e dendê. Argissolos e Vertissolos. 13 F – Remanescentes de Floresta Ombrófila e Vegetação Secundária intercalada com agropecuária, pastagem e culturas de piaçava, dendê e coco-da-baía. Argissolos Vermelho-Amarelos e Neossolos Quartzarênicos. 13 P2 – Pastagem associada ao coco-da-baía. Argissolos. 13 m – Vegetação Arbórea e Arbustiva e mangue. 13 D - Uso diversificado. Espodossolo Humilúvico textura grossa e Organossolo textura média.</p>

(Continua)

Continuação da **Tabela 1** – Síntese da compartimentação dos Domínios Morfoestruturais, das Unidades Territoriais Básicas e Unidades de Paisagem no estado da Bahia

DOMÍNIOS MORFOESTRUTURAIS	UNIDADES TERRITORIAIS BÁSICAS	UNIDADES DE PAISAGEM
III – BACIA E COBERTURA SEDIMENTAR DO RECÔNCAVO, TUCANO/JATOBÁ	<p><u>14 – Tabuleiro Dissecado do Recôncavo</u> Floresta Ombrófila Densa em áreas de clima Úmido a Subúmido – precipitação média entre 1.300 e 2.000 mm nas MRs Litoral Norte e Recôncavo-RMS</p> <p>Clima Úmido a Subúmido – precipitação média entre 1.300 e 2.000 mm na MR Semiárido.</p>	<p>14 Ap1 – Citros, pastagem, policultura de subsistência e Vegetação Florestal Secundária. Argissolos.</p> <p>14 At3 – Cultivo de cana-de-açúcar. Argissolos e Neossolo Quartzarênico.</p> <p>14 S – Silvicultura de eucalipto e pinus, Vegetação Florestal Secundária e agropecuária. Argissolos e Neossolo Quartzarênico.</p> <p>14 P – Pastagem plantada e nativa, Vegetação Secundária, horticultura, policultura, culturas temporárias, remanescente de Floresta Ombrófila com Vegetação Secundária. Argissolos, Latossolos e Luvisolos.</p> <p>14 F – Vegetação Florestal Secundária e agropecuária. Argissolos e Latossolos.</p> <p>14 Ce – contato Cerrado e Floresta.</p> <p>14 m – Vegetação Arbórea e Arbustiva e mangue.</p>
	<p><u>15 – Depressão de Camaçari</u> Cerrado em áreas de clima Úmido – precipitação média entre 1.900 e 2.000 mm.</p>	<p>15 I – Área Industrial. Solos Arenosos.</p> <p>15 Ce – Cerrado Gramíneo – Lenhoso sem Floresta de galeria e áreas urbanizadas. Solos arenosos e siltico-argilosos.</p> <p>15P – Pastagem plantada e/ou natural associada a policultura. Argissolos Vermelho Amarelos.</p> <p>15 F – Pequenos remanescentes de Floresta Ombrófila Densa. Argissolos e Espodossolos Humilúvicos.</p>
	<p><u>16 – Tabuleiro da Bacia do Tucano Sul</u> Cerrado e Transição Cerrado/Floresta em áreas de clima Subúmido a Seco - precipitação média entre 800 e 1.000 mm.</p>	<p>16 Ap1 – Citros, pastagem, coco-da-baía, maracujá e Vegetação Secundária. Latossolos, Argissolos e Planossolos.</p> <p>16 At1 – Culturas temporárias, pastagem e Vegetação Secundária. Argissolos e Latossolos.</p> <p>16 S – Silvicultura, Vegetação Secundária, culturas temporárias e atividades agropastoris. Latossolos, Areias, Argissolos.</p> <p>16 P – Pastagem plantada e natural, culturas temporárias e Cerrado. Argissolos e Areias.</p> <p>16 Ce – Agropecuária, Cerrado e contato Cerrado/Floresta Estacional. Argissolos e Areias.</p>
	<p><u>17 – Tabuleiro de Itapicuru</u> Cerrado e Cerrado/Floresta em áreas de clima Semiárido – precipitação média entre 700 e 800 mm.</p>	<p>17 Ai1 – Cultura irrigada de fruticultura. Latossolos.</p> <p>17 At1 – Culturas temporárias, pastagem e Vegetação Natural. Latossolos, Planossolos e Argissolos.</p> <p>17 At2 – Pastagem, Vegetação Natural, Culturas temporárias associadas ou não à mamona, sisal e policultura irrigada, e também intercaladas com Pastagem. Latossolo e Neossolos Quartzarênicos.</p> <p>17 S – Silvicultura, Vegetação Secundária e atividades agropastoris. Latossolos, Argissolos e Areias.</p> <p>17 P – Pastagem plantada e nativa com culturas temporárias e Vegetação Secundária. Argissolos eutróficos, Latossolos e Neossolos Quartzarênicos.</p> <p>17 P7 – Pastagem plantada e nativa, Vegetação Secundária, Vegetação Natural, palma forrageira, culturas temporárias e cajueiros. Neossolos Quartzarênicos e Latossolos.</p> <p>17 Ce – Cerrado, Caatinga e pequenas áreas de Floresta. Latossolos e Neossolos Quartzarênicos (Areias)</p>

(Continua)

Continuação da **Tabela 1** – Síntese da compartimentação dos Domínios Morfoestruturais, das Unidades Territoriais Básicas e Unidades de Paisagem no estado da Bahia

DOMÍNIOS MORFOESTRUTURAIS	UNIDADES TERRITORIAIS BÁSICAS	UNIDADES DE PAISAGEM
III – BACIA E COBERTURA SEDIMENTAR DO RECÔNCAVO, TUCANO/JATOBÁ	<p><u>18 – Patamares Dissecados de Cícero Dantas</u> Tensão Ecológica, contato entre Cerrado, Caatinga e Floresta Estacional em áreas de clima Semiárido – precipitação média entre 600 e 900 mm.</p>	<p>18 At2 – Culturas de feijão, milho e mandioca. Pastagem, Vegetação Natural, áreas irrigadas com banana, coco-da-baía, olericulturas e horticulturas, policultura comercial e de subsistência com pastagem e vegetação. Areias Quartzosas e Latossolos. 18 P7 – Pastagem plantada e natural, associada à culturas temporárias, ocorrência de palma forrageira. Argissolos. 18 Ce – Contato Cerrado/Caatinga, Cerrado Arbóreo Aberto, Caatinga Arbórea e/ou Arbustiva Densa e Aberta, contato Caatinga/Floresta Estacional. Argissolos, Areia Quartzosas e Neossolos Litólicos.</p>
	<p><u>19 – Tabuleiro Ocidental do Raso da Catarina.</u> Écotoño (Cerrado, Caatinga e Floresta Estacional) em áreas de clima Semiárido - precipitação média entre 500 e 600 mm e Ecótono e Caatinga Arbórea em áreas de clima Árido – precipitação média entre 400 e 500 mm na MR Semiárido no norte da unidade.</p>	<p>19 Ad1 – Policultura comercial e de subsistência, áreas irrigadas com banana, coco-da-baía, olericulturas, horticulturas, Pastagem e Vegetação Natural. Luvisolos. 19 P – Pastagem plantada com culturas temporárias ou associada à palma forrageira e sisal. Vegetação Natural. Neossolos Quartzarênicos. 19 Ce – Área de tensão ecológica, contato Cerrado/Caatinga Arbórea Aberta, Vegetação Secundária intercaladas com atividades agropastoris. Neossolos Quartzarênicos e Cambissolos.</p>
IV – BACIA E COBERTURA SEDIMENTAR DO RIO PARDO	<p><u>20 – Tabuleiro do rio Pardo</u> Floresta Ombrófila Densa em áreas de clima Úmido a Subúmido – precipitação média entre 1.200 e 1.400 mm na MR Litoral Sul Clima Úmido a Subúmido – precipitação média entre 1.200 e 1.400 mm na MR Semiárido.</p>	<p>20 Ap3 – Cultivo de Cacau em sistema Agroflorestal intercalado por policultura e pastagem. Argissolos e Latossolos Amarelos. 20 P – Pastagem. Argissolos e Latossolos Amarelos.</p>
V – BACIA E COBERTURA SEDIMENTAR CARBONÁTICA	<p><u>21 – Piemonte da Chapada Diamantina</u> Floresta Estacional Decidual e Submontana em áreas de clima Semiárido – precipitação média entre 700 e 800 m.</p>	<p>21 At1 – Culturas temporárias intercaladas com Pastagem e Vegetação Secundária, culturas de horticulturas, olericulturas, fruticultura. Latossolos, Cambissolos e Latossolos. 21P – Pastagem plantada, policultura de subsistência e Vegetação Secundária. Latossolos. 21 F – Floresta fragmentada, agropecuária, pequenas áreas de Cerrado. Latossolos. 21 Re – Refúgio Ecológico. Latossolos Vermelho Amarelos.</p>
	<p><u>22 – Chapada de Irecê</u> Caatinga Arbórea Densa e Aberta em áreas de clima Semiárido – precipitação média entre 500 e 750 mm.</p>	<p>22 At1 – Culturas temporárias irrigadas ou não e policultura. Cambissolos e Latossolos. 22 Ca – Remanescentes de Caatinga Arbórea, Cerrado e Floresta. Pastagem. Cambissolos.</p>

(Continua)

Continuação da **Tabela 1** – Síntese da compartimentação dos Domínios Morfoestruturais, das Unidades Territoriais Básicas e Unidades de Paisagem no estado da Bahia

DOMÍNIOS MORFOESTRUTURAIS	UNIDADES TERRITORIAIS BÁSICAS	UNIDADES DE PAISAGEM
V - BACIA E COBERTURA SEDIMENTAR CARBONÁTICA	<p><u>23 - Baixada do rio Salitre</u> Caatinga Arbórea densa e aberta em áreas de clima Árido – precipitação média entre 400 e 500 mm.</p>	<p>23 Ad1 – Policultura comercial e de subsistência e culturas temporárias tradicionais. Cambissolos e Latossolos. 23 P – Pastagem com policultura e associada à palma forrageira. Culturas temporárias. Cambissolos e Latossolos. 23 Ca – Caatinga Arbórea e Arbustiva e Caatinga Arbórea Aberta e Densa. Cambissolos e Latossolos.</p>
	<p><u>24 - Baixada dos rios Verde e Jacaré</u> Caatinga Arbórea Densa e Aberta em áreas de clima Semiárido – precipitação média entre 550 e 700 mm.</p>	<p>24 At1 – Culturas temporárias, culturas irrigadas de frutíferas, culturas diversificadas, policultura comercial e de subsistência associada à Pastagem. Cambissolos e Latossolos. 24 P – Pastagem. Latossolos. 24 Ca – Vegetação Secundária com atividades agropastoris. Latossolos e Cambissolos.</p>
	<p><u>25- Depressão do Médio São Francisco</u> Floresta Estacional Decidual e Semidecidual e Áreas de contato entre Caatinga e Floresta Estacional em áreas de clima Seco – precipitação média entre 800 e 900 mm na MR Cerrado. Clima Subúmido a Seco – precipitação média entre 800 e 900 mm na MR Semiárido.</p>	<p>25 P – Pastagem plantada com policultura e Pastagem em área de ecótono e em meio à Floresta. Cambissolos e Latossolos Álicos. 25 Ca – Caatinga, pequenas áreas de Cerrado e de Floresta Estacional. Cambissolos e Latossolos.</p>
	<p><u>26 - Patamar de Formosa do rio Preto</u> Floresta Estacional Semidecidual e Cerrado Florestado em áreas de Clima Subúmido a Seco – precipitação média entre 1.000 e 1.100 mm.</p>	<p>26Pc – Pastagem, Floresta, carvoarias, mineração e pesca. Latossolos e Neossolos Litólicos.</p>
	<p><u>27 - Patamar Cárstico</u> Floresta Estacional Semidecidual e Decidual em áreas de clima Subúmido – precipitação média entre 1000 e 1150 mm na MR Cerrado. Clima Subúmido – precipitação média entre 1.000 e 1.150 mm na MR Semiárido.</p>	<p>27 Ai – Culturas diversificadas predominantemente irrigadas associadas à Pastagem, pastagem plantada, mineração e pesca. Cambissolos. 27 F – Floresta Estacional Semidecidual, pecuária extensiva em meio à Vegetação Natural. Cambissolos e Neossolos Litólicos. 27 Fp – Floresta Estacional Semidecidual, pastagem extensiva em meio à Vegetação Natural. Cambissolos e Neossolos Litólicos.</p>

(Continua)

Continuação da **Tabela 1** – Síntese da compartimentação dos Domínios Morfoestruturais, das Unidades Territoriais Básicas e Unidades de Paisagem no estado da Bahia

DOMÍNIOS MORFOESTRUTURAIS	UNIDADES TERRITORIAIS BÁSICAS	UNIDADES DE PAISAGEM
V – BACIA E COBERTURA SEDIMENTAR CARBONÁTICA	<u>28 – Patamar de Correntina e Coribe</u> Floresta Estacional Decidual em áreas de clima Subúmido – precipitação média entre 1.000 e 1.150 mm.	28 P – Pastagem e agricultura irrigada com pivô central. Argissolos, Latossolos e Cambissolos. 28 F – Floresta Estacional Decidual Montana associada à pastagem plantada. Latossolos e Argissolos Vermelho Amarelos.
	<u>29 – Serras do Ramalho e Iuiu</u> Floresta Estacional Semidecidual, Decidual e Cerrado em áreas de clima Subúmido a Seco – precipitação média em torno de 1.000 mm.	29 F – Floresta Estacional Decidual Montana associada à Pastagem plantada com agricultura, recursos minerais, pecuária extensiva e agricultura temporária. Cambissolos, Latossolos, Argissolos e Afloramentos Rochosos.
VI – BACIA E COBERTURA SEDIMENTAR DO URUCUIA	<u>30 – Chapada do Oeste Baiano</u> Cerrado em áreas de climas Úmido e Subúmido -- precipitação média entre 950 e 1.450 mm.	30 Ap6 – Uso agrícola, áreas de irrigação com pivô central e Pastagem consorciada. Latossolos. 30 P – Pastagem plantada, podendo estar associada à agricultura. Latossolos. 30 S – Silvicultura, cultivo de eucalipto, carvoarias isoladas e algumas áreas sem uso definido. Latossolos. 30 Ce – Áreas de Cerrado com Pastagem e área de Floresta Estacional Semidecidual. Latossolos. 30 Cf – Cerrado gramíneo lenhoso e Floresta de galeria preservada. Gleissolos e Organossolos.
	<u>31 – Vales nas Chapadas do Oeste Baiano</u> Cerrado Gramíneo-Lenhoso em áreas de clima Úmido e Subúmido - precipitação média entre 950 e 1450 mm.	31 Ai – Culturas diversificadas predominantemente irrigadas associadas à Pastagem, com trechos de irrigação com pivô central e pastagem plantada. Solos Arenoquartzosos e Gleissolos. 31Ce – Cerrado gramíneo-lenhoso com aspecto de parque e pastagem. Neossolos Quartzarênicos, Neossolos Litólicos e Latossolos. 31 Cf – Cerrado gramíneo lenhoso e Floresta de galeria preservada. Gleissolos e Organossolos.
VII - ESTRUTURAS DOBRADAS DA CHAPADA DIAMANTINA	<u>32 – Serras Setentrionais</u> Caatinga Arbórea Densa e Aberta e Cerrado em posição de topo em áreas de clima Semiárido – precipitação média entre 500 e 650 mm.	32 P – Pastagem e policultura e Pastagem com culturas temporárias em Argissolos e Neossolos Litólicos e Latossolos de textura média. 32 Ca – Caatinga Arbórea Aberta e Densa, Contato Caatinga- Floresta Estacional e Campos Rupestres (Re) em Neossolos Litólicos.
	<u>33 – Chapada de Morro do Chapéu</u> Cerrado Gramíneo-Lenhoso e Arbóreo Aberto, Contato de Cerrado com Floresta Estacional Semidecidual e Caatinga em áreas de clima Semiárido – precipitação média entre 600 e 850 mm.	33 Ap4 – Cultivo de sisal intercalado com policultura, Pastagem e Vegetação Natural sobre Latossolos. 33 P – Pastagem e policultura sobre Latossolos. 33 Ca – Contato Caatinga-Floresta Estacional sobre Neossolos Litólicos.

(Continua)

Continuação da **Tabela 1** – Síntese da compartimentação dos Domínios Morfoestruturais, das Unidades Territoriais Básicas e Unidades de Paisagem no estado da Bahia

DOMÍNIOS MORFOESTRUTURAIS	UNIDADES TERRITORIAIS BÁSICAS	UNIDADES DE PAISAGEM
VII – ESTRUTURAS DOBRADAS DA CHAPADA DIAMANTINA	<p><u>34 – Planalto do rio Bonito</u> Cerrado Gramíneo Lenhoso e Arbórea Aberta, Contato de Cerrado com Floresta Estacional Semidecidual e Caatinga em áreas de clima Semiárido – precipitação média entre 700 e 800 mm.</p>	<p>34 Ap5 – Café associado à Pastagem sobre Argissolos. 34 P – Pastagem com policultura sobre Argissolos. 34 F – Floresta Estacional (fragmentos naturais e/ou descaracterizada) sobre Argissolos e Latossolos.</p>
	<p><u>35 – Serra do Sincorá</u> Refúgio Ecológico Montano – Vegetação Rupestre e Cerrado Gramíneo Lenhoso em áreas de clima Subúmido a Seco – precipitação média entre 700 e 1.300 mm.</p>	<p>35 Ai2 – Culturas irrigadas e diversificadas de café, feijão, cebola, cenoura associada à Pastagem sobre Latossolos e Neossolos Quartzarênicos. 35 Re – Refúgio Ecológico em áreas elevadas e rochosas sobre Neossolos Litólicos e Neossolos Quartzarênicos. 35 Ce – Contato Cerrado – Floresta sobre Neossolos Litólicos Neossolos Quartzarênicos. 35 P – Áreas de Pastagem com policultura. Neossolos Litólicos, associado aos Neossolos Quartzarênicos e Latossolos.</p>
	<p><u>36 – Gerais da Chapada Diamantina</u> Cerrado Gramíneo Lenhoso e Floresta Estacional Submontana em áreas de clima Subúmido a Seco – precipitação média entre 700 e 1.100 mm.</p>	<p>36 Ai2 – Culturas diversificadas de batata inglesa, café etc sobre Latossolos. 36 P – Pastagem plantada sobre Latossolos. 36 Ce – Cerrado Gramíneo Lenhoso e tipo parque sobre Latossolos.</p>
	<p><u>37 – Superfície Dissecada de Barra da Estiva</u> Cerrado Arbóreo Aberto com Floresta de galeria e Cerrado Parque em áreas de clima Subúmido a Seco – precipitação média entre 750 e 1.000 mm.</p>	<p>37 Ap5 – Cultivo de café associado à Pastagem sobre Argissolos e Cambissolos e Neossolos Litólicos. 37 Ce – Cerrado Arbóreo Aberto sobre Argissolos e Cambissolos e Neossolos Litólicos. 37 Ca – Contato Caatinga-Floresta Estacional sobre Neossolos Litólicos e nas baixadas Latossolo. 37 P – Pastagem plantada e natural associada a culturas temporárias. Neossolos Litólicos eutróficos textura média e Argissolos Vermelho Amarelos.</p>
	<p><u>38 – Serras da Nascente do rio de Contas</u> Cerrado Parque e Refúgio Ecológico Montano em áreas de clima Subúmido a Seco – precipitação média entre 700 e 1.100 mm.</p>	<p>38 At1 – Culturas de feijão, milho, irrigadas, ou não, café com Pastagem sobre Latossolos. 38 Ce – Cerrado Arbóreo Aberto, Cerrado Parque, Vegetação Rupestre. Neossolos Litólicos.</p>
	<p><u>39 – Serras Ocidentais da Chapada Diamantina</u> Contato da Caatinga Arbórea com Floresta Estacional Decidual em áreas de clima Subúmido a Seco – precipitação média entre 650 e 1.100 mm.</p>	<p>39 At2 – Culturas temporárias, horticulturas, sobre Latossolos. 39 P – Pastagem sobre Latossolos e Neossolos Litólicos. 39 Ca – Contato Caatinga - Floresta Estacional , Cerrado e Refúgio Ecológico. Neossolos Litólicos.</p>

(Continua)

Continuação da **Tabela 1** – Síntese da compartimentação dos Domínios Morfoestruturais, das Unidades Territoriais Básicas e Unidades de Paisagem no estado da Bahia

DOMÍNIOS MORFOESTRUTURAIS	UNIDADES TERRITORIAIS BÁSICAS	UNIDADES DE PAISAGEM
VIII – ESTRUTURAS DOBRADAS DA SERRA DO ESPINHAÇO	<p><u>40 – Superfície Cimeira do Espinhaço</u> Cerrado Arbóreo Aberto em áreas de clima Semiárido – precipitação média em torno de 800 mm.</p>	40 P – Pastagem associada à policulturas sobre Latossolos.
	<p><u>41 – Serras Alinhadas do Espinhaço</u> Floresta Estacional Decidual Montana, Cerrado e Contato Caatinga/ Floresta Estacional em áreas de clima Subúmido a Seco – precipitação média entre 700 e 1.000 mm na MR Semiárido.</p> <p>Floresta Estacional Decidual Montana e Cerrado em áreas Subúmido a Seco – precipitação média em torno de 900 mm na MR Cerrado.</p>	41 P – Pastagem associada a policulturas sobre Argissolos Vermelho Amarelo e Cambissolos Háplicos. 41 Ce – Cerrado Arbóreo Aberto, sobre Neossolos Litólicos.
	<p><u>42 – Patamar Meridional da Chapada da Tabatinga</u> Floresta Estacional Decidual, Cerrado Florestado e Caatinga em áreas de clima Subúmido a Seco – precipitação média entre 800 e 900 mm na MR Semiárido.</p> <p>Floresta Estacional Decidual e Cerrado Florestado em áreas de clima Subúmido a Seco – precipitação média entre 800 e 900 mm na MR Cerrado.</p>	42 Ca – Caatinga e Floresta Estacional Decidual sobre Neossolos Litólicos. 42 Ce – Cerrado e Floresta Estacional Decidual. Neossolos Litólicos.
IX – ESTRUTURAS DOBRADAS DA SERRA DE JACOBINA	<p><u>43 – Serra de Jacobina</u> Cerrado Arbóreo e Refúgio Ecológico Montano em áreas de clima Semiárido - precipitação média entre 600 e 1000 mm.</p>	43 P – Pastagem e policultura sobre Neossolo Litólico.

(Continua)

Continuação da **Tabela 1** – Síntese da compartimentação dos Domínios Morfoestruturais, das Unidades Territoriais Básicas e Unidades de Paisagem no estado da Bahia

DOMÍNIOS MORFOESTRUTURAIS	UNIDADES TERRITORIAIS BÁSICAS	UNIDADES DE PAISAGEM
X – PLANALTOS E PATAMARES CRISTALINOS	<p><u>44 – Pediplano do Baixo São Francisco</u> Caatinga Arbórea Aberta em áreas de clima Semiárido e Árido – precipitação média entre 500 e 700 mm.</p>	<p>44 At2 – Cultivo de feijão, milho, mandioca sobre Luvisolo. 44P7 – Pastagem, policulturas, Pastagem e palma forrageira e castanha de caju. Neossolos Litólicos e Luvisolos. 44F – Vegetação Secundária de Floresta Estacional e Tensão Ecológica de Caatinga sobre Neossolos Litólicos e Luvisolos Hápicos.</p>
	<p><u>45 – Planalto Dissecado do Aporá</u> Caatinga/ Floresta Estacional em áreas de clima Subúmido – precipitação média entre 1.000 e 1.200 mm.</p>	<p>45 At1 – Culturas temporárias, Pastagem e sítios. Argissolos e Latossolos. 45 P – Pastagem plantada e natural, culturas temporárias e Vegetação Secundária. Planossolos, Afloramentos de Rocha, Luvisolos e Argissolos.</p>
	<p><u>46 – Planalto Oriental</u> Floresta Ombrófila Densa em áreas de clima Úmido – precipitação média entre 1.700 e 1.800 mm na MR Litoral Norte; Clima Superúmido a Úmido – precipitação média entre 1.700 e 2.100 mm na MR Recôncavo-RMS.</p>	<p>46 S – Silvicultura e Vegetação Secundária. Argissolos e Latossolos. 46 P – Pastagem plantada e natural, Vegetação Secundária. Argissolos, Latossolos e Areias. 46 P2 – Pastagem plantada e/ou natural e Vegetação Secundária. Argissolos, Latossolos e Areias. 46 F – Remanescentes de Floresta Ombrófila, Vegetação Secundária intercaladas com agropecuária, área industrial e contato entre Cerrado e Floresta. Argissolos e Latossolos.</p>
	<p><u>47 - Planalto Pre Litorâneo</u> Floresta Ombrófila Densa em áreas de clima Úmido – precipitação média entre 1.200 e 1.700 mm na MR Recôncavo-RMS; Clima Úmido e Superúmido – precipitação média entre 1.700 e 2.450 na MR Litoral Sul.</p>	<p>47 Ap1 – Citros, pastagem e Vegetação Secundária. Argissolos e Latossolos. 47 Ap3 – Cultivo de Cacau em sistema Agroflorestal intercalado com pastagem. Latossolos. 47 P – Pastagem plantada associada à policultura de subsistência e Vegetação Secundária. Argissolos eutróficos e Neossolos Litólicos. 47 F – Remanescentes da Floresta Ombrófila Densa com cultivo de cacau, dendê, piaçava etc. e Vegetação Secundária com palmeiras. Latossolos e Argissolos. 47m – Vegetação Arbórea e Arbustiva e mangue. 47 D – Uso diversificado, cultivo de coco-da-baía; aglomerados urbanos; ocupações ribeirinhas e costeiras; ocupação turística, sítios de lazer e beleza cênica. Latossolos Amarelos.</p>
	<p><u>48 – Colinas e Serras Pré Litorâneas</u> Floresta Estacional Semidecidual em áreas de clima Subúmido – precipitação média em torno de 1.100 mm na MR Recôncavo-RMS. Floresta Ombrófila Densa em áreas de clima Úmido a Subúmido – precipitação média entre 1100 e 2000 mm na MR Litoral Sul. Floresta Ombrófila Densa em áreas de clima Úmido a Subúmido - precipitação média entre 1100 e 2000 mm na MR Semiárido.</p>	<p>48 Ap1 – Citros associado à policultura, intercalado com pastagens e áreas de Florestas. Argissolos. 48 Ap3 – Cultivo de Cacau em sistema agroflorestal, policultura, Pastagem e Vegetação Secundária. Argissolos. 48 P – Pastagem. Argissolos.</p>

(Continua)

Continuação da **Tabela 1** – Síntese da compartimentação dos Domínios Morfoestruturais, das Unidades Territoriais Básicas e Unidades de Paisagem no estado da Bahia

DOMÍNIOS MORFOESTRUTURAIS	UNIDADES TERRITORIAIS BÁSICAS	UNIDADES DE PAISAGEM
X – PLANALTOS E PATAMARES CRISTALINOS	<p><u>49 – Planalto Soerguido</u> Floresta Estacional Decidual e Caatinga Arbórea Aberta em áreas de clima Semiárido – precipitação média entre 500 e 800 mm.</p>	<p>49 P – Pastagem plantada e natural associada à policultura de subsistência e Vegetação Natural sobre Latossolos e Argissolos. 49 F – Remanescentes de Floresta Estacional com agropecuária e Vegetação Secundária sobre Latossolos e Argissolos.</p>
	<p><u>50 – Colinas e Residuais da Cobertura</u> Floresta Ombrófila Densa em áreas de clima Úmido a Subúmido – precipitação média entre 1150 e 1400 mm.</p>	<p>50 At3 – Cultivo de Cana-de-açúcar. Latossolos e Argissolos. 50 Ap3 – Cultivo de cacau associado à Mata Atlântica cabrucada. Neossolos Flúvicos e Cambissolos. 50 S – Silvicultura de eucalipto, fragmentos de Vegetação Secundária, Pastagem e policultura. Latossolos e Argissolos. 50 P – Pastagem, associada à cana-de-açúcar e eucalipto. Latossolos e Argissolos. 50 F – Remanescentes de Floresta Ombrófila Densa. Latossolos Amarelos.</p>
	<p><u>51 – Piemonte Oriental do Maciço de Jucuruçu</u> Floresta Ombrófila Densa em áreas de clima Subúmido – precipitação média entre 1.150 e 1.200 mm.</p>	<p>51 S – Silvicultura de eucalipto. Latossolos Amarelos, argilosos e Argissolos Amarelos 51 P – Pastagem, eucalipto, fragmentos remanescentes de Floresta Ombrófila e Vegetação Secundária. Latossolos e Argissolos Vermelho-Amarelo. 51F – Remanescentes de Floresta Ombrófila Densa. Latossolos Amarelos.</p>
	<p><u>52 – Maciço de Jucuruçu</u> Floresta Estacional Semidecidual em áreas de clima Subúmido a Seco – precipitação média entre 1.100 e 1.200 mm</p>	<p>52 P – Pastagem, cultivo de cacau em sistema Agroflorestal, fragmentos remanescentes de Floresta e Vegetação Secundária. Latossolos e Argissolos Vermelho Amarelos.</p>
	<p><u>53 – Patamar de Casa Nova</u> Caatinga Arbórea Aberta em áreas de clima Semiárido e Árdio – precipitação média entre 500 e 700 mm.</p>	<p>53 Ca – Caatinga Arbórea Aberta, em áreas de Argissolos. 53 Ce – Cerrado sobre Neossolos Quartzarênicos.</p>
	<p><u>54 – Patamar da Serra de Jacobina</u> Contato da Caatinga com Floresta Estacional em áreas de clima Semiárido – precipitação média entre 600 e 800 mm</p>	<p>54 Ad1 – Culturas diversificadas, banana, coco etc em Argissolos plínticos. 54P – Pastagem plantada e natural, sobre Argissolos plínticos. 54 F – Tensão Ecológica contato Cerrado/Floresta e Caatinga/Floresta. Sobre Argissolos e Latossolos.</p>
	<p><u>55 – Patamar Colinoso de Tapiramutá</u> Floresta Estacional Decidual em áreas de clima Semiárido – precipitação média entre 600 e 1.000 mm</p>	<p>55 At1 – Culturas temporárias feijão e milho irrigadas ou não sobre Latossolos. 55 P – Pastagem plantada e/ou natural, associada à policultura de subsistência e à Vegetação Natural, sobre Argissolos eutróficos. 55 F – Floresta Estacional Semidecidual (fragmentos naturais e/ou descaracterizados) e Vegetação Secundária sobre Argissolos eutróficos.</p>

(Continua)

Continuação da **Tabela 1** – Síntese da compartimentação dos Domínios Morfoestruturais, das Unidades Territoriais Básicas e Unidades de Paisagem no estado da Bahia

DOMÍNIOS MORFOESTRUTURAIS	UNIDADES TERRITORIAIS BÁSICAS	UNIDADES DE PAISAGEM
X – PLANALTOS E PATAMARES CRISTALINOS	<p><u>56 – Patamar Ocidental do Raso da Catarina</u> Caatinga Arbórea em áreas de clima Semiárido e Árido – precipitação média entre 400 e 600 mm.</p>	<p>56 Ad1 – Culturas diversificadas nas margens do rio Mucururé, áreas irrigadas de frutas, olericulturas e horticulturas. Neossolos Flúvicos e Latossolos. 56 Ca – Caatinga Arbórea Aberta e Cerrado. Neossolos Litólicos e Argissolos.</p>
	<p><u>57 – Patamar do Médio Rio de Contas</u> Caatinga Arbórea Aberta e Contato de Caatinga e Floresta Estacional Decidual em áreas de clima Semiárido – precipitação média em torno de 700 mm.</p>	<p>57 P – Pastagem associada à Vegetação Natural. Latossolos e Argissolos. 57 Ca – Caatinga sobre Latossolos e Argissolos.</p>
	<p><u>58 – Patamar Oriental do Planalto de Vitória da Conquista</u> Floresta Estacional Semidecidual e Decidual em áreas de clima Semiárido – precipitação média entre 700 e 800 mm.</p>	<p>58 P – Pastagem sobre Latossolos.</p>
XI - DEPRESSÕES INTERPLANÁLTICAS CRISTALINAS	<p><u>59 – Depressão de Guanambi</u> Contato entre Caatinga Arbórea e Floresta Estacional em áreas de clima Semiárido a Subúmido – precipitação média entre 750 e 900 mm.</p>	<p>59 P – Pastagem associada a atividades agrícolas temporárias. Argissolos, Latossolos e Planossolos. 59 Ca – Contato Caatinga/Floresta . Planossolos Háplicos, Argissolos e Latossolos.</p>
	<p><u>60 – Depressão de Paramirim</u> Caatinga Arbórea Aberta e Contato entre Cerrado/ Caatinga Arbórea/ Floresta Estacional em áreas de clima Semiárido – precipitação média em torno de 700 mm.</p>	<p>60 P – Pastagem e atividades agrícolas ao longo do rio Paramirim sobre Argissolos eutróficos e Latossolos. 60 Ca – Caatinga com Pastagem sobre Latossolos.</p>
	<p><u>61 – Depressão Sertaneja de Curaçá</u> Caatinga Arbórea Aberta em áreas de Clima Árido – precipitação média entre 400 e 500 mm .</p>	<p>61 Ai1 – Culturas irrigadas de manga, uva e etc sobre Cambissolos, Argissolos e Luvisolos. 61 P – Pastagem associada à Vegetação Secundária sobre Argissolos e Neossolos Litólicos. 61 Ca – Caatinga sobre solos Neossolos Litólicos, Planossolos Solódicos e Nátricos. 61 F – Floresta de galeria. Planossolo Nátrico.</p>

(Continua)

Continuação da **Tabela 1** – Síntese da compartimentação dos Domínios Morfoestruturais, das Unidades Territoriais Básicas e Unidades de Paisagem no estado da Bahia

DOMÍNIOS MORFOESTRUTURAIS	UNIDADES TERRITORIAIS BÁSICAS	UNIDADES DE PAISAGEM
XI – DEPRESSÕES INTERPLANÁTICAS CRISTALINAS	<p><u>62 – Depressão Sertaneja</u> Caatinga Arbórea Aberta e Contato entre Cerrado/ Caatinga Arbórea/ Floresta Estacional em áreas de clima Semiárido – precipitação média entre 400 e 700 mm na MR Semiárido.</p> <p>Floresta Estacional Decidual em áreas de clima Subúmido a Seco – precipitação média entre 900 mm a leste e 700 mm a oeste na MR Recôncavo-RMS.</p>	<p>62 At2 – Cultivos de cana-de-açúcar, policultura comercial, culturas irrigadas e sisal. Neossolos Regolíticos e Latossolos.</p> <p>62 P – Pastagem plantada e natural sobre Planossolo Háplico, Neossolos Litólicos e Luvisolos Háplicos.</p> <p>62 Ca – Caatinga e Vegetação Secundária e atividades agropastoris. Sobre Planossolos Háplicos, Vertissolos, Luvisolos e Neossolos Litólicos.</p> <p>62 F – Floresta de galeria. Planossolo Nátrico.</p>
	<p><u>63 – Depressão Interplanática de Itabuna-Itapetinga</u> Floresta Estacional Semidecidual e Decidual em áreas de clima: Semiárido - precipitação média entre 850 e 950 mm na MR Semiárido.</p> <p>Úmido a Subúmido e Subúmido a Seco – precipitação média entre 850 e 1.900 mm na MR Litoral Sul.</p>	<p>63 Ap3 – Cultivo de cacau em sistema agroflorestal. Argissolos e Chernossolos Argilúvicos.</p> <p>63 P – Pastagem em ambiente de Floresta Semidecidual e Decidual. Chernossolos Argilúvicos, Cambissolos Háplicos e Luvisolos Crômicos.</p>
	<p><u>64 – Colinas e Morros na Depressão do rio Jequitinhonha</u> Floresta Estacional Semidecidual em áreas de clima Subúmido a Seco – precipitação média entre 950 e 1300 mm.</p>	<p>64 P – Pastagem, remanescentes de Floresta Semidecidual e cultivo de cacau. Latossolos e Argissolos.</p>
	<p><u>65 – Residuais nas Depressões Interplanáticas</u> Caatinga Arbórea e/ou Arbustiva Densa e Aberta sob ação do clima Semiárido e Árido – precipitação média entre 400 e 700 mm.</p>	<p>65 Ca – Caatinga, Vegetação Secundária. Neossolos Regolíticos e Litólicos.</p>

Fonte: Elaboração Consórcio Geohidro-Sondotécnica, 2013

2.4 Macrorregião Litoral Sul

Na estruturação metodológica foram individualizados cinco domínios morfoestruturais na Macrorregião Litoral Sul, os quais englobam 13 Unidades Territoriais Básicas que estão visualizadas no **Cartograma 1**, indicadas por números arábicos. A seguir, caracterizadas pelas suas propriedades geoambientais, as Unidades Territoriais Básicas servirão também de base para serem subdivididas, de acordo com o sistema sócioprodutivo do uso da terra sobre determinado tipo de solo e relevo, em 36 Unidades de Paisagem, indicadas pelo número da UTB, seguido de letra-símbolo que representa o tipo de uso da terra.

Descrições dos Domínios Morfoestruturais, das Unidades Territoriais Básicas (UTBs) e Unidades de Paisagem (UPs) do Litoral Sul.

A seguir serão caracterizadas todas as compartimentações que integralizam o sistema natural e sócioprodutivo, relacionados ao tipo de uso da terra, da macrorregião do Litoral Sul.

I - Domínio Morfoestrutural dos Depósitos Sedimentares Recentes da MR Litoral Sul

Os Depósitos Sedimentares compreendem duas Unidades Territoriais Básicas: Planícies Marinhas e Fluvio marinhas resultantes dos depósitos marinhos e fluvio marinhas do período Quaternário; e as Planícies Fluviais resultantes da acumulação fluvial também do Quaternário.

As Planícies e os modelados litorâneos compreendem sedimentos pouco consolidados ou inconsolidados, englobando modelados de origem marinha, fluvio marinha e eólica que traduzem as etapas de evolução do litoral e dos cursos inferiores dos rios, em áreas de clima Superúmido a Úmido com Formações Pioneiras.

1 – Planícies Marinhas e Fluvio marinhas.

Esta unidade está distribuída numa faixa do litoral do estado da Bahia inserida no domínio morfoestrutural denominado Depósitos Sedimentares Recentes e na Zona Fitoclimática das Formações Pioneiras, sob ação do clima Úmido a Superúmido, com precipitação média anual entre 2.000 e 2.500 mm, no setor da baía de Camamu e de 1.350 a 2.000 mm, no setor sul a partir de Ilhéus.

O relevo dessa unidade é constituído por um complexo de modelados representados por deltas, estuários, praias, cordões litorâneos, restingas, dunas, terraços e planícies, fisionomias resultantes da ação das correntes marinhas, aportes fluviais e das ações eólicas. As faixas de praias muitas vezes se alargam devido à presença das falésias, formas de relevo originárias do recuo dos Tabuleiros Costeiros e comuns no trecho entre as localidades de Prado e Camuraxatiba. As paleofalésias, quando recuadas e indicando antigos posicionamentos da linha de costa, ocorrem entre Ponta de Corumbau e Santa Cruz de Cabralia. Os cordões arenosos formam feixes de restingas intercaladas por sulcos paralelos. As dunas mais recentes estão mais próximas da praia e são constituídas de material mais grosseiro que as mais antigas situadas mais afastadas do mar. Os recifes, bancos de arenitos localizados paralelamente à costa, são encontrados de Ponta de Areia até o norte de Santa Cruz Cabralia.

Todas essas formas de relevo são modeladas nos depósitos arenosos, síltico-lamosos e argilosos de idade Quaternária onde se desenvolvem os solos Neossolos Flúvicos, Gleissolos Indiscriminados e Gleicos nas áreas embrejadas e Espodossolos Humilúvicos e Ferrihumilúvicos, Neossolos Quartzarênicos Hidromórficos e não Hidromórficos, nas planícies costeiras.

Sobre esses solos desenvolve-se a vegetação das Formações Pioneiras as quais têm origem marinha, fluvio marinha. As de origem marinha estão representadas pelas Restingas. A vegetação de origem fluvio marinha é constituída pelos mangues, e suas variações, próximo à desembocadura dos rios, nos baixos cursos, destacando-se em extensão, o rio Peruípe.

As cidades que integram esta unidade são: Itaparica, Vera Cruz, Jaguaripe, Valença, Cairu, Nilo Peçanha, Ituberá, Itacaré, Ilhéus, Canavieiras, Belmonte, Santa Cruz de Cabralia, Prado, Alcobaça, Caravelas, Nova Viçosa e Mucuri.

Os processos morfodinâmicos estão relacionados à ação dos fatores marinhos, fluvio marinhas e eólicos, que comandam nessa unidade.

De acordo com as variações do uso da terra e das características morfopedológicas, quatro Unidades de Paisagem compõem a presente UTB:

1 (S) – Planícies Marinhas e Fluvio marinhas (com Silvicultura de eucalipto). Os solos dominantes são os Neossolos Quartzarênicos textura grossa e Flúvicos eutróficos textura média, Espodossolos Humilúvicos textura grossa e Organossolos textura média.

1 (P) – Planícies Marinhas e Fluvio-marinhas com Pastagem e policultura. Os solos dominantes são os Argissolos Vermelho Amarelos aluminicos de textura média, em relevo plano e suave ondulado.

1(F) – Planícies Marinhas e Fluvio-marinhas com áreas Remanescentes de Floresta Ombrófila Densa. Gleissolos Háplicos aluminicos textura média e Espodossolos Humilúvicos textura grossa.

1D – Planícies Marinhas e Flúvio-marinhas com uso diversificado: aglomerados urbanos; ocupações ribeirinhas e costeiras; áreas de ocupação turística, sítios de lazer e beleza cênica; cultivo de coco; áreas com vegetação de mangue (**m**), restinga arbustiva, herbácea e arbórea; brejos e áreas destituídas de vegetação. Pequenas áreas com cultivo de cacau em sistema agroflorestal (**Ap3**). Os solos estão representados por Neossolos Flúvicos, hidromórficos, com ou sem salinidade e solos Gleicos, em relevo plano. Areias quartzarênicas.

2 – Planícies Fluviais.

Compreendem os depósitos fluviais predominantemente arenosos, inconsolidados e estão distribuídas de forma descontínua inseridas em outras Unidades Territoriais Básicas. Compreendem as várzeas com planícies mais recentes e terraços recentes e antigos. Os solos dominantes são os Neossolos Flúvicos de textura indiscriminada; Neossolos Quartzarênicos Hidromórficos e não Hidromórficos em relevo plano.

A vegetação de influência fluvial corresponde a uma formação herbácea-graminóide como nos rios Jucuruçu e Buranhém. Essa vegetação das Formações Pioneiras está formada sob a influência do clima Úmido a Superúmido com precipitação média anual entre 1.500 e 2.600 mm.

Os processos morfogenéticos que mais interferem na ação da erosão nas planícies fluviais, formadas por depósitos sedimentares bastante frágeis com relação à erosão, são os desbarrancamentos das margens dos rios, a permeabilidade dos solos e a ação das enchentes temporárias. Duas Unidades de Paisagem compõem essa UTB.

2Ap3 – Planícies Fluviais, com cultivo de cacau associado à Mata Atlântica cabrucada nos demais vales; há um predomínio de brejos mapeados com a letra (**F**), desenvolvido em Neossolos Flúvicos indiscriminados e Gleissolos. Os Cambissolos argilosos dominam nas bordas íngremes que emolduram os vales, como no rio Mucuri. Na planície do rio Jequitinhonha os solos predominantes são Neossolos Flúvicos e Gleissolos, todos em relevo plano.

2P – Planícies Fluviais com Pastagem associada à cultura temporária, Argissolos Vermelho eutróficos textura média e Gleissolos Háplicos Aluminicos textura média.

II - Domínio Morfoestrutural dos Tabuleiros, Planaltos e Depressões com Coberturas Sedimentares da MR Litoral Sul

Essa unidade corresponde aos Domínios Morfoestruturais dos Depósitos de Coberturas constituídos por sedimentos de origem continental do Grupo Barreiras, de formação arenítica e cores variegadas com estratificações plano-paralelas e presença de conglomerados basais de quartzo, granulitos, arenitos, etc. Essa cobertura forma tabuleiros planos de topos tabulares ou dissecados por entalhes de vales, com dimensões variáveis.

Esse domínio abrange, na região do Litoral Sul, duas Unidades Territoriais Básicas assim caracterizadas:

4 – Tabuleiro Costeiro do Litoral Sul.

Distribui-se de forma descontínua, a partir do sul do rio Cachoeira, em Ilhéus, até o limite sul do estado da Bahia e localiza-se totalmente dentro desta macrorregião.

Enquadra-se na Zona Fitoclimática da Floresta Ombrófila Densa sob ação de clima Úmido com precipitação média anual entre 1.200 e 1.900 mm, sob as quais se desenvolvem solos profundos e bem drenados, de baixa fertilidade, mas muito procurados para utilização com agricultura desenvolvida e pecuária de corte.

Encontra-se em posição altimétrica inferior a 100 m e apresenta-se inclinado para o mar. A drenagem é integrada por pequenas bacias independentes que deságuam diretamente no oceano e pelo baixo curso dos rios Pardo, Jequitinhonha, Buranhém, Jucuruçu, Itanhém, Peruípe e Mucuri. Duas cidades mais importantes, Eunápolis e Teixeira de Freitas, são englobadas por esta UTB. Os processos morfodinâmicos estão representados pelo escoamento difuso, erosão laminar ligeira e infiltração.

Por ser uma unidade intensamente utilizada no aspecto agrossilvopastoril, foi subdividida em seis UPs assim caracterizadas:

4At3 – Tabuleiro Costeiro com cultivo de cana-de-açúcar com maior destaque ao sul e sudeste de Medeiros Neto, onde se localiza a Usina Santa Maria; no entorno da localidade de Argolo e ao sul do rio Mucuri, entre Taquarinha e Belo Cruzeiro, estendendo-se para o sul. As superfícies são planas e, altimetricamente, mais elevadas, com presença de muitas lagoas nas nascentes de córregos formadores do Rio Peruípe, próximo à Agrovila Panorama. Os solos mais representativos são os Argissolos Amarelos distróficos e aluminicos de textura arenosa/média e média/argilosa, em relevo plano e suave ondulado.

4Ap3 - Tabuleiro Costeiro do Litoral Sul com Cultivo de cacau associado à Mata Atlântica cabrucada. Desenvolvidos em Latossolos Vermelho Amarelos alumínicos e distróficos de textura fina e Argissolos Vermelho Amarelos eutróficos de textura média.

4S – Tabuleiro Costeiro com silvicultura de eucalipto. Cultivo dominante a partir do baixo curso do rio Jequitinhonha para o sul, com maior concentração ao sul do rio Jucuruçu. Os solos dominantes são Latossolos Amarelos distróficos, de textura argilosa e Argissolos Amarelos distróficos de textura arenosa/média e média/argilosa, relevo plano e suave ondulado.

4P – Tabuleiro Costeiro com Pastagem e policultura. Nas áreas de Pastagem, onde há cultivo de cana-de-açúcar, a representação no mapa é **(P1)**; Pastagem e eucalipto **(P5)**; Pastagem e cultivo de café e mamão **(P6)**; Pastagem e Floresta cabrucada, localizada, principalmente, na margem esquerda do rio Jequitinhonha **(P4)**. A policultura comercial e de subsistência é encontrada em torno dos assentamentos Riacho das Ostras e Treze de Abril. Os solos são Latossolos Amarelos alumínicos e distróficos, textura argilosa e muito argilosa e Argissolos Amarelos alumínicos e distróficos, de textura arenosa/média e média/argilosa, em relevo plano e suave ondulado.

4F – Tabuleiro Costeiro com áreas remanescentes de Floresta Ombrófila Densa e Vegetação Secundária em avançado estágio de regeneração. Os solos dominantes são os Latossolos Amarelos distróficos, argilosos, Argissolos Amarelos distróficos, de textura arenosa e média/argilosa e Espodossolos Humilúvicos e Ferrihumilúvicos, arenosos, sob vegetação de Muçununga. O relevo é plano e suave ondulado. É nessa unidade que se localizam as Reservas Indígenas Mata Medonha e Barra Velha, a RPPN – Estação Vera Cruz/Veracel, a APA de Coroa Vermelha, o Parque Nacional do Pau Brasil, a Área de Proteção Ambiental de Caraíva/Trancoso, o Parque Nacional e Histórico do Monte Páscoa e o Parque Nacional do Descobrimento.

4D – Tabuleiro Costeiro do Litoral Sul com uso diversificado, cultivo de coco-da-baía; aglomerados urbanos; ocupações ribeirinhas e costeiras; ocupação turística, sítios de lazer e beleza cênica. Argissolos Amarelos distróficos textura grossa e Espodossolos Humilúvicos textura grossa, em relevo plano.

5 – Tabuleiro Pré-Litorâneo.

Compõe o Domínio Morfoestrutural dos Depósitos de Coberturas Tércio-Quaternárias, constituído por depósitos eluvionares e secundariamente coluvionares predominantemente arenosos, com níveis conglomeráticos. A Zona Fitoclimática que se enquadra nessa unidade é formada pela Floresta Ombrófila Densa em clima Úmido com precipitação média anual entre 1.350 e 1.800 mm.

Essa unidade compreende tabuleiro dissecado em lombas e colinas com topos tabulares e convexos e interflúvios extensos, modelado sobre as coberturas detríticas e apresenta altitude média em torno de 200 m. Esta unidade tem pouca representatividade areal nesta macrorregião, sendo mais expressiva na macrorregião da RMS. É drenada pelo baixo curso dos rios Dona, Jequiriçá e Una e tem como processos morfodinâmicos mais recorrentes o escoamento superficial difuso e erosão laminar ligeira. Na região do litoral sul engloba apenas duas Unidades de Paisagem.

5 Ad2 – Tabuleiro Pré-Litorâneo com Culturas diversificadas de cacau, mandioca, dendê, cravo da Índia, pimenta do reino etc. Latossolos de textura argilosa e muito argilosa nos planos e suave ondulados e Argissolos de textura média/argilosa nas vertentes de relevo ondulado.

5P – Tabuleiro Pré-Litorâneo com Pastagem e remanescentes de Vegetação Secundária da Floresta Ombrófila com palmeiras. As coberturas detríticas originaram os Latossolos Amarelos distróficos, de textura argilosa e muito argilosa e Argissolo de textura média/argilosa que ocorrem em relevo plano e suave ondulado.

III - Domínio Morfoestrutural da Bacia e Cobertura Sedimentar do Recôncavo, Tucano/Jatobá na MR Litoral Sul

A Bacia Sedimentar do Recôncavo corresponde ao setor meridional da fossa tectônica do Recôncavo-Tucano/Jatobá, limitada a oeste, pela Falha de Maragogipe, localmente marcada por escarpa, e a leste pelo “horst” oriental. A Zona Fitoclimática que engloba este domínio é constituída de Floresta Ombrófila Densa sob ação do clima Superúmido e Úmido. Abrange uma UTB intitulada Baixada Litorânea do Recôncavo.

13 – Baixada Litorânea do Recôncavo.

Agrupadas no domínio da bacia e cobertura sedimentar é constituída por folhelhos, arcóseos e arenitos os quais foram modelados em lombas e colinas. Está inserida na área de Floresta Ombrófila Densa em clima Úmido e Superúmido com precipitação média anual entre 2.400 e 2.500 mm.

Representa um conjunto de colinas rebaixadas situadas entre as planícies marinhas e fluviomarinhas a leste da falha de Maragogipe, se estendendo entre Salinas da Margarida a norte, e Marauá a Sul, e tem maior representatividade na macrorregião da RMS que bordeja a Baía de Todos os Santos. A rede de drenagem contorna essas áreas de altitudes abaixo de 100 m. Os processos morfodinâmicos estão associados à ação do escoamento superficial difuso e erosão

laminar moderada com eventuais deslizamentos. Os principais centros urbanos que integram esta unidade são: Igrapiúna e Marau.

13P2 – Baixada Litorânea do Recôncavo com Pastagem associada ao coco-da-baía. Áreas de pastagem com coco-da-baía e dendê na região de Santiago do Iguape. Os Argissolos encontram-se em áreas dissecadas de relevo ondulado e forte ondulado.

13F – Baixada Litorânea recoberta por Vegetação Secundária em áreas de Floresta Ombrófila Densa com palmeiras. Essa vegetação encontra-se em diferentes estágios de regeneração, intercalada por pastagens e culturas de piaçava, dendê e coco-da-baía. Ocorrem, também, núcleos urbanos e áreas de ocupação turística e sítios de lazer. Os solos predominantes são Argissolos Vermelho-Amarelos de textura média/argilosa e Neossolos Quartzarênicos, ambos aluminicos e distróficos, que se distribuem por superfícies de relevo suave ondulado e ondulado.

13D – Baixada Litorânea do Recôncavo com uso diversificado, cultivo de coco-da-baía; aglomerados urbanos; ocupações ribeirinhas e costeiras; ocupação turística, sítios de lazer e beleza cênica. Espodossolo Humilúvico textura grossa e Organossolo textura média.

IV - Domínio Morfoestrutural da Bacia e Cobertura Sedimentar do Rio Pardo da MR Litoral Sul

A Bacia Sedimentar do Rio Pardo é integrada pela bacia geológica onde se depositaram os sedimentos que compõem as rochas carbonáticas do Grupo Rio Pardo, com áreas localizadas recobertas por material do Grupo Barreiras. Trata-se de uma bacia de sedimentação quase toda balizada por falhas principalmente de sentido NO-SE, o que reflete em alguns trechos de cursos retelinizados dos rios. Esse domínio abrange uma Unidade Territorial Básica.

20 – Tabuleiro do Rio Pardo.

Posicionado quase que integralmente na macrorregião do Litoral Sul, onde se localizam as cidades de Pau Brasil e Camacan, se estende, em função da divisão das macrorregiões do estado, pela região do Semiárido. Localizada em ambas as margens do rio Pardo esta unidade faz parte do domínio das bacias e coberturas sedimentares em ambiente de Floresta Ombrófila Densa sob clima Úmido a Subúmido com precipitação média anual entre 1.200 e 1.400 mm. Trata-se de uma bacia sedimentar com siltitos, conglomerados, filitos, metassiltitos e calcários, onde os interflúvios dos modelados apresentam topos tabulares e às vezes convexos, configurando colinas e outeiros. A área é drenada por afluentes do baixo curso do rio Pardo e os processos morfodinâmicos mais atuantes são o escoamento difuso, erosão laminar ligeira com eventual movimento de massa no período chuvoso. A altitude está entre 100 e 400 m e abrange as cidades de Camacã e Pau Brasil, localizadas a norte da unidade. Apenas uma Unidade de Paisagem representa esta UTB, a seguir caracterizada.

20Ap3 – Tabuleiros do Rio Pardo com cultivo de cacau em sistema agroflorestal (cabruca) intercalado por policulturas e pastagem (**P**), principalmente ao sul da unidade. Os solos são Argissolos Vermelho-Amarelos distróficos e eutróficos de textura média/argilosa, em relevo suave ondulado e ondulado, e Latossolos Amarelos distróficos, textura argilosa que ocupam os topos suavizados das coberturas remanescentes relacionadas ao Grupo Barreiras.

X - Domínio Morfoestrutural dos Planaltos e Patamares Cristalinos da MR Litoral Sul

O Domínio Morfoestrutural dos Planaltos Cristalinos engloba áreas de litologias do Pré-Cambriano, principalmente charnockitos e granulitos, cujas marcas da tectônica evidenciam-se pelo direcionamento da drenagem e das linhas de cumeadas. O planalto apresenta-se dissecado pela ação do clima tropical Úmido a Superúmido o qual favorece a Floresta Ombrófila Densa que aí ocorre, constituindo uma Zona Fitoclimática. Esse domínio morfoestrutural abrange cinco Unidades Territoriais Básicas, abaixo relacionadas e descritas:

47 – Planalto Pré-Litorâneo.

Trata-se de uma UTB localizada desde a cidade de São Félix na margem do rio Paraguaçu na macrorregião Recôncavo-RMS, até o rio Pardo nas proximidades de Santa Luzia, constituindo uma faixa paralela ao litoral no sentido N-S.

Integra o domínio dos planaltos cristalinos na área de Floresta Ombrófila Densa sob ação de clima Úmido com precipitação média anual entre 1.700 e 2.450 mm. Compreende uma faixa estreita margeando os modelados da bacia sedimentar do litoral. Trata-se de relevo dissecado em colinas de fraco aprofundamento da drenagem, desenvolvida sobre as rochas gnáissicas e charnockíticas, do Complexo Jequié. A área é drenada por bacias independentes, destacando-se os baixos cursos dos rios Jequiriçá, Una, Engenho e das Almas. A altitude está entre 150 e 300 m. Os processos morfodinâmicos mais atuantes estão relacionados com o escoamento superficial, deslizamento no período chuvoso, formação de sulcos nas vertentes e terracetes provocados pelo pisoteio do gado, obedecendo às curvas de nível ao longo das vertentes.

As cidades que integram esta UTB, na macrorregião do Litoral Sul são: Aratuípe, Presidente Tancredo Neves, que fica no contato entre esta unidade e o Tabuleiro Pré-Litorâneo e Buerarema que está no contato com a unidade da Depressão de Itabuna e Itapetinga. Quatro Unidades de Paisagem abrangem esta UTB.

47Ap3 – Planalto Pré-Litorâneo com áreas em cultivo de cacau sob sistema agroflorestal e áreas intercaladas com Pastagem. Os solos predominantes são Latossolos Vermelho-Amarelos distróficos com alto teor em alumínio trocável e eutróficos, ricos em bases. Apresentam textura argilosa e muito argilosa e ocupam os relevos ondulados e forte ondulados.

47P – Planalto Pré-Litorâneo, utilizado com Pastagem em ambiente de Floresta Ombrófila Densa, ao norte do rio Jequiriçá. Os solos dominantes são Argissolos Vermelho-Amarelos distróficos, de textura média/argilosa, em relevo ondulado e forte ondulado.

47F – Planalto Pré-Litorâneo, com áreas de fragmentos remanescentes de Floresta Ombrófila Densa e Vegetação Secundária com palmeiras, em diferentes estágios de regeneração. São encontrados fragmentos de mata com cultivo de cacau em sistema agroflorestal; áreas com policultura, cultivo de dendê, piaçava, etc. Os solos estão representados pelos Latossolos Vermelho-Amarelos e Argissolos Vermelho-Amarelos, ambos distróficos e de textura argilosa, em relevo ondulado e forte ondulado.

47 D – Planalto Pré-Litorâneo com uso diversificado, cultivo de coco-da-baía; aglomerados urbanos, ocupações ribeirinhas e costeiras, ocupação turística, sítios de lazer e beleza cênica. Latossolos Amarelos aluminicos textura fina e Vermelho Amarelos distróficos textura média, em relevo plano.

48 – Colinas e Serras Pré-Litorâneas.

Constituindo o setor oeste da macrorregião do litoral sul, esta unidade, que engloba as cidades Teolândia, Wenceslau Guimarães, Gandú, Piraí do Norte, Aurelino Leal, Itapitanga, Coaraci, Almadina, Floresta Azul, Jussari, Arataca e Santa Luzia, se estende pela macrorregião do semiárido cortada no sentido W-E, pelas curvas do rio de Contas. É compartimentada a sul pela Depressão de Itabuna/Itapetinga tornando a unidade das Colinas e Serras Pré-Litorâneas descontínuas, constituindo o bloco de Ubatã e o bloco de Arataca, esta, a sul.

Fazem parte dos Domínios Morfoestruturais dos Planaltos Cristalinos em área de Floresta Ombrófila Densa, sob ação de clima Úmido a Subúmido com precipitação média anual entre 1.100 mm e 2.000 mm. Compreende um conjunto de modelados representados por serras estruturadas, morros e colinas, que circundam um planalto e estão esculpido nos gnaisse charnockíticos. A drenagem é comandada pelo baixo curso do rio Jequiriçá ao norte, pelo rio de Contas ao centro e pelo rio Salgado ao sul. Os processos morfodinâmicos mais atuantes são as ações do escoamento difuso e concentrado, que associado à erosão laminar moderada geram, no período chuvoso, sulcos sobre determinadas vertentes. A altitude varia de 100 a 700 m. Duas Unidades de Paisagem abrangem esta UTB.

48Ap3 – Colinas e Serras Pré-Litorâneas com áreas sob cultivo em sistema agroflorestal (cacau) e áreas isoladas de policultura, Pastagem e fragmentos de Vegetação Secundária da floresta em diversos estágios de regeneração. Os solos são Argissolos Vermelho-Amarelos, predominantemente eutróficos, de textura média/argilosa em relevo ondulado e forte ondulado.

48P – Colinas e Serras Pré-Litorâneas com predomínio de Pastagem recobrimo Argissolos Vermelho-Amarelos eutróficos, textura média/argilosa, em relevo ondulado e forte ondulado.

50 – Colinas e Residuais das Coberturas.

Localizadas margeando o Tabuleiro Costeiro do Litoral Sul na região de Eunápolis, Itabela e Ibirapóã, esta UTB é inerente apenas à macrorregião descrita.

Integram o Domínio Morfoestrutural dos Planaltos Cristalinos na área de Floresta Ombrófila Densa, sob ação de climas Úmido e Subúmido, com precipitação média anual entre 1.150 mm e 1.400 mm. Representam uma superfície dissecada, caracterizada por interflúvios tabulares e ligeiramente abaulados, alguns dos quais resultantes de remanescentes da cobertura do Grupo Barreiras sobre os metatexitos. É composta principalmente pelos rios Peruípe, Santo Antônio, João de Tiba e dos Frades, entre Itabela e Itagimirim. Mais ao sul, essa unidade é drenada pelos rios Jucuruçu, Itanhém ou Alcobaça e rio do Meio e tem como processos morfodinâmicos mais destacados o escoamento superficial difuso e a erosão laminar ligeira. Contorna trechos dos Tabuleiros Costeiros registrando altitudes médias de 200 m, abrangendo as cidades de Itagimirim, Itabela, Lajedão e Ibirapóã. Integram cinco Unidades de Paisagem abaixo representadas.

50At3 – Colinas e Residuais das Coberturas com cultivo de cana-de-açúcar a noroeste (Destilaria Ibiralcool) e sul (Lagoa do Capim) de Ibirapóã. Outra ocorrência que merece citação é a que fica a noroeste do município de Santa Cruz Cabrália, dividida pelo rio João de Tiba, onde se localiza a usina Santa Cruz. Os solos dominantes são os Latossolos Amarelos argilosos e Argissolos Amarelos de textura média/argilosa, ambos distróficos e aluminicos. O relevo da unidade varia de plano, suave ondulado a ondulado nas vertentes.

50 Ap3 - Colinas e Residuais das Coberturas com cultivo de cacau associado à Mata Atlântica cabrucada. Desenvolvidas em Neossolos Flúvicos indiscriminados e Cambissolos argilosos nas bordas íngremes que emolduram os vales, como no Rio Mucuri.

50S – Colinas e Residuais das Coberturas utilizados com silvicultura de eucalipto e fragmentos de Vegetação Secundária da Floresta Ombrófila, Pastagem e policultura, localizadas ao sul do rio Limoeiro, em Itagimirim. Os solos são Latossolos Amarelos distróficos e alumínicos, argilosos, derivados das coberturas, enquanto que os Latossolos Vermelho-Amarelos e Argissolos Vermelho-Amarelos, ambos distróficos, de textura argilosa e média/argilosa, respectivamente, resultam de alterações de rochas do cristalino, relevo suave ondulado e ondulado.

50P – Colinas e Residuais das Coberturas com Pastagem. Quando o uso dessa unidade está associado à cana-de-açúcar, estão representadas no mapa pelo símbolo alfanumérico **(P1)**, quando a Pastagem está integrada com o eucalipto o símbolo é **(P5)** e quando associada à Floresta cabrucada com cacau o símbolo é **(P4)**. Áreas com Pastagem associada à café **(P6)**. Os solos são Latossolos Amarelos alumínicos e distróficos, textura argilosa, Argissolos Amarelos alumínicos e distróficos e Argissolos Vermelho-Amarelos eutróficos, ambos de textura média/argilosa, desenvolvidos em áreas de relevo plano, suave ondulado e ondulado.

50 F - Colinas e Residuais das Coberturas com áreas Remanescentes de Floresta Ombrófila Densa. Áreas remanescentes de Floresta Ombrófila Densa e Vegetação Secundária. Os solos são os Latossolos Amarelos alumínicos textura fina sob vegetação de Muçununga. Relevo plano e suave ondulado.

51– Piemonte Oriental do Maciço de Jucuruçu.

Posicionada entre o Tabuleiro do Litoral Sul com os sedimentos do Grupo Barreiras a leste e o Maciço de Jucuruçu a oeste, esta UTB é parte integrante apenas da macrorregião descrita.

Compõem o Domínio dos Planaltos Cristalinos contidos em ambiente de Floresta Ombrófila Densa sob ação de clima Subúmido com precipitação média anual entre 1.150 e 1.250 mm. Trata-se de uma superfície muito dissecada, modelada em rochas metatexiticas. Essa unidade é drenada pelos rios Buranhém, dos Frades, Prado e Alcobaça ou Itanhém, em áreas de altitude média de 350 m, englobando a cidade de Itanhém. Os processos morfodinâmicos que vão influenciar na dinâmica do relevo na referida unidade, estão representados pelo escoamento concentrado, solifluxão, provocando terracetes e erosão laminar moderada. Três Unidades de Paisagem abrangem esta UTB.

51 S – Piemonte Oriental do Maciço de Jucuruçu com Silvicultura de eucalipto. Os solos dominantes são os Latossolos Amarelos, argilosos e Argissolos Amarelos de textura arenosa/ média e média/ argilosa, em relevo plano e suave ondulado.

51P – Piemonte Oriental do Maciço de Jucuruçu com Pastagem e fragmentos remanescentes de Floresta Ombrófila e Vegetação Secundária, destacando-se a área entre Nova Alegria e Coqueiro. Inclui áreas com Pastagem e eucalipto **(P5)**, como a noroeste de Medeiros Neto, e Pastagem com café e policulturas (pimenta do reino, urucum, coco-da-baía, mamão, maracujá, melancia, abacaxi, feijão, mandioca, milho, banana e batata doce – **(P6)**, nos assentamentos Bela Vista e fazenda Nova Dely. As áreas com Pastagem e cultivo de cacau em cabruca, a noroeste de Itamaraju, estão indicados por **(P4)**. Os solos mais representativos são os Latossolos Amarelos e Vermelho-Amarelos distróficos, de textura argilosa, e Argissolos Vermelho-Amarelos distróficos e eutróficos, textura média/argilosa, em áreas de relevo suave ondulado, ondulado e forte ondulado.

51 F - Piemonte Oriental do Maciço de Jucuruçu com áreas Remanescentes de Floresta Ombrófila Densa. Áreas remanescentes de Floresta Ombrófila Densa e Vegetação Secundária. Os solos são os Latossolos Amarelos alumínicos textura fina sob vegetação de Muçununga. Relevo plano e suave ondulado.

52 – Maciço de Jucuruçu.

Localizada no extremo oeste em contato com o estado de Minas Gerais para onde as características geoambientais dão continuidade a este bloco montanhoso, compõe o Domínio dos Planaltos Cristalinos. Pertence à Zona Fitoclimática da Floresta Estacional Semidecidual, sob ação de clima Subúmido a Seco, com precipitação média anual entre 1.100 mm e 1.200 mm, e transições a oeste, para Floresta Decidual, ocorrendo, a leste, contato com o domínio da Floresta Ombrófila Densa, em clima Subúmido em torno de 1.200 mm. Caracteriza-se por apresentar um modelado de aspecto montanhoso, relacionado com as intrusões de rochas graníticas e biotita-granito, dentre outras. Trata-se de área dispersora de drenagem representada pelo alto curso dos rios Buranhém, Jucuruçu e Itanhém, que em períodos chuvosos, os processos morfodinâmicos comandados pelo escoamento concentrado, provocam o desmoronamento de blocos e remoção do horizonte A dos solos. As altitudes estão acima de 700 m, abrangendo as cidades de Guaratinga, Jucuruçu e Vereda. Apenas uma Unidade de Paisagem engloba esta UTB.

52P – Maciço de Jucuruçu, com Pastagem e fragmentos remanescentes da Florestas e Vegetação Secundária em diversos estágios de regeneração, localizadas a noroeste do município de Guaratinga. Há áreas com cultivo de cacau em sistema agroflorestal, individualizadas no mapa como **(P4)**. Os solos estão representados pelos Latossolos Vermelho-Amarelos distróficos de textura argilosa e Argissolos Vermelho-Amarelos distróficos, de textura média/argilosa, em áreas de relevo ondulado, forte ondulado e montanhoso. Ocorrem, esparsamente, afloramentos de rocha.

XI - Domínio Morfoestrutural das Depressões Interplanálticas Cristalinas da MR Litoral Sul

Abrange relevos sobre rochas altamente metamorfozadas, áreas de escudos cristalinos que se caracterizam por terem sido submetidos à ablação intensa e influenciada pelas variações climáticas sobre as estruturas, ao longo da evolução morfogênética atual. A condição do clima Subúmido, favorece a presença de Floresta Estacional Semidecidual a Decidual.

Esse domínio morfoestrutural representa, na MR Litoral Sul, duas unidades indicadas pela Depressão Interplanáltica de Itabuna/Itapetinga e Colinas e Morros na Depressão do rio Jequitinhonha.

63 – Depressão Interplanáltica de Itabuna/Itapetinga.

Esta unidade situa-se entre os blocos das Colinas e Serras Pré-Litorâneas, seccionada pela dinâmica do rio Colônia e sobre elas localizadas as cidades de Itabuna, Itajuípe, Itapé, Ibicaraí e Itajú do Colônia. Esta UTB descrita, tem continuidade na macrorregião do semiárido onde os processos morfodinâmicos, comandados pela bacia do rio Pardo e influenciados pelas mesmas características geoambientais da área do rio Colônia, refletiu numa área contínua de pediplanação.

Na macrorregião do Litoral Sul esta depressão interplanáltica integra os domínios dos Planaltos Cristalinos e a Floresta Estacional Semidecidual a Decidual sob ação de clima Subúmido a Subúmido a Seco com precipitação média anual entre 850 mm e 1.900 mm. Caracteriza-se por um modelado de aplainamento parcialmente dissecado com incisões fracas, configurando lombadas e rampas, e áreas dissecadas em colinas e morros elaborados sobre os gnaisses charnockíticos e rochas granulíticas e sienitos. A área é drenada pela bacia dos rios Salgado e Colônia/Cachoeira. E tem como processos morfodinâmicos mais atuantes o escoamento concentrado com sulcos e bastante terracetes nas vertentes. A altitude varia de 100 a 300 m. Duas Unidades de Paisagem englobam esta UTB.

63Ap3 – Depressão Interplanáltica de Itabuna/Itapetinga com predomínio de cultivo no sistema agroflorestal, onde o cacau é mantido sob a Floresta Ombrófila Densa, cabrucada, em clima Úmido a Subúmido. Os solos dominantes são Argissolos Vermelho-Amarelos eutróficos e Chernossolos Argilúvicos, de textura média/argilosa, em relevos suave ondulado e ondulado, com relevo forte ondulado a oeste da unidade.

63P – Depressão Interplanáltica de Itabuna/Itapetinga com Pastagem em ambiente da Floresta Estacional Semidecidual a Decidual, onde se desenvolveram solos de alta fertilidade, como os Chernossolos Argilúvicos, Cambissolos Háplicos e Luvisolos Crômicos, de textura média/argilosa a muito argilosa, sob ação de clima Subúmido a Seco, em área de relevo ondulado e suave ondulado com morros isolados.

64 – Colinas e Morros na Depressão do Rio Jequitinhonha.

Localizada entre a cidade de Itapebi a leste e Ribeirão do Salto a oeste, é cortada pelo rio Jequitinhonha e banhada pela represa de Itapebi. Esta unidade se estende, numa pequena proporção areal, para a macrorregião do semiárido.

Compõem o Domínio dos Planaltos Cristalinos em zona da Floresta Estacional Semidecidual, em clima Subúmido a Seco com precipitação média anual entre 950 mm e 1.300 mm. Trata-se de área com relevo dissecado em colinas, rampas e morros isolados, elaborados nas rochas constituídas por biotita e hornblenda-gnaisses, anfíbolitos e biotita-granitoides. A drenagem é representada por trechos da bacia do rio Jequitinhonha, onde os afluentes deságuam na barragem de Itapebi. A morfodinâmica é representada pela ação do escoamento concentrado e a erosão laminar moderada. A altitude varia de 200 m a 400 m, abrangendo a cidade de Itapebi na margem direita do rio Jequitinhonha. Uma única UP representa esta unidade territorial.

64P – Colinas e Morros da Depressão do rio Jequitinhonha ocupados com pastagem e remanescentes de Floresta Semidecidual. A oeste de Itapebi ocorrem áreas com cultivos de cacau (**P4**) em sistema agroflorestal. Os solos dominantes são Latossolos Vermelho-Amarelos distróficos de textura argilosa e Argissolos Vermelho-Amarelos distróficos e eutróficos, de textura média/argilosa, em relevo suave ondulado a ondulado.

2.5 Macrorregião Recôncavo-RMS

Na estruturação metodológica foram individualizados cinco domínios morfoestruturais na Macrorregião Recôncavo-RMS, os quais englobam 11 Unidades Territoriais Básicas que estão visualizadas no **Cartograma 1** indicadas por números arábicos. A seguir, caracterizadas pelas suas propriedades geoambientais, as Unidades Territoriais Básicas servirão também de base para serem subdivididas, de acordo com o sistema sócio produtivo do uso da terra sobre determinado tipo de solo e relevo, em 32 Unidades de Paisagem, indicadas pelo número da UTB, seguido de letra-símbolo que representa o tipo de uso da terra.

Descrições dos Domínios Morfoestruturais, das Unidades Territoriais Básicas (UTBs) e Unidades de Paisagem (UPs) do Recôncavo-RMS.

A seguir serão caracterizadas todas as compartimentações que integralizam o sistema natural e sócio produtivo, relacionados ao tipo e uso da terra, da macrorregião Recôncavo-RMS.

I – Domínio Morfoestrutural dos Depósitos Sedimentares Recentes na MR Recôncavo – RMS

Os depósitos sedimentares recentes compreendem as planícies e depósitos litorâneos e fluviais do período Quaternário com sedimentos pouco consolidados ou inconsolidados, englobando modelados de origem marinha, fluviomarinha e eólica que traduzem as etapas de evolução do litoral e dos cursos inferiores dos rios, em áreas de clima Superúmido a Úmido com Formações Pioneiras. Nessa macrorregião, esse domínio abrange uma Unidade Territorial Básica, assim caracterizada:

1– Planícies Marinhas, Fluviomarinhas e Fluviais.

Estão posicionadas em áreas de clima Úmido com precipitação média anual entre 1.800 mm e 2.000 mm. Englobam modelados, compondo praias, cordões litorâneos, restingas, dunas, terraços, planícies e mangues, formas desenvolvidas dos depósitos arenosos, síltico-lamosos e argilosos de idade Quaternária. As formas mais ocorrentes são as extensas praias, às vezes limitadas por bancos de arenitos e/ou de corais e algas formando recifes, como em Arembepe, Ilha de Itaparica e alguns pontos da cidade de Salvador. Dunas, fixadas por vegetação e em parte reativadas, muitas vezes entremeadas por lagoas, estão localizadas principalmente entre Itapoã, no Parque Municipal Lagoas e Dunas do Abaeté, e Lauro de Freitas; do rio Joanes à Millenium, área denominada de Parque Municipal das Dunas de Abrantes; terras úmidas, no trecho entre a Millenium e o emissário CETREL; presença de lagoas aprisionadas em meio dos cordões litorâneos, cujos fluxos hidrológicos encontram-se algumas vezes prejudicados pela ação antrópica, outras beneficiadas com a intervenção da APA das Lagoas de Guarajuba. Todo esse trecho do litoral, de Lauro de Freitas até Barra da Pojuca representa uma área de urbanização controlada e abrange as áreas das desembocaduras dos rios Pojuca, Jacuípe, Capivara e Joanes. Os rios Pojuca e Jacuípe formam, ao longo do seu trajeto, pequenas planícies fluviais com remanescentes de Floresta e Vegetação Secundária.

Todas essas formas de relevo são modeladas nos depósitos arenosos, síltico-lamosos e argilosos de idade Quaternária onde se desenvolvem os solos Neossolos Quartzarênicos Hidromórficos e não hidromórficos, nas planícies costeiras, Neossolos Quartzarênicos nas dunas e Gleissolos nas áreas de mangues.

Sobre esses solos desenvolve-se a vegetação das formações pioneiras as quais tem origem marinha, fluviomarinha e fluvial. As de origem marinha estão representadas pelas restingas. A vegetação de origem fluviomarinha é constituída pelos mangues, e suas variações, próximo à desembocadura dos rios. A vegetação de influência fluvial corresponde a uma formação herbácea-graminóide. Os processos morfodinâmicos estão relacionados à ação dos fatores marinhos, fluviomarinhos, fluviais e eólicos e a variação do nível do lençol freático, que comandam nessa unidade.

A Unidade Territorial Básica das Planícies abrange três Unidades de Paisagem, descritas pelas suas variações do uso e ocupação do solo e pelas características morfopedológicas.

1P – Planícies Marinhas e Fluviomarinhas com Pastagem e policultura. Os solos dominantes são os Argissolos Vermelho Amarelos alumínicos de textura média, em relevo plano e suave ondulado.

1F – Planícies Marinhas e Fluviomarinhas com áreas Remanescentes de Floresta Ombrófila Densa sobre Espodossolos Humilúvicos textura grossa.

1D – Planícies Marinhas e Fluviomarinhas, com vegetação arbórea e arbustiva intercalada ou não com cultura de coco-da-baía ao longo dos cordões litorâneos; aglomerações urbanas, condomínios, sítios, em dunas e terras úmidas, com comprometimento da qualidade dos recursos hídricos superficiais e subsuperficiais; mangues, representados no mapa pelo símbolo (**m**), e estão localizados na foz do rio Jacuípe e nas margens das baías do Iguape, de Todos os Santos e Aratu, incluindo Saubara, Acupe, Santo Amaro, São Francisco do Conde e Mataripe, com cata de caranguejo. Pequenas áreas de extração de petróleo e gás (**g**). Ocorrência de área urbana (**u**).

Os solos dominantes são os Neossolos Quartzarênicos (Areias Marinhas) em relevo plano e suave ondulado; Areias eólicas das dunas em relevo ondulado e suave ondulado e Solos de Mangues Gleissolos Salinos.

2 – Planícies Fluviais.

Zona Fitoclimática Formações Pioneiras sob clima Úmido com precipitação média anual entre 1.800 e 2.000 mm.

2F – O rio Jacuípe, apresenta ao longo do seu curso, pequena planície fluvial, sujeita a inundações, com solos hidromórficos, vegetação ciliar e de contato.

2P – Planícies Fluviais com Pastagem associada à cultura temporária de subsistência, palma forrageira e Vegetação Secundária, ao longo das planícies dos rios Pojuca, Sauípe, Inhambupe e Itapicuru. Os solos dominantes são os Neossolos Flúvicos em relevo plano.

II – Domínio Morfoestrutural dos Tabuleiros, Planaltos e Depressões com Coberturas Sedimentares na MR Recôncavo – RMS

Os tabuleiros, formados pelo Domínio dos Depósitos Sedimentares abrangem relevos de topos concordantes, pouco elevados, dissecados em lombas, colinas e outeiros e formas de topos tabulares e encostas convexizadas, desenvolvidos sobre áreas de depósitos continentais, detríticos e lateríticos do Tércio-Quaternário, que mascaram as feições estruturais e, muitas vezes, identificadas como pertencentes ao Grupo Barreiras. A Zona Fitoclimática que compõe esse conjunto é constituída de Floresta Ombrófila Densa em clima Úmido. Esse domínio engloba duas UTBs.

5 – Tabuleiro Pré-Litorâneo

Localizado desde o oeste do município de Santo Amaro à norte e proximidades de Presidente Tancredo Neves a sul, abrange, na macrorregião descrita, as seguintes sedes municipais: Governador Mangabeira, Cruz das Almas, Sapeaçu, Conceição do Almeida, Santo Antônio de Jesus, Elísio Medrado e Varzedo. São drenadas pelos rios Paraguaçu, Jaguaripe, Mocambo e Dona.

Este tabuleiro faz parte da área de clima Úmido com precipitação média anual entre 1.800 mm e 1.350 mm e compreende uma superfície dissecada em lombas e colinas com topos tabulares e convexos, e interflúvios extensos, modelados sobre as coberturas detríticas predominantemente arenosas, com níveis conglomeráticos. Apresenta altitude média em torno de 200 m, e têm como processos morfodinâmicos mais recorrentes o escoamento superficial difuso e erosão laminar fraca a moderada.

De acordo com as variações de uso e as características morfopedológicas, essa UTB abrange três Unidades de Paisagem, assim caracterizadas:

5Ap1 – Tabuleiro Pré-Litorâneo com uso de citros (laranja) associados à policultura com predominância de mandioca e fumo, dentre outras, intercalados com pastagem e Vegetação Secundária. Os solos são os Latossolos Amarelos distróficos e de textura argilosa e muito argilosa em áreas de relevo plano e suave ondulado e Argissolos de textura média/argilosa em relevo ondulado e forte ondulado nas vertentes de alguns vales.

5At3 – Tabuleiro Pré-Litorâneo com cana-de-açúcar em áreas com Argissolos distróficos, textura arenosa/média com ou sem fragipã (adensamento subsuperficial) e Latossolo textura argilosa, relevo plano e suave ondulado.

5P – Tabuleiro Pré-Litorâneo com uso de pastagem. Pastagem associada à cana-de-açúcar, horticulturas, coco-da-baía, fumo, intercalada com vegetação secundária (**P1**). Pastagem plantada e/ou natural com ocorrência de coco-da-baía, mandioca e dendê, e Floresta intercalada com Vegetação Secundária (**F**). Os solos estão representados por Argissolos distróficos textura arenosa/média com ou sem fragipã (adensamento subsuperficial), relevo plano e suave ondulado.

6 – Tabuleiro interiorano

Essa unidade tem maior expressividade na Macrorregião Semiárido. Entretanto, estende-se pequena área na Macrorregião Recôncavo-RMS, não chegando a englobar nenhuma sede municipal.

De acordo com as variações de uso e as características morfopedológicas, essa UTB abrange duas Unidades de Paisagem, assim caracterizadas:

6At3 – Tabuleiro interiorano com cana-de-açúcar em áreas com Argissolos distróficos, textura arenosa/média com ou sem fragipã (adensamento subsuperficial) e Latossolo textura argilosa, relevo plano e suave ondulado.

6P – Tabuleiro interiorano com uso de pastagem. Os solos estão representados por Latossolos de textura média em relevos suave ondulado e plano.

III - Domínio Morfoestrutural da Bacia e Cobertura Sedimentar do Recôncavo, Tucano/Jatobá na MR Recôncavo – RMS

O Domínio da Bacia Sedimentar do Recôncavo/Jatobá corresponde ao setor meridional da fossa tectônica do Recôncavo-Tucano, limitada a oeste, pela Falha de Maragogipe, localmente marcada por escarpa, e a leste pela Falha de Salvador.

A Bacia do Recôncavo-Tucano-Jatobá, integra uma fossa tectônica de fundo assimétrico, com maior profundidade a leste, implantada sobre rochas pré-cambrianas do Cráton do São Francisco sobre as quais foram depositadas as diversas formações litológicas durante os períodos jurássico e cretáceo. Destaca-se a Formação São Sebastião, cretácica, depositada sobre os sedimentos marinhos do primeiro estágio do processo deposicionário, seguida

da deposição da Formação Marizal que sobrepõe os seus estratos horizontais sobre as unidades anteriores. Já no Terciário durante o Plioceno, uma nova acumulação continental foi também aí depositada representando o Grupo Barreiras, representando o soerguimento final e o basculamento geral do continente para leste.

Trata-se de um tabuleiro dissecado, constituído por arenitos e folhelhos da Formação São Sebastião e areias e argilas da Formação Marizal e localmente restos de coberturas do Grupo Barreiras, localizados sobre alguns tabuleiros, principalmente no setor norte da unidade mapeada. No trecho a oeste ocorrem arenitos, folhelhos e calcários jurássicos do Grupo Brotas. A Zona Fitoclimática que engloba esse domínio é constituída de Floresta Ombrófila Densa sob ação dos climas Superúmido e Úmido.

Esse domínio, na MR Recôncavo-RMS, abrange três UTBs intituladas Baixada Litorânea do Recôncavo, Tabuleiros Dissecados do Recôncavo e Depressão de Camaçari, abaixo caracterizadas:

13 – Baixada Litorânea do Recôncavo.

Emoldurando a baía de Todos os Santos onde se destacam as cidades Santo Amaro, Candeias, Madre de Deus, Saubara e Salinas da Margarida, esta unidade tem continuidade na macrorregião do Litoral Sul.

Inserida em clima Superúmido e Úmido com precipitação média anual entre 2.500 mm e 1.600 mm. Agrupada no domínio da bacia e cobertura sedimentar é constituída por folhelhos, arcóseos e arenitos sobre os quais foram modeladas as rampas, lombas e colinas. Representa um conjunto de colinas rebaixadas situadas entre as planícies marinhas e flúviomarinhas a leste da falha de Maragogipe e ao longo da BR-324, margeada pelos morrotes dos Tabuleiros Dissecados do Recôncavo. A rede de drenagem de alta densidade contorna essas áreas de altitudes abaixo de 100 m, principalmente tendo como bacias principais a dos rios Subaé, que desemboca na baía de Todos os Santos, desembocadura do rio Paraguaçu e Jaguaribe e o rio Joanes.

Os processos morfodinâmicos estão associados à ação do escoamento superficial difuso e à erosão laminar moderada em decorrência da presença, em algumas unidades, das argilas expansivas, submetidas em pontos localizados a fenômenos de erosão e movimentos de massa, esses aparentes por meio das marcas de solifluxão no material argiloso, com proporções significativas.

Apesar de compreender uma área pequena, essa UTB está dividida em cinco Unidades de Paisagem, em razão da grande variação nos usos da terra.

13At3 – Baixada Litorânea do Recôncavo com cana-de-açúcar em áreas de Vertissolos argilosos e Argissolos de textura média/argilosa em relevo suave ondulado. Ocorrência de área urbana (**u**).

13I – Baixada Litorânea do Recôncavo em área industrial, abrangendo o CIA Sul e CIA Norte em volta da baía de Aratu, até próximo a Candeias. Os Argissolos distróficos de textura média/argilosa estão em área de relevos suave ondulado e ondulado.

13m – Baixada Litorânea do Recôncavo, com Vegetação Arbórea e Arbustiva e mangue na foz do rio Jacuípe e nas margens das baías do Iguape, de Todos os Santos e Aratu, incluindo Saubara, Acupe, Santo Amaro, São Francisco do Conde e Mataripe, com cata de caranguejo.

13P – Baixada Litorânea do Recôncavo com pastagem plantada e/ou natural, localizada na unidade de conservação onde está posicionada a APA Joanes-Ipitanga e a APA Lagoa da CCC. Nessa unidade encontram-se áreas de exploração de petróleo e gás (**g**). Ocorre, também, associada à Pastagem, silvicultura de bambu (**S**). Os solos são os Argissolos de textura média/argilosa em relevo ondulado; Pastagem com cana-de-açúcar, em torno de Santo Amaro e São Francisco do Conde (**P1**), com solos Argissolos de textura média/argilosa e Vertissolos em relevos suave ondulado e ondulado. Já as áreas de pastagem com coco-da-baía e dendê na região de Santiago do Iguape (**P2**), os Argissolos encontram-se em áreas de relevos ondulado e forte ondulado. Todas as áreas de Pastagem estão associadas à Vegetação Secundária.

13F – Baixada Litorânea do Recôncavo com remanescentes de Floresta Ombrófila Densa, principalmente no Parque Florestal de Itaparica, no Parque Estadual de Ilha dos Frades e na Reserva Ecológica Ilha de Maré e em pequeno trecho na APA Joanes-Ipitanga e Vegetação Secundária intercalados com agropecuária localizada principalmente nas ilhas, Madre Deus e a leste de São Roque do Paraguaçu. Os Argissolos de textura média/argilosa ocupam áreas de relevos suave ondulado e ondulado.

14 – Tabuleiro Dissecado do Recôncavo.

Localizado em áreas de clima Úmido a Subúmido com precipitação média anual entre 1.300 mm e 2.000 mm, representam nesta macrorregião a porção da margem direita da bacia do rio Jacuípe. A continuidade desta unidade encontra-se na macrorregião do Litoral Norte a partir da margem esquerda do rio Jacuípe.

Trata-se de um tabuleiro muito dissecado formando colinas e morros com vertentes côncavo-convexas e topos abaulados e tabulares. As rochas dominantes apresentam intercalações de sedimentos silticos-argilosos e quartzos-arenosos da Formação São Sebastião que geram solos areno-argilosos. Na parte oeste ocorrem arenitos, folhelhos e calcários jurássicos do Grupo Brotas. A área, com altitudes inferiores a 150 m, engloba as cidades Teodoro Sampaio e

Pojuca, principalmente, drenada predominantemente pelo rio Jacuípe e Pojuca e tem continuidade na área do Litoral Norte. A morfodinâmica é conduzida pelo escoamento superficial, processo de solifluxão nas vertentes, erosão ligeira a moderada com ocasional presença de sulcos.

Na área da região metropolitana essa Unidade Territorial representa cinco Unidades de Paisagem.

14 At3 – Tabuleiro Dissecado do Recôncavo com Cultivo de cana-de-açúcar em áreas de Vertissolos Háplicos textura fina e Argissolos Vermelho Amarelos alumínicos textura média, relevo plano a ondulado.

14S – Tabuleiro Dissecado do Recôncavo com silvicultura de eucalipto e bambu nos municípios de São Francisco do Conde, Santo Amaro e Candeias. São áreas onde ocorre, também, exploração de petróleo e gás (**g**). Nesse ambiente de relevos suave ondulado e ondulado os solos são Argissolos de textura média/argilosa.

14P – Tabuleiro Dissecado do Recôncavo com pastagem plantada e/ou natural associada à policultura; pastagem plantada associada à cana-de-açúcar, horticulturas, policulturas (**P1**); Pastagem plantada associada a coco-da-baía (**P2**), intercaladas com Vegetação Secundária concentradas em torno da barragem de Santa Helena e remanescentes de Floresta Ombrófila em Mata do São João e oeste da unidade (**F**). Registram-se áreas de culturas temporárias tradicionais ao norte da referida barragem (**At1**) e exploração de petróleo e gás, mapeadas com a letra-símbolo (**g**), entre São Sebastião do Passé e Lamarão. Os solos Argissolos de textura média/argilosa estão localizados em áreas mais dissecadas com relevo ondulado e forte ondulado.

14 Ce – Tabuleiro Dissecado do Recôncavo, contato de Cerrado e Floresta com agropecuária. Área de contato Cerrado e Floresta, intercalados com agropecuária, em maior concentração nos municípios de Pedrão, Mata de São João, principalmente em torno da Represa de Santa Helena e Catu.

14 m – Tabuleiro Dissecado do Recôncavo com Vegetação Arbórea e Arbustiva e mangue na foz do rio Jacuípe e nas margens das baías do Iguape, de Todos os Santos e Aratu, incluindo Saubara, Acupe, Santo Amaro, São Francisco do Conde e Mataripe, com cata de caranguejo.

15 – Depressão de Camaçari.

Dentro da Bacia do Recôncavo, a Depressão de Camaçari está integrada totalmente na macrorregião da RMS e se diferencia das unidades circunvizinhas pela presença da vegetação de Cerrado em clima Úmido, em áreas com arenitos mais friáveis da Formação Marizal, constituídas por paraconglomerados, arenitos imaturos e folhelhos compondo, assim, uma paisagem diferenciada e justificando a sua individualização.

Contornada por relevos mais altos dos tabuleiros dissecados, essa área está submetida ao clima Úmido com precipitação média anual entre 1.900 mm e 2.000 mm. É formada por sedimentos arenitos imaturos, resultando em solos arenosos sobre rampas pedimentadas, alternados por baixios pantanosos que coincidem com os riachos formadores da rede de drenagem do rio Capivara. Complementando a paisagem, residuais de arenitos em forma de colinas, geralmente de feições monoclinais, capeados por fragmentos de arenitos e crostas ferruginosas em vias de desmantelamento. Com altitude por volta de 50 m, abrange as cidades de Dias D'Ávila e Camaçari. Essa unidade é bastante suscetível à erosão em função da friabilidade litológica onde o escoamento concentrado e a erosão laminar moderada propicia a formação de sulcos e ravinas ao longo das encostas dos morrotes e até nas áreas rampeadas e está drenada por afluentes dos rios Joanes e Jacuípe, além do Capivara. Essa UTB está representando duas Unidades de Paisagem, assim caracterizadas:

15I – Depressão de Camaçari com área industrial, abrangendo as áreas do Complexo do Cobre, COPEC e CETREL, em solos arenosos em relevo suave ondulado e morros isolados.

15Ce – Depressão de Camaçari com Cerrado Gramíneo Lenhoso sem Floresta de galeria com solos arenosos em áreas de relevos plano e suave ondulado.

15F – Depressão de Camaçari com pequenos remanescentes de Floresta Ombrófila Densa. Argissolos Vermelho Amarelos alumínicos textura média e Espodosolos Humilúvicos textura grossa, em relevo plano a ondulado.

15P – Depressão de Camaçari com Pastagem plantada e/ou natural com policultura. Os Argissolos Vermelho Amarelos alumínicos textura média estão localizados em áreas mais dissecadas com relevo ondulado e forte ondulado.

X - Domínio Morfoestrutural dos Planaltos e Patamares Cristalinos na MR Recôncavo – RMS

O domínio morfoestrutural dos planaltos cristalinos engloba áreas de litologias do Pré-Cambriano principalmente charnockitos e granulitos, cujas marcas da tectônica evidenciam-se pelo direcionamento da drenagem e das linhas de cumeadas. O planalto apresenta-se dissecado favorecido pela ação do clima Tropical Úmido a Superúmido, o qual favorece a Floresta Ombrófila Densa que aí ocorre, constituindo uma Zona Fitoclimática.

O Domínio Morfoestrutural dos Planaltos Cristalinos engloba três Unidades Territoriais: Planalto Oriental, com duas Unidades de Paisagem; Planaltos Pré-Litorâneo abrangendo duas UPs e Colinas e Serras Pré-Litorâneas que representa na macrorregião a mesma Unidade de Paisagem.

46 – Planalto Oriental.

Esta unidade inicia-se a partir da cidade de Salvador, na sua porção sul, até o rio Pojuca a norte, como integrante da macrorregião RMS, a partir daí se estende até o baixo rio Inhambupe como pertencente a macrorregião do Litoral Norte

Localizado em área de clima Superúmido a Úmido com precipitação média anual entre 1.700 mm e 2.100 mm, sobre uma faixa ao longo do litoral, que engloba da cidade de Salvador até, neste mapeamento, o rio Jacuípe, limite norte da macrorregião. Constitui um planalto dissecado em colinas e morros, representando uma paisagem de “mares de morros”, isolados por vales abertos e modelados nas rochas gnáisses charnockitos e metatexitos que formam o “horst” oriental da Fossa Tectônica. Nesse contexto, engloba as vertentes convexas, os vales e topos abaulados com coberturas do Grupo Barreiras, com maior extensão nas proximidades de Simões Filho, na via Parafuso, em Lauro de Freitas e norte do rio Joanes. As rochas alteram-se para solos argilosos, podendo desenvolver um manto intempérico espesso constituindo os Latossolos, o que associado ao declive das vertentes, fraca cobertura vegetal e interferência antrópica é comum ocorrerem os movimentos de massa, nos períodos chuvosos.

46P2 – Planalto Oriental com pastagem plantada e/ou natural com ocorrência de coco-da-baía, mandioca e dendê, intercalada com vegetação natural. A maior concentração de cultivo de coco-da-baía, nessa unidade, está entre Barra do Jacuípe e Monte Gordo e em Itacimirim (**Ap2**). Os Argissolos de textura média/argilosa em relevo ondulado e suave ondulado, Latossolos de textura média e Neossolos Quartzarênicos (Areias) ambos em áreas de relevo plano e suave ondulado, caracterizam esta unidade, localizada entre os baixos rios Jacuípe e Pojuca. Ocorrência de área urbana (**u**).

46F – Planalto Oriental com remanescentes de Floresta Ombrófila concentradas no Parque de São Bartolomeu, de Pirajá e de Pituauçu. A Vegetação Secundária intercalada com agropecuária ocorre principalmente entre as represas do rio Joanes, seguindo em direção norte, até proximidades de Arembepe. No setor oeste, em direção a Simões Filho, a área industrial (Dinurb), mapeada como (**I**) está recoberta também por Vegetação Secundária. Os solos são Argissolos de textura média/argilosa em relevo ondulado e suave ondulado e Latossolos de textura média em áreas de relevo plano e suave ondulado.

47 – Planalto Pré-Litorâneo

Compreende uma faixa entre os modelados da Bacia Sedimentar do Recôncavo a leste e os Tabuleiros Pré-Litorâneo a oeste, onde se localizam as cidades de São Felix, Cachoeira, Dom Macedo Costa, Muniz Ferreira e Nazaré, de onde a unidade tem continuidade com a região Litoral Sul numa faixa N-S acompanhando o litoral até as proximidades de Santa Luzia.

Integram áreas de clima Úmido com precipitação média anual entre 1.200 mm ao sul e 1.700 mm, ao norte. Trata-se de relevo dissecado em colinas, de fraco aprofundamento da drenagem, desenvolvida sobre as rochas gnáissicas e charnockíticas do Complexo Jequié e morros de topos tabulares com cobertura terció-quadernária, e vertentes convexas. A área é drenada pelo baixo curso das bacias dos rios Paraguaçu e Jaguaribe. A altitude está entre 100 m e 200 m e os processos morfodinâmicos estão representados pelos movimentos de massa, os quais se intensificam nas áreas de pastagens com o pisoteio de gado, enquanto o escoamento superficial difuso e concentrado provoca a formação de sulcos ravinas e terracetes. Essa unidade tem continuidade na MR Litoral Sul.

47Ap1 – Planalto Pré-Litorâneo com uso de citros (laranja) associado à policultura, com predominância de mandioca e fumo, feijão, milho, abacaxi, mamão, banana, hortaliças, intercalados com Pastagem e Vegetação Secundária em áreas de Floresta. Os Argissolos de textura média/argilosa e argilosa ocorrem em áreas de relevos ondulado e forte ondulado, e nos topos abaulados Latossolos de textura argilosa e muito argilosa, em relevos plano e suave ondulado.

47P – Planalto Pré-Litorâneo com pastagem plantada associada à policultura de subsistência e à Vegetação Secundária, na porção sul e Pastagem plantada e/ou natural associada à cultura de dendê, coco-da-baía, piaçava, à policultura de subsistência, e a Vegetação Secundária, localizada na margem esquerda do rio Paraguaçu (**P2**). A área com vegetação secundária está representada com o símbolo (**F**). Os mesmos Argissolos da unidade anterior estão associados a Argissolos eutróficos (alta fertilidade), de textura média/argilosa e Neossolos Litólicos, em áreas de relevo forte ondulado.

47 m – Planalto Pré-Litorâneo, com Vegetação Arbórea e Arbustiva e mangue, este na foz do rio Jacuípe e nas margens das baías do Iguape, de Todos os Santos e Aratu, incluindo Saubara, Acupe, Santo Amaro, São Francisco do Conde e Mataripe, com cata de caranguejo.

48 – Colinas e Serras Pré-Litorâneas

Esta unidade abrange, nesta macrorregião, apenas a serra da Jibóia que faz parte do contexto morfoestrutural das Colinas e Serras Pré-Litorâneas.

Posicionadas em áreas sob ação de clima Subúmido com precipitação média anual em torno 1.100 mm, localizadas no município de Castro Alves. Compreende um conjunto de modelados representados por serras

estruturadas, morros e colinas, e estão esculpidos nos gnaisses charnockíticos. O manto de alteração é espesso representado por solos Argissolos e Latossolos. Com altitude por volta de 500 m, apresentam interflúvios alongados, acompanhando a rede de drenagem, que é em grande parte controlada pela estrutura, e comandada localmente pelo rio da Dona. A erosão atua por meio do escoamento difuso e do escoamento concentrado elementar com a formação de sulcos, ravinas e terracetes. Os movimentos de massa geralmente são intensificados pela atuação antrópica. Essa unidade está mais representada na MR Litoral Sul.

48Ap1 – Colinas e Serras Pré-Litorâneas com citros (laranja) associado à policultura com predominância de mandioca e fumo, feijão, milho, abacaxi, mamão, banana, hortaliças, intercaladas com Pastagem em área de Floresta (F) e áreas com Pastagem (P). Os Argissolos de textura média/argilosa estão em áreas de relevos ondulado e forte ondulado.

XI – Domínio Morfoestrutural da Depressão Interplanáltica Cristalina na MR Recôncavo – RMS

Abrange relevos sobre rochas altamente metamorfizadas, áreas de escudos cristalinos que se caracterizam por terem sido submetidas à ablação intensa, influenciada pelas variações climáticas sobre as estruturas, ao longo da evolução morfogênica. A atual condição climática de clima subúmido, a posição geográfica margeada por ressaltos e relevos altimetricamente mais elevados, favorecem a presença de Floresta Estacional em meio à Caatinga.

Engloba, na região estudada, uma única Unidade Territorial intitulada Depressão Sertaneja, a qual compreende duas Unidades de Paisagem, abaixo descritas.

62 – Depressão Sertaneja

Trata-se de pequeno trecho da Depressão Sertaneja que integra a MR do Recôncavo, em área de clima Subúmido a Seco com precipitação média anual entre 700 mm a oeste e 900 mm, a leste. Abrange grande parte da área do município de Castro Alves e parte de Cabeceiras do Paraguaçu de onde se expande para a macrorregião do semiárido, com importante representatividade desta depressão. Trata-se de áreas de topografia plana a suave ondulado com declives em torno de 3 a 8%, formando aplainamentos que truncam diversas litologias do Pré-Cambriano constituídas por gnaisses e migmatitos, charnockitos, as quais se alteram formando solos de fraca pedogênese, rasos e pouco profundos. A altitude média está em torno de 280 m e é drenada por rios intermitentes da bacia do Paraguaçu e dos rios Jaguaribe e da Dona, cujo divisor das águas entre essas bacias se localiza na parte central da unidade em um trecho de pediplano mais elevado. Os processos morfodinâmicos mais recorrentes estão na dependência dos períodos de chuva, quando o escoamento concentrado e difuso atua sobre a superfície.

62P – Depressão Sertaneja com pastagem natural e/ou plantada, associada à policultura de subsistência e à vegetação natural. Áreas com Citros (laranja), associado à Pastagem (Ap1). Os Planossolos apresentam textura média/argilosa associada a solos Neossolos Litólicos de textura média/argilosa em áreas de relevos plano, suave ondulado e ocasionalmente ondulado.

62F – Depressão Sertaneja com Floresta. Planossolo Háptico de textura arenosa/média e média/argilosa, Neossolo Litólico, Latossolos Vermelhos eutróficos textura fina e Vermelho Amarelos distróficos textura média, todos em relevo plano e suave ondulado.



2.6 Macrorregião Litoral Norte

Na estruturação metodológica foram individualizados quatro domínios morfoestruturais na Macrorregião do Litoral Norte, os quais englobam oito Unidades Territoriais Básicas que estão visualizadas no Cartograma 1 indicadas por números arábicos. A seguir, caracterizadas pelas suas propriedades geoambientais, as Unidades Territoriais Básicas servirão também de base para serem subdivididas, de acordo com o sistema sócio produtivo do uso da terra sobre determinado tipo de solo e relevo, em 30 Unidades de Paisagem, indicadas pelo número da UTB, seguido de letra-símbolo que representa o tipo de uso da terra.

Descrições das Unidades Territoriais Básicas (UTBs) e Unidades de Paisagem (UP) da MR Litoral Norte

A seguir serão caracterizadas todas as compartimentações que integralizam o sistema natural e sócio produtivo, relacionados ao tipo e uso da terra, da macrorregião Litoral Norte.

I - Domínio Morfoestrutural dos Depósitos Sedimentares Recentes na MR LN

Distribuída numa faixa do litoral do estado da Bahia, esta unidade está inserida no domínio morfoestrutural denominado de Depósitos Sedimentares Recentes caracterizados pela ocorrência de modelados marinhos, fluvio-marinhos e eólicos, acumulados em várias etapas da evolução morfológica e geológica durante o período do Quaternário. Pertence à Zona Fitoclimática das Formações Pioneiras, sob ação do clima Úmido.

Esse domínio abrange duas Unidades Territoriais Básicas, assim caracterizadas:

1 – Planície Marinha e Fluviomarinha.

Dando continuidade à planície da RMS esta forma de relevo abrange todo o restante da margem litorânea, no sentido SO-SE, com largura variável, ora mais estreita, ora mais larga, até a confluência com o rio Real, divisor estadual.

O relevo dessa unidade é constituído por um complexo de modelados representados por praias, cordões litorâneos, restingas, dunas, terraços, planícies, mangues, apicuns, e terras úmidas, fisionomias resultantes da ação das correntes marinhas, aportes fluviais e das ações eólicas. As dunas ocorrem principalmente entre Açú da Torre e Diego e, de Vila Sauípe a Baixios. As terras úmidas localizam-se com maiores extensões em Baixios e Sítio do Conde.

Todas essas formas de relevo são modeladas nos depósitos arenosos, siltico-lamosos e argilosos de idade Quaternária onde se desenvolvem os solos Neossolos Flúvicos, Gleissolos Indiscriminados e Gleicos nas áreas embrejadas, Neossolos Quartzarênicos Hidromórficos e não Hidromórficos, nas planícies costeiras e Neossolos Quartzarênicos nas dunas.

Sobre esses solos desenvolve-se a vegetação das Formações Pioneiras as quais tem origem marinha, fluviomarinha e fluvial. As de origem marinha estão representadas pelas restingas. A vegetação de origem fluviomarinha é constituída pelos mangues, e suas variações, próximo à desembocadura dos rios. Os processos morfodinâmicos estão relacionados à ação dos fatores marinhos, fluviomarinhos, fluviais e eólicos.

A Unidade Territorial Básica das Planícies Marinhas e Fluviomarinhas compreende três Unidades de Paisagem, a qual estão descritas pelas suas variações do uso e ocupação do solo e pelas características morfopedológicas.

1P2 – Planícies Marinhas e Fluviomarinhas com pastagem plantada e/ou natural com ocorrência de coco-da-baía, mandioca e dendê intercalados com Vegetação Secundária. Os solos dominantes são Espodossolos Ferrilúvicos de textura grossa.

1F – Planícies Marinhas e Fluviomarinhas com áreas Remanescentes de Floresta Ombrófila Densa em áreas de Neossolos Quartzarênicos e Espodossolos Ferrilúvicos de textura grossa.

1D – Planícies Marinhas e Fluviomarinhas localizadas ao longo de todo litoral norte sobre as quais foram identificadas as seguintes atividades: coco-da-baía (**Ap2**), concentradas em Açú da Torre, Porto Sauípe, entre Subaúma e Barra do Itariri e na área de Coqueiros, na APA de Mangue Seco; aglomerações urbanas, destacando-se Barra do Jacuípe, Guarajuba/Monte Gordo, Itacimirim, Praia do Forte, Imbassá, Subaúma, onde se localizam residências e condomínios, indicando áreas de turismo espontâneo e turismo internacional de massa, entre Praia do Forte e Subaúma; área rural com turismo incipiente entre Baixios e Mangue Seco; mangues (**m**), como em Porto Sauípe, Subaúma, Baixios e Barra do Itariri, onde a cata do caranguejo é o uso dominante. As maiores extensões de manguezais ocorrem no litoral de Siribinha e no rio Real, áreas de pesca, cata de marisco e carcinicultura.

Os solos dominantes nessa unidade são os Neossolos Quartzarênicos (Areias) em relevos plano e suave ondulado e Solos de Mangues (Gleissolos).

2 – Planícies Fluviais

Localizadas descontinuadamente ao longo de trecho dos principais rios como o Itapicuru, Inhambupe, Sauípe e Pojuca, pertencem à Zona Fitoclimática da formação pioneira, de influência fluvial, corresponde a uma formação herbácea-graminóide, com precipitação média anual entre 1.600 mm e 1.900 mm. Os processos morfodinâmicos estão relacionados às enchentes periódicas e infiltração.

2At1 – Planícies Fluviais com Culturas temporárias de feijão, milho e mandioca com ou sem mamona e sisal, intercaladas com pastagem e Vegetação Secundária. Nas proximidades de Sambaíba há uma associação com cajueiros (castanha de caju) cultivados ou espontâneos.

2Ap1 - Planícies Fluviais com Pastagem plantada associada à Citros. Planossolos Háplicos textura grossa e Neossolos Flúvicos eutróficos textura média, ambos em relevo plano e suave ondulado.

2P – Planícies Fluviais localizadas nos rios Pojuca, Sauípe, Inhambupe e Itapicuru, com Pastagem associada à culturas temporárias, de subsistência, palma forrageira, intercaladas com Vegetação Secundária. Quando associada com coco-da-baía o símbolo é (**P2**). Os solos são os Aluviais e Gleissolos, em relevo plano. Essa unidade ocorre em diferentes domínios morfoestruturais, ao longo dos principais vales.

2F – Planícies Fluviais localizadas no rio Inhambupe, com vegetação de Floresta de galeria, Vegetação Secundária, Formações Pioneiras e pastagem associada a culturas temporárias, de subsistência e palma forrageira. Os solos são os Aluviais e Gleissolos, em relevo plano. Essa unidade ocorre também em diferentes domínios morfoestruturais, ao longo dos principais vales.

II - Domínio Morfoestrutural dos Tabuleiros, Planaltos e Depressões com Coberturas Sedimentares da MR Litoral Norte

Abrange na macrorregião do Litoral Norte uma área de tabuleiro dissecado que tem como base os depósitos continentais do Grupo Barreiras, em áreas de clima Úmido com precipitação média anual entre 1.800 mm e 1.300 mm e Floresta Ombrófila Densa. Localizado ao longo do litoral a partir de Subaúma, estende-se para oeste em direção a Entre Rios, Esplanada e Jandaíra.

Dentro desse domínio, identificou-se uma Unidade Territorial Básica, assim caracterizada:

3 – Tabuleiro Costeiro do Litoral Norte.

Localizado entre a faixa dos modelados de acumulação fluviomarinha ao longo do Litoral Norte e o Planalto de Aporá, sobre o embasamento a oeste, engloba as cidades de Cardeal da Silva, esta à margem do rio Inhambupe, Entre Rios, Esplanada e Acajutiba.

Trata-se de um tabuleiro com cobertura sedimentar dissecado em colinas, predominantemente de topos tabulares, coincidentes com as coberturas argilosas, arenosas e seixos na base, pertencentes ao Grupo Barreiras, com vertentes convexas, dissecados com incisões que muitas vezes atingem as rochas do embasamento cristalino, sotopostas. Os interflúvios planos são entalhados por canais de margens abruptas e vales de fundo chato e largo, como trechos dos rios Itapicuru e Inhambupe. Outros rios também drenam essa unidade, como o Real, Pirangi, e Subaúma. Os processos morfodinâmicos mais atuantes estão representados por infiltração, escoamento difuso e erosão laminar moderada.

Esse tabuleiro aparece como residuais em vários topos de morros e altas colinas, não só sobre os sedimentos cretáceos, depositados na Fossa Tectônica do Recôncavo/Tucano, em altitudes médias não ultrapassando os 100 m, como sobre o embasamento cristalino que compõe o Planalto Oriental.

O conjunto das formas conservadas e dissecadas que forma essa unidade, possui uma inclinação geral para o mar comprovada pelo direcionamento da drenagem. Os processos morfodinâmicos, aliados da fragilidade litológica e da ocupação humana, concorrem para o agravamento da lixiviação e dos movimentos de massa tipo deslizamento e escorregamento principalmente nas vertentes, que se ligam aos topos planos.

O Tabuleiro Costeiro está subdividido em cinco Unidades de Paisagem, assim caracterizadas:

3Ap2 – Tabuleiro Costeiro do Litoral Norte com coco-da-baía concentrado em Açú da Torre, Porto Sauípe, entre Subaúma e Barra do Itariri e na área de Coqueiros, na APA de Mangue Seco. Neossolos Quartzarênicos textura grossa, Argissolos Vermelho Amarelos alumínicos e distróficos de textura média.

3S – Tabuleiro Costeiro com silvicultura de eucalipto, sendo que, no município de Jandaíra é pinus e eucalipto, intercalados com Vegetação Secundária e atividades agropastoris. Nessa unidade ocorre exploração de petróleo e gás (**g**), no município de Esplanada. Os solos dominantes são os Argissolos de textura média com ou sem fragipã (adensamento subsuperficial) em relevos plano e suave ondulado e média/argilosa em áreas com relevo suave ondulado e ondulado.

3P – Tabuleiro Costeiro com Pastagem associada ao coco-da-baía, concentrados em torno de Acajutiba (**P2**), laranja em Esplanada (**Ap1**), mandioca, dendê, intercalada com Vegetação Secundária com piaçava; áreas de Pastagem associada à citros (**P3**) e mandioca, intercalada com Vegetação Secundária. Os Argissolos distróficos de textura média/argilosa e arenosa/média com ou sem fragipã (adensamento) estão associados aos Latossolos em relevos suave ondulado e ondulado.

3F – Tabuleiro Costeiro com Vegetação Secundária em áreas de Floresta e Tensão Ecológica, intercaladas com atividades agropastoris, pequenas áreas com Cerrado (**Ce**). Os Argissolos de textura média/argilosa e arenosa/média, plúntico e com fragipã que ocorrem em áreas mais dissecadas de relevos ondulado e suave ondulado, estão associados aos Latossolos de coberturas, nos topos.

3D – Tabuleiro Costeiro do Litoral Norte com uso diversificado. Aglomeração urbana; turismo espontâneo e internacional entre Praia do Forte e Subaúma; área rural com turismo incipiente entre Baixios e Mangue Seco; dunas entre Açú da Torre e Diego e de Vila Sauípe a Baixios; terras úmidas em Baixios e Sítio do Conde.

III - Domínio Morfoestrutural da Bacia e Cobertura Sedimentar do Recôncavo, Tucano/Jatobá da MR LN

Esse domínio corresponde ao setor meridional/central da Fossa Tectônica do Recôncavo-Tucano, limitada a oeste, pela falha de Maragogipe, Tabuleiros Interioranos e a Depressão Sertaneja e a leste pela falha de Salvador, “horst” formador do Planalto Oriental, e os Tabuleiros Costeiros.

A Bacia do Recôncavo-Tucano-Jatobá, corresponde a uma fossa tectônica de fundo assimétrico, com maior profundidade à leste, implantada sobre rochas pré-cambrianas do Cráton do São Francisco sobre as quais foram depositadas as diversas formações litológicas durante os períodos jurássico e cretáceo. Destaca-se a Formação São Sebastião, cretácica, depositada sobre os sedimentos marinhos do primeiro estágio do processo deposicionário, seguida

da deposição da Formação Marizal que sobrepõe os seus estratos horizontais sobre as unidades anteriores. Já no Terciário, durante o Plioceno, uma nova acumulação continental foi também aí depositada denominada de Grupo Barreiras, representando o soerguimento final e o basculamento para leste.

Trata-se de um tabuleiro dissecado, constituído por arenitos e folhelhos da Formação São Sebastião e areias e argilas da Formação Marizal com, localmente restos de coberturas do Grupo Barreiras, localizados sobre alguns tabuleiros, principalmente no setor norte da unidade mapeada. A oeste ocorrem arenitos, folhelhos e calcários jurássicos do Grupo Brotas.

Esse domínio abrange, na MR Litoral Norte, três Unidades Territoriais Básicas, assim denominadas e descritas:

14 – Tabuleiro Dissecado do Recôncavo.

Localizado na porção centro sul da MR Litoral Norte, engloba o setor norte da UTB, onde se destacam as cidades de Ouriçangas, Pedrão, Pojuca e Catu.

Pertence à Zona Fitoclimática da Floresta Ombrófila Densa sob a ação do clima Umido a Subúmido, com precipitação média anual entre 1.300 mm e 2.000 mm. Trata-se de um tabuleiro muito dissecado formando colinas e morros com vertentes côncavo-convexas e topos abaulados e tabulares, com restos de coberturas do Grupo Barreiras como a oeste de Saubara, Catu e norte de Araçás, etc. Outras vezes formam mesas, como a nordeste de Aramari, com ressaltos topográficos bem definidos. As rochas dominantes apresentam intercalações de sedimentos silticos-argilosos e quartzo-arenosos da Formação São Sebastião, que geram solos areno-argilosos, porosos e de boa capacidade físico-hídrica. Os sedimentos da Formação Marizal ocorrem nos municípios de Alagoinhas, Aramari e Ouriçangas onde os materiais quartzo-arenosos se alteram para solos mais arenosos e de boa capacidade hídrica. Os processos morfodinâmicos estão representados pela ação da infiltração, escoamento difuso, erosão laminar moderada e sulcos. A área é drenada pela bacia dos rios Inhambupe, Sauípe, Pojuca e Jacuípe e possui altimetria em torno de 120 m.

O Tabuleiro Dissecado do Recôncavo foi subdividido em quatro Unidades de Paisagem, cujos tipos de usos e características morfopedológicas estão assim representados:

14Ap1 – Tabuleiros Dissecados do Recôncavo com citros (laranja e limão) associados à Pastagem, policultura de subsistência com predominância de mandioca, ocorrência de coco-da-baía e maracujá, intercalada com Vegetação Secundária, localizados entre Buracica e Sítio Novo e nas proximidades do rio Inhambupe. Culturas temporárias tradicionais (**At1**). Os solos são os Argissolos de textura arenosa/média e média/argilosa em relevos suave ondulado, ondulado e forte ondulado.

14S – Tabuleiros Dissecados do Recôncavo com silvicultura de eucalipto nos municípios de Araçás, Entre Rios e Ouriçangas; eucalipto e pinus em Itanagra, intercalados com Vegetação Secundária e atividades agropecuárias. Os solos são os Argissolos de textura arenosa/média e média/argilosa em áreas de relevo plano, suave ondulado e ondulado, associados à Neossolos Quartzarênicos (Areias).

14P – Tabuleiros Dissecados do Recôncavo, com pastagem plantada e/ou natural associada à policultura de subsistência; Pastagem com cana-de-açúcar (**P1**) e pastagem com citros (**P3**), todas intercaladas com Vegetação Secundária. Pastagem plantada associada ao coco-da-baía, intercalada com Vegetação Secundária concentrada em torno da barragem de Santa Helena (**P2**). Em meio às pastagens, registram-se áreas de exploração de petróleo e gás, mapeadas com a letra-símbolo (**g**), nas proximidades de Catu, Miranga e Araçás. Os Argissolos de textura média/argilosa e arenosa/média estão localizados em áreas mais dissecadas com relevos ondulado e forte ondulado, ocorrendo, também, rampas suave-onduladas e alguns topos planos com Latossolos de textura argilosa, originados de coberturas do Grupo Barreiras.

14F – Tabuleiros Dissecados do Recôncavo com fragmentos de Vegetação Secundária em áreas de Floresta e contato de Cerrado e Floresta (**Ce**) intercalados com agropecuária, em maior concentração nos municípios de Pedrão, Mata de São João e Catu. Os Argissolos de textura média/argilosa ocorrem em relevos ondulado e forte ondulado, associados ao Latossolo Amarelo textura argilosa, em posição de topo, cujos relevos são suave ondulado e plano.

16 – Tabuleiro da Bacia do Tucano Sul

Está localizado, na quase sua totalidade, na macrorregião estudada, e o restante da área no município de Água Fria na macrorregião do semiárido. Pertence à Zona Fitoclimática de Cerrado e transição de Cerrado/Floresta em áreas de clima Subúmido a Seco, com precipitação média anual entre 800 mm e 1.000 mm. Esse tabuleiro possui feições tabulares com coberturas detríticas de idade Tércio-Quaternárias, e rampas convergentes para os cursos dos rios, com solos latossólicos. Os modelados estão dissecados por vales largos da bacia do rio Inhambupe, Itapicuru e Real. Nas encostas e vales, as rochas sedimentares, compostas por arenito, folhelho e silito da Formação Marizal, afloram em algumas ravinas e sulcos, resultantes da ação do escoamento concentrado, sobre solos Neossólicos e Planossolos Háplicos, estes na várzea do rio Itapicuru. A altitude varia de 270 m nos topos tabulares, a 140 m nos vales e tem como sedes municipais as cidades de Aramari, Alagoinhas, Inhambupe, Crisópolis e Rio Real. São áreas de grandes reservatórios de água subterrânea, com poços de alta vazão.

O Tabuleiro da Bacia do Tucano Sul engloba cinco Unidades de Paisagem, cujas principais características estão abaixo mencionadas:

16Ap1 – Tabuleiro da Bacia do Tucano Sul, com citros (laranja e limão) associados à pastagem, policultura de subsistência com predominância de mandioca, ocorrência de coco-da-baía e maracujá, intercalada com Vegetação Secundária, localizada entre Riacho da Guia e Inhambupe e sobre o tabuleiro entre Jandaíra e proximidades de Itapicuru. Os solos sobre os topos planos dos tabuleiros são os Latossolos Amarelos textura média e argilosa e Argissolos textura média/argilosa com ou sem fragipã. Nos vales, os solos dominantes são os Argissolos eutróficos (alta fertilidade), como nas várzeas do rio Inhambupe, com textura média/argilosa, e Argissolos distróficos textura arenosa e média/argilosa associado aos Planossolos no vale do rio Itapicuru, todos ocupando áreas de relevos plano e suave ondulado.

16At1 – Tabuleiro da Bacia do Tucano Sul, com culturas temporárias de feijão, milho e mandioca com ou sem mamona e sisal, intercaladas com Pastagem e Vegetação Secundária. Nas proximidades de Sambaíba há uma associação com cajueiros (castanha de caju) cultivados ou espontâneos. Os solos nessa unidade estão representados pelos Argissolos com ou sem fragipã, textura arenosa e média/argilosa, Latossolos texturas média e argilosa, todos em áreas de relevos plano e suave ondulado.

16S – Tabuleiro da Bacia do Tucano Sul, com silvicultura de eucalipto intercalada com Vegetação Secundária e atividades agropastoris, concentradas nos municípios de Inhambupe e Alagoinhas. Localizados sobre os tabuleiros planos com Latossolos de textura média e Neossolos Quartzarênicos (areias). Os Argissolos textura arenosa/média estão em áreas de relevos suave ondulado e ondulado.

16P – Tabuleiro da Bacia do Tucano Sul, com Pastagem plantada e natural, associadas a culturas temporárias (feijão, milho e mandioca), intercaladas com vegetação de Cerrado. No município de Alagoinhas a Pastagem está associada a citros, mandioca e policultura em sítios, indicada pelo símbolo, (**P3**), quando associada ao coco-da-baía, intercalada com Vegetação Secundária o símbolo é (**P2**). Os solos dominantes são Argissolos de textura arenosa/média e Neossolos Quartzarênicos (Areias) em relevos plano e suave ondulado.

16 Ce – Tabuleiro da Bacia do Tucano Sul com Cerrado e contato Cerrado/ Floresta Estacional (**F**) intercalado com agropecuária. Os Argissolos de textura média/argilosa ocorrem em relevos ondulado e forte ondulado e os Argissolos de textura arenosa/média e Neossolos Quartzarênicos (Areias), em relevos suave ondulado e plano.

17 – Tabuleiro de Itapicuru.

Localizado na porção norte desta macrorregião, na qual a referida unidade tem uma participação territorial de aproximadamente 50% da área total, as cidades de Itapicuru, Olindina e Sátiro Dias estão aí situadas. Tem continuidade na macrorregião semiárido onde as cidades de Ribeira do Pombal, Ribeira do Amparo e Nova Soure posicionam-se por estarem localizadas em áreas de Zonas Fitoclimáticas de Cerrado e Cerrado/Floresta, sob ação do clima Semiárido com precipitação média anual entre 800 mm e 700 mm, tornando-se a característica principal que diferencia essa unidade dos Tabuleiros do Tucano Sul.

Os topos planos dos tabuleiros são constituídos, na parte leste, por coberturas detríticas, e na oeste e nos vales, por arenitos, folhelhos e siltitos da Formação Marizal. A área é drenada por trecho da bacia dos rios Inhambupe e Itapicuru cujo vale, com altitude por volta de 130 m, é constituído por solos planossólicos diferenciando dos Latossolos e Areias, posicionado nos topos planos com altitudes em torno de 300 m, a norte de Sátiro Dias. A presença de ravinamentos orientados pela estrutura na bacia com materiais friáveis, formam anfiteatros em áreas de cabeceiras de drenagem, onde as chuvas torrenciais colaboram com o carreamento dos sedimentos. Independente da ação destes processos, a infiltração das águas nos solos de textura arenosa é importante na região e a ação do escoamento difuso provoca erosão ligeira sobre a superfície do tabuleiro.

O Tabuleiro de Itapicuru apresenta uma variação no uso da terra, determinando a formação de quatro Unidades de Paisagem, assim descritas:

17At1 – Tabuleiro de Itapicuru com culturas temporárias, com predominância de feijão, milho e mandioca associadas à Pastagens intercaladas com Vegetação Secundária e ocorrência de fumo, banana, mamona, cana-de-açúcar, manga associada à Pastagem e Vegetação Natural (**At2**), localizadas próximo aos centros urbanos, como Olindina, em solos latossólicos de textura média e argilosa e planossólicos de textura arenosa e média/argilosa; Sátiro Dias e trechos do vale do rio Inhambupe, em área de Argissolos eutróficos de textura média/argilosa, todos em área de relevos plano e suave ondulado.

17S – Tabuleiro de Itapicuru com silvicultura de eucalipto intercalada com agropecuária e Vegetação Secundária, distribuída descontinuamente, nos municípios de Sátiro Dias, Inhambupe, e em menor escala, em Itapicuru. Cultivada sobre os tabuleiros plano e suave ondulado, com solos latossólicos de textura média.

17P – Tabuleiro de Itapicuru com Pastagem plantada e nativa com culturas temporárias e Vegetação Secundária (**P7**), ocorrência de palma forrageira, culturas temporárias e cajueiros (castanha de caju) (**P9**), esta última em Itapicuru e Sátiro Dias. Em volta de Itapicuru, pastagem com citros (**Ap1**). Os solos dessa unidade estão

representados pelos Argissolos eutróficos de textura média/argilosa em relevos suave ondulado e ondulado, Latossolos de textura média, e Neossolos Quartzarênicos (areias), ambos em relevos plano e suave ondulado.

17Ce – Tabuleiro de Itapicuru com Cerrado em áreas planas e suave onduladas com Latossolos de textura média, no município de Sátiro Dias; Cerrado com Caatinga em Itapicuru e pequenas áreas com Floresta (**F**) sobre os Neossolos Quartzarênicos (areias), em relevos plano e suave ondulado.

X - Domínio Morfoestrutural dos Planaltos e Patamares Cristalinos da MR LN

Constituído por rochas granítico-gnáissicas do Complexo Caraíba-Paramirim, alguns topos do relevo dissecado apresentam-se recobertos por coberturas do Grupo Barreiras. A Zona Fitoclimática é constituída de Tensão-Ecológica com Cerrado, Caatinga e Floresta Estacional, sob ação do clima Subúmido a Seco, com precipitação média anual entre 1.000 mm e 1.200 mm.

O Planalto Cristalino abrange duas Unidades Territoriais Básicas:

45 – Planalto Dissecado do Aporá.

Localizado integralmente na MR Litoral Norte esta unidade apresenta um relevo de lombas, colinas e alguns morros, esculpidos nas rochas do Complexo Caraíba-Paramirim, composto de granito-gnaisses, e gnaisses charnockitos sobre os quais se desenvolveram Argissolos e Planossolos. Pertence à Zona Fitoclimática da Tensão Ecológica, contato Caatinga/Floresta Estacional e Cerrado/Floresta Estacional sob a ação do clima Subúmido, com precipitação média anual entre 1.000 mm e 1.200 mm. Por se tratar de uma área mais elevada, como em Pé de Serra, com 249 m de altitude e localizada na parte central da unidade, é uma área dispersora de águas, de onde nascem afluentes da sub-bacia do rio Inhambupe ao sul e do rio Real ao norte. Os processos morfodinâmicos mais recorrentes são o escoamento difuso, e a erosão laminar ligeira e moderada.

O Planalto Dissecado do Aporá, engloba duas Unidades de Paisagem, assim descritas:

45At1 – Planalto Dissecado do Aporá, com culturas temporárias, mandioca, feijão e milho associadas à ocorrência de mamona e sisal, Pastagem e policulturas em sítios. Cultivos de citros (laranja) associados à pastagem (**Ap1**). Os solos Argissolos de textura média/argilosa ocorrem em relevos suaves ondulados e ondulados e os de textura arenosa/média em relevos plano e suave ondulado. Nos topos aplainados, associados às coberturas, estão os Latossolos Amarelos.

45P – Planalto Dissecado do Aporá, com Pastagem plantada e natural associada às culturas temporárias (feijão, milho e mandioca) e mamona intercalada com Vegetação Secundária da Floresta Estacional, cujos residuais estão identificados com a letra-símbolo (**F**). Ocorre, também, Pastagem com citros (laranja) (**P3**), em torno de Jandaíra. Os solos dominantes nas áreas de Pastagem e Pastagem com citros são os Planossólicos textura arenosa/média e média/argilosa associados à Afloramentos de Rocha e Luvisolos (Bruno não Cálcico), em relevos plano e suave ondulado. Nas áreas de Pastagem com coco, como na margem do Rio Real e a sul de Aporá, os solos são Argissolos com textura média/argilosa em relevos suave ondulado e ondulado. Nas áreas de pastagem associada à coco-da-baía (**P2**) sobre Argissolos Vermelho Amarelos distróficos textura média.

46 – Planalto Oriental.

Dando continuidade a unidade do Planalto Oriental localizado na MR Recôncavo-RMS ao longo da faixa litorânea obedecendo ao sentido SO-NE, constitui um planalto dissecado em colinas, modeladas nas rochas gnaisses charnockíticas e metatexitos que formam o “horst” oriental da Fossa Tectônica. Nesse trecho do litoral norte, o embasamento se estende até proximidades do rio Inhambupe, reaparecendo no leito de alguns vales. Essas rochas alteram-se para solos argilosos, podendo desenvolver um manto intempérico espesso. Pertence à Zona Fitoclimática da Floresta Ombrófila Densa sob a ação do clima Úmido, com precipitação média anual entre 1.700 mm e 1.800 mm. Os processos morfodinâmicos mais comuns são o escoamento superficial difuso, a erosão laminar ligeira e moderada, sulcos e deslizamentos de terras nas encostas sem proteção vegetal ou de com uso indevido. A área é drenada pelo baixo curso dos rios Pojuca, Imbassaí, Sauípe e Subaúma, e está subdividida em três Unidades de Paisagem, assim caracterizadas:

46S – Planalto Oriental com Silvicultura de eucalipto e pinus intercalados com Vegetação Secundária e atividades agropastoris. Os solos dominantes são os Argissolos de textura média/argilosa em relevos ondulado e suave ondulado e Latossolos de textura média em áreas de relevos plano e suave ondulado.

46P2 – Planalto Oriental com Pastagem plantada e/ou natural com ocorrência de coco-da-baía, mandioca e dendê intercalados com Vegetação Secundária. A maior concentração de plantio de coco-da-baía (**Ap2**), nessa unidade, está entre Itacimirim e Açu da Torre. Argissolos de textura média/argilosa em relevos ondulado e suave ondulado, Latossolos de textura média e Neossolos Quartzarênicos (Areias) ambos em áreas de relevos plano e suave ondulado.

46F – Planalto Oriental com remanescentes de Floresta Ombrófila, Vegetação Secundária e contato Cerrado e Floresta Ombrófila, intercalados com agropecuária. Os solos são Argissolos de textura média/argilosa em relevos ondulado e suave ondulado, e Latossolos de textura média em áreas de relevos plano e suave ondulado.

Na estruturação metodológica foram individualizados dez domínios morfoestruturais na Macrorregião do Semiárido, os quais englobam 50 Unidades Territoriais Básicas, incluindo as unidades de integração com as macrorregiões circunvizinhas, que estão visualizadas no **Cartograma 1**, indicadas por números arábicos. A seguir, caracterizadas pelas suas propriedades geoambientais, as Unidades Territoriais Básicas servirão também de base para serem subdivididas, de acordo com o sistema sócio produtivo do uso da terra sobre determinado tipo de solo e relevo, em 121 unidades de paisagem, indicadas pelo número da UTB, seguido de letra-símbolo que representa o tipo de uso da terra.

Descrições das Unidades Territoriais Básicas (UTB) e Unidades de Paisagem (UP) da MR Semiárido.

A seguir serão caracterizadas todas as compartimentações que integralizam o sistema natural e sócio produtivo, relacionados ao tipo de uso da terra, da macrorregião Semiárido.

I - Domínio Morfoestrutural dos Depósitos Sedimentares Recentes da MR Semiárido

Este domínio engloba modelados de origem fluvial que traduzem as etapas de evolução da planície do médio rio São Francisco e seus principais afluentes. Compreendem sedimentos aluviões pouco consolidados ou inconsolidados de espessura variada, referente ao período Quaternário e depositados sobre os sedimentos do Grupo Bambuí do Proterozóico Superior.

A planície do rio São Francisco é a única que apresenta continuidade e extensão suficiente para ser representada como uma unidade territorial, nesta escala de mapeamento. Possui formato alongado de direção SO-NE a partir da jusante da cidade de Ibotirama.

2 – Planície Fluvial do rio São Francisco.

Pertence à Zona Fitoclimática das Formações Pioneiras de influência fluvial, arbustiva, sem palmeiras, sob ação do clima Semiárido, com precipitação média anual entre 750 mm e 850 mm. Desenvolvidos dos depósitos arenosos, siltico-lamosos e argilosos, os modelados representam as várzeas, resultantes da acumulação fluvial recente e sujeitas a inundações periódicas e de terraços mais antigos. As várzeas e os terraços podem conter diques aluviais, bancos de areias laterais e medianos, canais de enchentes, lagoas, etc., e geralmente o limite entre o terraço e a várzea se faz por ressalto topográfico. Entre Carinhanha e Bom Jesus da Lapa o terraço coalece com a planície sem formar ressalto. O material que constitui os terraços varia de uma margem para outra no próprio rio São Francisco e nos seus afluentes Verde e Paramirim, na dependência da constituição geológica dos vales e dos seus regimes. É comum em alguns trechos do rio São Francisco cidades ribeirinhas serem inundadas nos períodos de cheias que ocorrem entre os meses de novembro a março a exemplo de Carinhanha, Bom Jesus da Lapa e Ibotirama. Os processos morfodinâmicos dominantes são: assoreamento, enchentes, desbarrancamentos, erosão laminar moderada, sulcos e aumento de carga sólida. No morro cárstico, em Bom Jesus da Lapa, são observadas na sua base diversas marcas da água do rio São Francisco durante suas subidas nos períodos de enchentes (Radambrazil, 1982).

No médio curso do rio São Francisco a planície é mais expressiva com faixas de terraço, diques aluviais, cicatrizes de meandros e paleocanais. Esta planície corta a superfície aplanada do Médio São Francisco onde de maneira geral a drenagem é constituída de rios intermitentes com exceção do rio Verde Grande, afluente da margem direita e dos demais rios a margem esquerda como o Carinhanha e Corrente. Entre a represa Luiz Gonzaga ou de Paulo Afonso e a cidade de Propriá, já em Sergipe, a calha do rio São Francisco caracteriza-se por margens escarpadas formando cânions com cerca de 80 m de profundidade (Brasil/MMA, 2011) e engloba três Unidades de Paisagem descritas a seguir:

2Ad1 – Esparsamente culturas diversificadas, policultura comercial, e subsistência (mandioca, algodão, manga, banana, coco, caju, maracujá, cana-de-açúcar, mamão, cenoura, cebola, alho, sisal, milho, feijão, melância) intercalada com Pastagem e Vegetação Natural. Culturas irrigadas de frutas (manga, uva e maracujá), horticultura, etc. Solos de Planossolos Háplicos textura grossa, Neossolos Flúvicos, textura média todas em relevo plano e suave ondulado. Estão incluídas nas UTBs da margem direita do Rio São Francisco

2P – Planície Fluvial do rio São Francisco com pastagem nas várzeas e terraços com Neossolos Flúvicos eutróficos, textura indiscriminada, não solódicos e solódicos e Planossolos Nátricos, textura arenosa/argilosa em relevo plano, próximo a Xique-Xique.

2F – Planície Fluvial do rio São Francisco com Floresta de galeria; Cerrado e Caatinga (**Ca**) nas várzeas e terraços dos principais rios, com Neossolos Flúvicos eutróficos e distróficos textura indiscriminada, não solódicos e solódicos, relevo plano.

II - Domínio Morfoestrutural das Coberturas Sedimentares da MR Semiárido

Abrange relevos desenvolvidos sobre depósitos continentais Tércio Quaternários que encobrem ou mascaram as feições estruturais típicas de outros domínios.

Constituídos por sedimentos de origem continental, seja do Grupo Barreiras com formação arenítica, de cores variegadas com estratificações plano-paralelas e presença de conglomerados basais de quartzo, granulitos, arenitos, etc., seja de coberturas detriticas e também Tércio Quaternária, e posicionadas no interior do Estado. Estes sedimentos formam tabuleiros planos de topos tabulares ou dissecados por entalhes de vales, com dimensões variáveis.

Esse domínio engloba, na região do Semiárido, oito Unidades Territoriais Básicas assim caracterizadas:

5 – Tabuleiro Pré-Litorâneo

Essa unidade abrange o semiárido, apenas num pequeno setor em torno de Elísio Medrado, São Miguel das Matas e Laje, estando mais representativa na macrorregião Recôncavo-RMS. Pertence à Zona Fitoclimática Floresta Ombrófila e Estacional Semidecidual, sob ação do clima Subúmido, com precipitação média anual entre 1.350 mm e 1.800 mm. Corresponde a um tabuleiro plano e de dissecção incipiente em lombas e colinas de topos tabulares e densidade de drenagem grosseira e média. Os processos morfodinâmicos mais atuantes são escoamento difuso e a erosão laminar ligeira. Com altitude média de 200 m, as áreas são drenadas por afluentes dos rios Paraguaçu, Jaguaripe, Mocambo e da Dona, e engloba duas Unidades de Paisagem descritas a seguir:

5 Ap1 – Tabuleiro Pré-Litorâneo com citros (laranja), mandioca, fumo, intercaladas com Pastagem e Vegetação Secundária. Ao sul de Laje registram-se culturas diversificadas de cacau, mandioca, dendê, cravo da Índia, pimenta-do-reino etc., indicadas por **(Ad2)** e cana-de-açúcar em meio a Pastagem **(At3)**. Latossolos de textura argilosa e muito argilosa nos planos e suave ondulados e Argissolos de textura média/argilosa nas vertentes de relevo ondulado.

5P – Tabuleiro Pré-Litorâneo com Pastagem. Ocorre também áreas com Pastagem associada à cana-de-açúcar **(P1)** e Pastagem associada a café e frutíferas **(P6)**; pequenos remanescentes de Floresta **(F)** em meio à pastagem. Latossolo de textura argilosa e Argissolo de textura média/argilosa em relevo plano a ondulado.

6 – Tabuleiros Interioranos

Englobam os tabuleiros da região de Capim Grosso, margem esquerda do rio Paraguaçu, Santo Estevão e Feira de Santana. Correspondem à Zona Fitoclimática de Contato da Floresta Estacional e Caatinga, sob ação do clima Semiárido a Subúmido, com precipitação média anual entre 700 mm e 850 mm. Correspondem a relevos tabulares de topos concordantes pouco elevados com modelados de aplanamento conservado como o pediplano que se encontra preservado na área de Feira de Santana.

Trata-se de residuais de superfície de aplainamento, descontínuos, com suaves declives e altitude entre 200 m e 400 m. Drenados pelas bacias dos rios Subaé, Itapicuru e Paraguaçu, tem como processos morfodinâmicos mais significantes a infiltração, escoamento difuso e erosão laminar ligeira, englobando três Unidades de Paisagem descritas a seguir:

6At1 – Culturas temporárias de feijão e milho, irrigadas ou não, intercaladas com Pastagem. Argissolos de textura arenosa/média em relevo plano e suave ondulado, em Feira de Santana. Próximo ao rio Itapicuru-Mirim, além do feijão e milho, tem mamona e sisal indicados no mapa como **(At2)**; Cana-de-açúcar **(At3)**. Pequenas áreas de sisal **(Ap4)**, ambos sobre Latossolos, de textura média, em relevos plano e suave ondulado. Nessa unidade encontra-se a área urbana de Feira de Santana **(6u)**.

6P – Pastagem plantada e natural e quando associada a palma forrageira e culturas temporárias de subsistência, está individualizada como **(P7)** e com coco-da-baía, citros e vegetação natural, tem o símbolo **(P8)**. Latossolos de textura média em relevos suave ondulado e plano.

6Ca – Vegetação Secundária em áreas de Caatinga Arbórea e/ou Arbustiva Densa e áreas de Floresta Estacional **(F)**. Latossolos de textura média e/ou argilosa em relevos plano e suave ondulado.

7 – Dunas do Médio São Francisco

Localizadas na margem esquerda do rio São Francisco entre este rio e a Serra do Estreito, representam a maior área de dunas continentais no Estado. O outro setor com menor expressividade de modelado eólico, localiza-se numa faixa paralela entre a barragem do Sobradinho e o estado do Piauí, a oeste.

Correspondem a Zona Fitoclimática do Cerrado e Caatinga, ambas Arbóreas Abertas sob ação do clima Semiárido, com precipitação média anual entre 600 mm e 750 mm. Trata-se de um sistema de dunas de origem eólica e continental, posicionadas em altitude entre 400 m e 500 m. Esses campos de areias constituem dois setores: um ao norte da represa de Sobradinho, alongado no sentido E-W e outro ao sul, com uma forma triangular, barrado a oeste pela Serra do Estreito (MMA, 2011). O relevo é representado por dunas móveis e dunas fitoestabilizadas intercaladas por vales e brejos e por planos arenosos. Nas dunas ocorrem à infiltração das águas e o escoamento superficial que

dissipa as dunas antigas, e também são afetadas por remanejamento eólico localizado. São drenadas por afluentes da margem esquerda do rio São Francisco, englobando uma Unidade de Paisagem descrita a seguir:

7Ce – Dunas do Médio São Francisco com Cerrado e Caatinga Arbórea Aberta (**Ca**), com uso muito restrito, se limitando à pastagem extensiva. Solos Neossolos Quartzarênicos (Areias), relevos suave ondulado e ondulado.

8 – Superfície Arenosa do Médio São Francisco

Posicionada no setor noroeste do estado da Bahia na margem esquerda do São Francisco, bordejando a barragem do Sobradinho e as Dunas do São Francisco, penetrando a oeste e deixando ressaltar em seu ambiente, o relevo residual da Serra do Estreito. Engloba as cidades de Sento Sé, Remanso e Pilão Arcado.

Corresponde à Zona Fitoclimática da Caatinga e, em menor escala, ao Cerrado, sob ação do clima Árido, com precipitação média anual entre 500 mm e 700 mm. Trata-se de uma superfície plana resultante de acumulação coluvial ou de enxurrada, drenada pelas águas da bacia do rio São Francisco, constituída de planos de erosão convergentes, embutidos na depressão. Várias veredas drenam esta superfície a exemplo das Veredas: Preta, Prata, Patos, Chapada, Calumbi, desaguando na Vereda Pimenteira e por fim na barragem de Sobradinho.

As condições ambientais possibilitam o escoamento superficial difuso e localmente, enxurradas que concentram areias e detritos grosseiros nas baixadas. Com altitude entre 400 m e 500 m, abrange três Unidades de Paisagem descritas a seguir:

8Ad1 – Superfície Arenosa do Médio São Francisco com culturas diversificadas: policultura comercial e de subsistência, banana, coco, algodão, milho, mamona, feijão, mandioca, pinha, sorgo, melancia, maracujá, tomate, cenoura, café e cana, intercaladas com pastagem, podendo ocorrer esparsamente culturas irrigadas de manga, uva, pinha e romã. Culturas temporárias de cebola (**At1**) e culturas temporárias tradicionais de feijão, milho e mandioca (**At2**), todas localizadas na APA de Sobradinho, sobre Argissolos eutróficos, de textura arenosa/média e média/argilosa em relevos plano e suave ondulado.

8P – Superfície Arenosa do Médio São Francisco com Pastagem associada à policultura (**P11**). Latossolos de textura média em relevos plano e suave ondulado e Argissolo eutrófico, de textura arenosa/média e média/argilosa em relevos plano e suave ondulado.

8Ca – Superfície Arenosa do Médio São Francisco com Vegetação Secundária em áreas de Caatinga Arbórea Aberta, Parque e área de Cerrado (**Ce**) e Floresta (**F**) intercaladas com atividades agropastoris, com Latossolos de textura média e Neossolos Quartzarênicos em relevos plano e suave ondulado.

9 – Superfície Arenosa de Morpará

Posicionada na margem direita do rio São Francisco entre Morpará e Xique-Xique, numa faixa estreita embutida entre as planícies do rio São Francisco e as Serras Ocidentais da Chapada Diamantina.

Corresponde à Zona Fitoclimática da Caatinga Arbórea e Arbustiva sob ação do clima Semiárido com precipitação média anual entre 700 mm e 800 mm. Trata-se de superfície plana com suaves lombadas e altitude entre 400 m e 500 m, com processos morfodinâmicos representados pelo escoamento superficial difuso, infiltração e erosão moderada, abrangendo duas Unidades de Paisagem descritas a seguir:

9P – Superfície Arenosa de Morpará com Pastagem e policultura e Pastagem com Vegetação Secundária (**P11**) sobre Latossolos de textura média e Neossolos Quartzarênicos, em relevos plano e suave ondulado.

9Ca – Superfície Arenosa de Morpará com Caatinga, com uso agropecuário ao longo dos rios e Pastagem extensiva. Solos Neossolos Quartzarênicos (Areias), associados à Latossolos de textura média, em relevos plano e suave ondulado, estes últimos na porção oeste da unidade.

10 – Depressão dos Rios Grande e Preto

Localizada entre a serra do Estreito a leste e a serra do Boqueirão a oeste, esta unidade representa uma continuidade da mesma unidade, vinda da macrorregião do Cerrado, diferenciada pela inexistência, a partir da serra do Boqueirão, do rio Preto, ponto em que o referido rio coalesce com o rio Grande. Apesar deste detalhe manteve-se a mesma denominação.

Corresponde à Zona Fitoclimática de Caatinga Arbórea Arbustiva, sob ação do clima Subúmido a Seco, caracterizado por chuvas anuais entre 800 mm e 900 mm. Trata-se de superfícies de aplainamento modelada em rampas com dissecação incipiente formando lombas e colinas, vales rasos e lagoas temporárias, situada em áreas de altitude entre 400 m e 500 m e drenada pelo curso do rio Grande. A morfodinâmica é comandada pela infiltração das águas que alimentam o lençol freático nas áreas arenosas, escoamento superficial difuso e semiconcentrado e atuação esporádica das enxurradas, com carreamento de sedimentos provenientes das chapadas (MMA, 2011). Duas Unidades de Paisagem foram individualizadas neste mapeamento, abaixo caracterizadas:

10P – Depressão dos Rios Grande e Preto com Pastagem e policultura e Pastagem associada à vegetação natural (**P11**) sobre Latossolos de textura média e Neossolos Quartzarênicos, em relevos plano e suave ondulado.

10Ca – Depressão dos Rios Grande e Preto com Vegetação Secundária, em áreas de Caatinga Arbórea Aberta e Parque. Ocorrem, também, áreas com Floresta e Pastagem (**Fp**) e remanescentes de Floresta (**F**), intercaladas com atividades agropastoris. Latossolos de textura média e Neossolos Quartzarênicos em relevos plano e suave ondulado.

11 – Chapada da Tabatinga e Guaribas

Localizada no extremo noroeste do estado da Bahia, em contato com o Piauí, compreende a Zona Fitoclimática de Cerrado Florestado e Arborizado, sob ação do clima Subúmido a Seco, com precipitação média anual entre 700 mm e 900 mm. Com altitude que varia de 400 m a 700 m, funciona como divisor de águas das bacias dos rios São Francisco e Parnaíba. Trata-se de relevos monoclinais em forma de cuestas, conhecidos como serra das Guaribas, constituídos de topos planos e rampeados, com escarpas frontais ravinadas e nos topos com processos de erosão laminar ligeira e escoamento difuso. Esses relevos foram modelados em arenitos, folhelhos, siltitos e depósitos areno-argilosos de idade cenozóica. Abrange duas Unidade de Paisagem descritas a seguir:

11Ce – Chapada da Tabatinga e Guaribas com Cerrado e Pastagem extensiva e plantada na Chapada de Tabatinga, Floresta (**F**) e Caatinga (**Ca**) na serra de Guaribas. Os solos são representados pelos Latossolos distróficos de textura média em relevos plano e suave ondulado.

11Ca – Chapada da Tabatinga e Guaribas com Caatinga na Serra de Guaribas e Floresta Estacional Decidual em áreas de relevo ondulado e forte ondulado com Neossolos Litólicos distróficos textura grossa e Latossolos Vermelho Amarelos distróficos aluminicos textura média.

12 – Planalto Sul Baiano.

Esta unidade apresenta-se de forma descontínua, abrangendo a norte, o bloco setentrional do Planalto Sul Baiano onde se localizam as cidades de Maracás, Planaltino, Irajuba, Brejões, Lajedo do Tabocal, Itiruçu e Jaguaquara. Ao sul o mesmo Planalto, que foi seccionado pelo imenso trabalho erosivo elaborado pelo rio de Contas, está representando o bloco meridional e onde se localizam as cidades de Poções, Barra do Choça, Vitória da Conquista, Belo Campo, Candido Sales e Encruzilhada. A partir daí toma a direção de Cordeiros, Condeúba, Presidente Jânio Quadros, Maetinga e Licínio de Almeida, até encontrar-se com a unidade Serras Alinhadas do Espinhaço.

Compreende a Zona Fitoclimática Floresta Estacional e Caatinga Arbórea Arbustiva, sob a ação do clima Subúmido a Seco, com precipitação média anual entre 700 mm e 900 mm, sendo que a porção oriental do planalto é a que apresenta os maiores volumes anuais proporcionadas por chuvas de barlavento. Refere-se aos Planaltos de Vitória da Conquista e Maracás, assim denominados em outros trabalhos e compondo superfície de aplainamento com altitude entre 600 m e 1.016 m, na serra de Periperi. Drenada pelas bacias dos rios Pardo, Contas e Jequiriçá, tem como processos morfodinâmicos mais evidentes os representados pelos escoamento superficiais difuso e concentrado e erosão laminar ligeira.

Esta unidade corresponde a uma extensa área de relevo aplanado constituído de plano inclinado que se suscede formando pediplanos mais ou menos conservados e localmente com lombadas amplas convertentes, de inclinações inferiores a 5%. Em alguns pontos a topografia totalmente plana entalhada apenas por vales muito amplos ou que se alargam formando depressões, ocorrem também alvéolos de cabeceira, depressões fechadas rasas, geralmente contendo água e associadas ou não a afloramento de lajedos e caos de blocos. Na região de Vitória da Conquista, área onde o Planalto Sul Baiano é conhecido também como Planalto dos Geraizinhos, é comum observar-se caimentos topográficos em várias direções, assim como, vales com bordas assimétricas e desniveladas. A cidade de Vitória da Conquista, por exemplo, no seu setor norte, apresenta-se rampeado coalescendo-se com a unidade dos Patamares do Médio rio de Contas.

O Planalto Sul Baiano constitui divisores de águas entre bacias diversas. Enquanto o bloco setentrional divide as águas do médio rio Paraguaçu para o norte, e do alto rio Jequiriçá para o sul no médio rio de Contas, o bloco meridional representa um interflúvio entre a bacia do alto e médio rio Pardo e a do médio rio de Contas e entre a bacia do alto rio Pardo e a do médio rio Jequitinhonha.

Esta Unidade Territorial Básica engloba três Unidades de Paisagem descritas a seguir:

12Ap5 – Planalto Sul Baiano com cultivo de café associado à Pastagem, policultura e vegetação natural. Latossolos de textura argilosa, em relevos plano e suave ondulado.

12P – Planalto Sul Baiano com Pastagem associada ao café (**P6**) e pastagem associada à Vegetação Natural (**P11**), alternada com agricultura temporária e permanente (café). Latossolos, textura argilosa em relevos plano e suave ondulado.

12F – Planalto Sul Baiano com remanescentes de Floresta Estacional em áreas de Latossolos e Argissolos argilosos em relevos suave ondulado e ondulado e Caatinga (**Ca**) em Latossolo argiloso, relevos plano e suave ondulado.

III - Domínio Morfoestrutural da Bacia e Cobertura Sedimentar do Recôncavo, Tucano/Jatobá da MR Semiárido

A Bacia Sedimentar do Recôncavo corresponde a uma pequena área do setor oeste da fossa tectônica do Recôncavo-Tucano/Jatobá, descrita na macrorregião da RMS, localmente marcada por escarpa e a leste pelo “horst” oriental. A Zona Fitoclimática que engloba este domínio é constituída de Floresta Ombrófila Densa sob ação do clima Superúmido e Úmido. Abrange parte da UTB intitulada Baixada Litorânea do Recôncavo.

A Bacia e Cobertura Sedimentar do Recôncavo/Tucano/Jatobá, engloba quatro Unidades Territoriais Básicas:

14 – Tabuleiro Dissecado do Recôncavo

Essa unidade é mais representativa nas macrorregiões Litoral Norte e Recôncavo-RMS. Compreende a Zona Fitoclimática da Floresta Ombrófila Densa sob ação de clima Úmido a Subúmido, com precipitação média anual entre 1.300 mm e 2.000 mm. Compõe tabuleiro dissecado em colinas e morros com topos abaulados e tabulares, desenvolvidos sobre sedimentos siltico-argilosos e quartzo-arenosos da Formação São Sebastião e quartzo-arenosos da Formação Marizal. A drenagem é comandada pelo rio Pojuca, com fina a média densidade de dissecação. Os processos morfodinâmicos mais atuantes são o escoamento superficial difuso, a erosão laminar ligeira e moderada com presença pontual de sulcos em determinados setores das vertentes dos morros e colinas. Altitude em torno de 120 metros e engloba quatro Unidades de Paisagem descritas a seguir:

14At3 – Tabuleiro Dissecado do Recôncavo com cultivo de cana-de-açúcar. Argissolos de textura arenosa/média e média/argilosa, associados a Neossolo Quartzarênico, relevo plano a ondulado.

14 S – Tabuleiro Dissecado do Recôncavo com Silvicultura. Eucalipto nos municípios de Araçás, Entre Rios e Ouriçangas; eucalipto e pinus em Itanagra, intercalados com Vegetação Secundária e atividades agropecuárias. Argissolos textura arenosa/média e média/argilosa, relevo plano, suave ondulado e ondulado.

14P – Tabuleiro Dissecado do Recôncavo com Pastagem e policultura. Pastagem associada à cana-de-açúcar (**P1**) e pequenos remanescentes de Floresta Ombrófila Densa (**F**). Argissolos de textura média/argilosa e Luvisolos argilosos em relevo plano a ondulado.

14 Ce – Tabuleiro Dissecado do Recôncavo com Cerrado e contato Cerrado/Floresta Estacional e agropecuária, em maior concentração nos municípios de Pedrão, Mata de São João, principalmente em torno da Represa de Santa Helena e Catu.

16 – Tabuleiro da Bacia do Tucano Sul

Essa unidade é mais representativa na MR Litoral Norte estendendo-se para a região do semiárido em um pequeno trecho em direção a Água Fria. Esta unidade compreende a Zona Fitoclimática do Cerrado e Transição Cerrado/Floresta sob ação do clima subúmido a seco, com precipitação média anual entre 800 mm e 1.000 mm. Trata-se de feições tabulares, sobre coberturas detríticas Tércio-Quaternária, dissecadas por vales largos da bacia dos rios Inhambupe, Itapicuru e Real sobre rochas sedimentares da Formação Marizal. A altitude varia de 270 m, nos topos a 140 m nos vales, e englobam três Unidades de Paisagem descritas a seguir:

16S – Tabuleiro da Bacia do Tucano Sul com Silvicultura de eucalipto com Vegetação Secundária, atividades agropastoris, e na porção oeste da UTB pequenas áreas com culturas temporárias tradicionais, feijão, milho, mandioca associada à Pastagem e Vegetação Secundária (**At1**). Latossolos de textura média e Areias sobre os tabuleiros e Argissolos, de textura arenosa/média, em relevos suave ondulado e ondulado.

16P – Tabuleiro da Bacia do Tucano Sul com Pastagem plantada e natural. Pastagem associada a coco-da-baía. Argissolos de textura arenosa/média e areias em relevos plano e suave ondulado.

16Ce – Tabuleiro da Bacia do Tucano Sul com Cerrado e contato Cerrado/Floresta Estacional e agropecuária. Argissolos de textura média/argilosa em relevos ondulado e forte ondulado. Argissolos arenosa/média e Areias em relevos suave ondulado e plano.

17 – Tabuleiro de Itapicuru

Essa unidade representa uma continuidade do Tabuleiro da Bacia do Tucano Sul, separadas em função do clima mais seco na parte norte e engloba as cidades de Ribeira do Pombal, Ribeira do Amparo, Cipó e Nova Soure.

Está inserida na Zona Fitoclimática do Cerrado e Cerrado/Floresta sob ação do clima Semiárido, com precipitação média anual entre 700 mm e 800 mm. O relevo é formado por topos planos sobre as coberturas e vales dissecados nos arenitos, folhelhos e siltitos da Formação Marizal. É drenado pelas bacias dos rios Inhambupe e Itapicuru, e apresentam altitude em volta de 130 m, contrapõe o topo do tabuleiro que está em torno de 300 m. Engloba cinco Unidades de Paisagem descritas a seguir:

17A11 – Tabuleiro de Itapicuru com cultura irrigada de fruticultura (acerola, manga, goiaba e castanha de caju) de sequeiro, sobre Latossolos de textura média em relevos plano e suave ondulado.

17At2 – Tabuleiro de Itapicuru com culturas de feijão, milho e mandioca associadas ou não à mamona e sisal e policultura irrigada. Pastagem e vegetação natural. Culturas temporárias de feijão e milho, intercaladas com Pastagem (**At1**). Latossolo de textura média e Neossolos Quartzarênicos em relevos plano e suave ondulado.

17S – Tabuleiro de Itapicuru com silvicultura de eucalipto com Vegetação Secundária, atividades agropastoris. Latossolos de textura média e Areias sobre os tabuleiros e Argissolos, de textura arenosa/ média, em relevos suave ondulado e ondulado.

17P7 – Tabuleiro de Itapicuru com Pastagem plantada, alternada com culturas temporárias (feijão, milho e mandioca), mamona e vegetação natural; Pastagem com palma forrageira (**P8**) e pastagem com castanha de caju, (**P9**). Latossolo de textura média e Neossolos Quartzarênicos em relevo suave ondulado.

17Ce – Tabuleiro de Itapicuru com cerrado, pequenas áreas de Floresta (**F**) e Caatinga (**Ca**) em Latossolo de textura média e Neossolos Quartzarênicos em relevo plano a suave ondulado.

18 – Patamares Dissecados de Cícero Dantas.

Localizada entre dois tabuleiros da bacia cretácica, abrange as cidades de Novo Triunfo, Sítio do Quinto, Antas, Banaê, Cícero Dantas, Agustina, Fátima, e Heliópolis, pertencentes integralmente a macroregião do Semiárido.

Essa unidade pertence à Zona Fitoclimática Tensão Ecológica, contato entre Cerrado, Caatinga e Floresta Estacional sob ação do clima, com precipitação média anual entre 600 mm a 900 mm. Composta por arenitos imaturos, folhelhos e siltitos da Formação Marizal principalmente, modela colinas e morros de densidade de drenagem fina a média, com residuais tabulares de cobertura. É drenada pelas bacias dos rios Vaza Barris e Itapicuru e tem como processos morfodinâmicos, mais representativos, o escoamento superficial concentrado e erosão laminar ligeira. Englobam três Unidades de Paisagem descritas a seguir:

18At2 – Patamares Dissecados de Cícero Dantas com culturas de feijão, milho e mandioca associada ou não à mamona e sisal e à castanha de caju. Pastagem e vegetação natural. Próximas a Canudos, áreas irrigadas com banana, coco-da-baía, olericulturas e horticulturas (quiabo, tomate, pimentão, coentro, alface) para produção de sementes (**Ai1**), Luvisolos, em relevo plano. Ao norte de Jeremoabo, trechos com policultura comercial e de subsistência (mandioca, algodão, manga, banana, coco, caju, etc.) com Pastagem e vegetação (**Ad1**). Areias Quartzosas e Latossolos, textura média em relevos plano e suave ondulado.

18P7 – Patamares Dissecados de Cícero Dantas com Pastagem plantada e natural, associada à culturas temporárias, feijão, milho, mandioca; ocorrência de palma forrageira (**P8**), Pastagem com castanha de caju (**P9**) e vegetação natural. Argissolos, areia/média e média/argilosa, relevos ondulado e forte ondulado.

18Ce – Patamares Dissecados de Cícero Dantas com contato Cerrado e Caatinga e Cerrado Arbóreo Aberto. Caatinga Arbórea e/ou Arbustiva Densa e Aberta (**Ca**) e contato Caatinga e Floresta Estacional (**F**). Argissolos de textura areia/média e média/argilosa e Areias Quartzosas, relevo suave ondulado a forte ondulado, Neossolos Litólicos fase rochosa, relevos forte ondulado e montanhoso.

19 – Tabuleiro do Raso da Catarina.

Representa a porção setentrional da fossa tectônica no estado da Bahia, onde está localizada a Reserva Ecológica do Raso da Catarina. Essa unidade pertence à Zona Fitoclimática Ecótono (Cerrado, Caatinga e Floresta Estacional) em clima Semiárido a Árido, com precipitação média anual entre 500 mm e 600 mm e Caatinga Arbórea no norte da unidade, onde o clima é Árido, com precipitação média anual entre 400 mm e 500 mm. Localizada na área conhecida como Raso da Catarina, formadas por planos inumados por areias e limitadas por escarpas ao longo dos vales. Em alguns trechos, como no riacho do Gama, o vale forma *canyon*. Nessa área e outros vales com encostas íngremes e expressivos paredões rochosos, torna-se um importante abrigo para a avifauna local. Na parte norte da unidade, um dos topos planos é conhecido como serra do Tonã que modela arenitos, calcários e folhelhos de idade mesozóica; já na borda ocidental afloram granitos e metassedimentos proterozóicos de embasamento.

Constituídos por arenitos da Formação Marizal, os tabuleiros planos são recortados por vales do riacho Tonã e outros afluentes do rio São Francisco, e na parte central pelo rio Vaza Barris. Os processos morfodinâmicos variam em função do relevo; nos tabuleiros planos, a dominância é do escoamento superficial difuso, infiltração e erosão laminar ligeira, já nos vales dissecados a erosão é mais proeminente, em razão da susceptibilidade das rochas, facilmente fragmentadas, desmoronadas, e erosão laminar moderada. A altitude varia de 350 m a 850 m e englobam três Unidades de Paisagem descritas a seguir:

19Ad1 – Tabuleiro do Raso da Catarina com trechos com policultura comercial e de subsistência, mandioca, algodão, manga, banana, coco, caju, etc., com pastagem e vegetação; Culturas de feijão, milho e mandioca associadas ou não à mamona e sisal e policultura irrigada. Pastagem e vegetação natural (**At2**), e no Rio Vaza-Barris, áreas irrigadas com banana, coco-da-baía, olericulturas e horticulturas (quiabo, tomate, pimentão, coentro, alface) para produção de sementes (**Ai1**). Luvisolos, em relevo plano.

19P – Tabuleiro do Raso da Catarina com Pastagem. Pastagem plantada com culturas temporárias, feijão, milho e mandioca e vegetação natural (**P7**), Pastagem associada à palma forrageira e sisal (**P8**). Neossolos Quartzarênicos, relevo plano. Nos vales os relevos são suave ondulado e ondulado.

19Ce – Tabuleiro do Raso da Catarina com área de tensão ecológica, contato Cerrado-Caatinga-Arbórea Aberta. Nesta UP está localizada a reserva ecológica Raso da Catarina e da APA Serra Branca/Raso da Catarina, localizada na margem esquerda do rio Vaza Barris. Vegetação Secundária em ambiente de Caatinga Arbórea e Densa, intercaladas com atividades agropastoris (**Ca**). Neossolos Quartzarênicos em relevo plano e Cambissolos eutróficos, textura média, relevo plano na serra de Tonã.

IV – Domínio Morfoestrutural da Bacia e Cobertura Sedimentar do Rio Pardo

A Bacia Sedimentar do Rio Pardo é integrada pela bacia geológica onde se depositaram os sedimentos que compõem as rochas carbonáticas do Grupo Rio Pardo, com áreas localizadas recobertas por material do Grupo Barreiras. Trata-se de uma bacia de sedimentação quase toda balizada por falhas principalmente de sentido NO-SE, o que reflete em alguns trechos de cursos retelinizados dos rios. Esse domínio abrange uma Unidade Territorial Básica.

20 – Tabuleiro do Rio Pardo

Essa unidade é representativa da macrorregião do Litoral Sul da qual se estende em pequena proporção de área, na porção oeste, para o semiárido, na margem direita do rio Pardo. Está inserida na Zona Fitoclimática da Floresta Ombrófila Densa sob ação do clima Úmido a Subúmido com precipitação média anual entre 1.200 mm e 1.400 mm. Compõem filitos, metassiltitos e calcários com relevo de colinas e outeiros de topos tabulares e altitudes entre 100 m e 400 m. É drenada por afluentes do baixo curso do rio Pardo, com média densidade de drenagem com atuação dos processos de escoamento difuso e erosão laminar ligeira. Representa uma Unidade de Paisagem descrita a seguir:

20P – Tabuleiro do Rio Pardo com Pastagem. Argissolos distróficos e eutróficos de textura média/argilosa, em relevos suave ondulado e ondulado e Latossolos Amarelos, argilosos que ocupam os topos suavizados das coberturas do Grupo Barreiras.

V – Domínio Morfoestrutural da Bacia e Cobertura Sedimentar Carbonática da MR Semiárido

Este domínio abrange áreas de cobertura de metassedimentos pré-cambrianos e de disposição horizontal ou sub-horizontal. A cobertura plataformal do Bambuí está desenvolvida sobre rochas calcárias pertencente ao Supergrupo São Francisco e engloba sete Unidades Territoriais Básicas.

21 – Piemonte da Chapada Diamantina

Localizado margeando a porção oriental da Chapada Diamantina, é constituído por uma larga faixa planáltica que compõe o piemonte, onde se localizam as cidades de: Utinga, Wagner, Nova Redenção, Itaité e Iramaia.

Essa unidade pertence à Zona Fitoclimática da Floresta Estacional Decidual e Submontana em clima Semiárido tendendo a Seco com precipitação média anual entre 700 mm e 800 mm. Sobre rochas de sequência carbonática-calcários, dolomitos e áreas de diamictitos, desenvolveu-se modelado de aplainamento, com ou sem cobertura. É representada por uma topografia tabular configurando lombadas com ligeiro basculamento para oeste na direção da Chapada Diamantina, terminando a leste por escarpas descontínuas no contato com os relevos dissecados do Patamar Colinoso de Tapiramutá e com a Depressão Sertaneja. Destaca-se o morro da Lapinha, elevação residual com gruta localizada nos limites do piemonte em sua parte centro leste, assim como os paredões entalhados pelo rio Una a poucos quilômetros de sua confluência com rio Paraguaçu.

A drenagem da área é rarefeita, comandada pelo rio Paraguaçu através dos rios Santo Antônio, Utinga e Una com regime, na maioria, temporário. O vale do rio Utinga é considerado uma depressão cárstica do tipo polgé, com fundo chato e em grande parte cultivado (Radambrasil, 1981). Caracterizado pela presença de bastantes termiteiros, esta unidade tem como principais processos morfodinâmicos os escoamentos superficiais difusos e concentrados e erosão laminar ligeira. Altitude entre 350 m e 800 m, com caimento para leste, e engloba quatro Unidades de Paisagem descritas a seguir:

21At1 – Piemonte da Chapada Diamantina com culturas temporárias, feijão, milho, irrigada ou não, intercaladas com Pastagem e Vegetação Secundária, principalmente na colônia do INCRA em Itaeté e em Nova Redenção e a norte, em Ibiaporá. Ao longo de trechos do Vale do rio Utinga e Paraguaçu, culturas de horticulturas, olericultura e fruticultura, irrigadas (**Ai1**) sobre Latossolos eutróficos e relevos plano e suave ondulado. No rio Utinga, citros (**Ap1**); pequena área de café (**Ap5**), sobre Cambissolos eutróficos e Latossolos álicos, ambos argilosos e relevo plano a ondulado.

21P – Piemonte da Chapada Diamantina com pastagem plantada, policultura de subsistência e Vegetação Secundária. Latossolo álico e eutrófico, de textura argilosa sobre relevo plano e suave ondulado. Presença de termiteiros com maior concentração no município de Utinga e Unidade de Conservação dos Maribus, com pastagem ao longo do rio Santo Antônio, a leste de Lençóis.

21F – Piemonte da Chapada Diamantina com Floresta fragmentada e agropecuária, em toda porção oeste da unidade, pequenas áreas de Cerrado (**Ce**). Latossolos argilosos, em relevos plano e suave ondulado.

21 Re – Piemonte da Chapada Diamantina com Refúgio Ecológico em áreas elevadas e rochosas. Os solos dominantes são os Latossolos Vermelho Amarelos aluminicos distróficos de textura fina.

22 – Chapada de Irecê.

Essa unidade que engloba as cidades de: Central, Jussara, São Gabriel, Presidente Dutra, Irecê, Lapão, João Dourado, América Dourada, Ibititá, Ibipêba, Canarana, Barro Alto, Barra do Mendes, Cafarnaúm, Mulungu do Morro, Souto Soares e Iraquara está bordejada pelos contrafortes da Chapada Diamantina na sua porção leste, sul e oeste. Compartimento embutido entre as unidades das Chapadas do Morro do Chapéu e as Serras da Borda Ocidental da Diamantina, caracterizado por uma superfície com formas de dissolução de rochas calcárias de idade proterozóica, geralmente mascaradas pelo material resultante da alteração de uma cobertura pré-existente, com altitudes que variam de 400 a 800 metros.

Inserida na Zona Fitoclimática da Caatinga Arbórea Densa e Aberta sob ação do clima Semiárido, com precipitação média anual entre 500 mm e 750 mm, trata-se de uma superfície de topo plano carstificado e baixios, formando uma superfície irregular, com morros cársticos, lácias, dolinas e grutas, drenados por rios intermitentes, afluentes dos rios Jacaré e Salitre, apresentando sumidouros e ressurgências.

A dissolução do carbonato de cálcio fornece materiais argilosos e depósitos de brechas e areias para preenchimento de depressões cársticas, e possibilita também a instalação de uma drenagem subterrânea sobre uma sequência carbonática de calcários cinza, preto, siltitos e argilitos e subordinadamente ocorrem arcósios e dolomitos. Entre as grutas destaca-se a dos Brejões, localizada no limite dessa unidade com as chapadas do Morro do Chapéu. O rio Jacaré ou Vereda do Romão Gramacho, que drena essa unidade, penetra nessa gruta ressurgindo adiante (MMA, 2011). Esse sistema fluvial foi que modelou o interior da gruta com a formação de estalactites e estalagmites. Faz parte da bacia do rio São Francisco, drenada pelos rios Vereda Romão-Gramacho e Verde e engloba duas Unidades de Paisagem descritas a seguir:

22At1 – Chapada de Irecê com culturas temporárias, feijão, milho, mamona e sorgo, irrigadas ou não, e policultura grande trecho dessa cultura está sobre a área da APA de Marimbus / Iraquara situada entre esta cidade e o norte de Palmeiras. No restante da Chapada tem como uso dominante as culturas temporárias. Áreas com pinha consorciada (**Ad1**); pequenas áreas com plantio de sisal (**Ap4**). Cambissolos profundos e rasos, carbonáticos ou não, e Latossolos, ambos eutróficos, de textura média e argilosa em relevos plano e suave ondulado.

22Ca – Chapada de Irecê com remanescentes de Caatinga Arbórea, nesta UP destaca-se a APA Gruta dos Brejões/Vereda do Romão Gramacho no contato com o Morro do Chapéu. Cerrado (**Ce**) e Floresta (**F**). Pequena área, ao norte, de Pastagem (**P**) sobre Cambissolos predominantemente rasos, em relevos plano e suave ondulado.

23 – Baixada do Rio Salitre.

Localizada entre a Chapada do Morro do Chapéu a leste e as Serras Setentrionais a oeste, destaca-se, na porção norte da unidade, apenas três centros urbanos representados pelas cidades de Umburanas, Ourolândia e Várzea Nova.

Esta unidade está inserida na Zona Fitoclimática Caatinga Arbórea densa e aberta sob ação do clima Árido, com precipitação média anual entre 400 mm e 500 mm. Sobre os calcários cinza-esbranquiçados, amarelados, e brecha calcária, um modelado de superfície de pediplanação, com ou sem depósitos arenosos argilo-silticos. Caracteriza-se por planos inumados rampeados na direção dos vales destacando-se na parte leste relevos residuais de topos planos e no trecho sul destaca-se um carste coberto com feições em superfície originadas pela dissolução dos carbonatos, principalmente dolinas e grutas, sendo a do Icó, próximo a Várzea Nova a mais conhecida (MMA, 2011). Faz parte da bacia do rio São Francisco, drenada pelo rio Salitre, que apresenta vale encaixado com controle estrutural e encostas abruptas esculpidas nos calcários. Os processos morfodinâmicos mais atuantes são o escoamento superficial difuso e o escoamento subsuperficial de dissolução. Com altitude entre 400 m e 800 m, engloba três Unidades de Paisagem descritas a seguir:

23Ad1 – Baixada do Rio Salitre com policultura comercial e de subsistência (mandioca, algodão, manga, maracujá, mamona, cebola, etc.). Sobre esta UP são localizadas várias áreas de assentamento: Lagoa de Dentro, São João de Casa Nova, Santa Luzia, Pau de Colher, Alagoinhas e Varzea do Curral. Cultivo de sisal (**Ap4**). Culturas temporárias tradicionais, feijão, milho, mandioca (**At2**). Cambissolo eutrófico raso e pouco profundo, fase rochosa e não rochosa, textura média e argilosa. Latossolo distrófico, profundo, na porção norte da unidade, textura média, todos em relevos plano e suave ondulado.

23P – Baixada do Rio Salitre com pastagem com policultura. Pastagem e culturas temporárias de feijão, milho e mandioca (**P7**). Cambissolo eutrófico raso e pouco profundo, fases rochosa e não rochosa, texturas média e argilosa. Latossolo distrófico, profundo, na porção norte da unidade, textura média, todos em relevos plano e suave ondulado.

23Ca – Baixada do Rio Salitre com Caatinga Arbórea e Arbustiva e contato Cerrado (**Ce**) e Caatinga Arbórea Aberta e Densa, contato Floresta/Cerrado (**F**). Cambissolo eutrófico raso e pouco profundo, fases rochosa e não rochosa, texturas média e argilosa. Latossolo distrófico, profundo, na porção norte da unidade, textura média, todos em relevos plano e suave ondulado.

24 – Baixada dos Rios Verde e Jacaré.

Localizada a norte da Chapada de Irecê apresenta um vazio demográfico no setor norte, sendo representada pelas cidades de: Itaguaçu da Bahia, Tabatinga e Lagoa da Palha, na porção sul. Destaca-se nesta UP na margem esquerda do rio Jacaré, a área de assentamento Poção e a APA do Lago do Sobradinho em ambas as margens do referido rio até o rio São Francisco.

Essa unidade está inserida na Zona Fitoclimática Caatinga Arbórea Densa e Aberta sob ação do clima Semiárido, com precipitação média anual entre 550 mm e 700 mm. A superfície aplainada é formada por coberturas Tércio-Quaternárias e nos vales que a recortam, ocorrência de calcários cinza-esbranquiçados, amarelados e brecha. Nesses planos rampeados em direção ao Vale São Francisco, nos vales dos rios onde afloram os sedimentos calcíferos desenvolveu-se um carste coberto por material de alteração da cobertura preexistente, com feições em superfície representadas pelas dolinas concentradas na margem esquerda do rio Jacaré. Faz parte da bacia do rio São Francisco, drenada pelos rios Verde e Jacaré, com altitude entre 400 m e 600 m e engloba três Unidades de Paisagem descritas a seguir:

24At1 – Baixada dos Rios Verde e Jacaré com culturas temporárias, feijão, milho, mamona e sorgo, irrigadas ou não. Culturas diversificadas, policultura comercial e de subsistência (banana, coco, algodão, etc.) associada à Pastagem (**Ad1**). Culturas irrigadas de frutíferas (**Ai**). Cambissolos eutróficos profundos e rasos, carbonáticos ou não, e Latossolos, distróficos ambos de textura média e argilosa em relevos plano e suave ondulado.

24P – Baixada dos Rios Verde e Jacaré com Pastagem em Latossolo distrófico e eutrófico de textura média, relevo plano. Muitos assentamentos estão localizados no centro sul da unidade como, Fazenda Almas, Sertão Bonito, Fazenda Califórnia, São Caetano e Aparecida do Norte.

24Ca – Baixada dos Rios Verde e Jacaré com Vegetação Secundária em ambiente de Caatinga Arbórea Aberta e Densa intercalada com atividades agropastoris. Latossolo distrófico e eutrófico de textura média, relevo plano, associado à Cambissolo eutrófico de textura média e argilosa, relevos plano e suave ondulado.

25 – Depressão do Médio São Francisco.

Localizada na margem direita e esquerda do rio São Francisco, limitada pelo estado de Minas Gerais, engloba as cidades de: Serra do Ramalho, Feira da Mata, Carinhanha, Iuiu, Palmas de Monte Alto e Sebastião Laranjeira.

Essa unidade está inserida na Zona Fitoclimática Floresta Estacional Decidual e Semidecidual e áreas de contato entre Caatinga e Floresta Estacional, sob ação do clima Subúmido a Seco, com precipitação média anual entre 800 mm e 900 mm. Composta por calcário, dolomito, siltito, folhelho e ardósia, que quando expostos, formam planos carstificados, com dolinas, sumidouros e ressurgências e morros residuais dos calcários, ou composta de coberturas Tércio-Quaternárias. Caracterizada por uma superfície formada por rampas arenosas partindo dos sopés das elevações do Espinhaço e dos Chapadões Ocidentais, é drenada pelos afluentes de ambas as margens do São Francisco, nesse trecho, formando rampas convergentes para larga planície aluvionar ao longo do curso do rio.

Os processos dominantes nas vertentes são decorrentes do escoamento superficial semiconcentrado que ocasiona o aparecimento de sulcos, da infiltração das águas nas áreas arenosas e da dissolução das rochas carbonatadas, com acumulação de material argiloso nas depressões com altitude entre 400 m e 750 m, e englobam duas Unidades de Paisagem descritas a seguir:

25P – Depressão do Médio São Francisco com Pastagem e policultura. Pastagem com vegetação natural (**P11**) e Áreas com Pastagem em meio a Floresta (**Pf**). Cambissolos argilosos eutróficos, relevo plano e suave ondulado. Latossolo distrófico, texturas média e argilosa, relevo plano.

25Ca – Depressão do Médio São Francisco com Caatinga. Pequenas áreas de Cerrado (**Ce**) e de Floresta Estacional (**F**). Cambissolos argilosos eutróficos, relevos plano e suave ondulado. Latossolo distrófico, média e argilosa, relevo plano.

27 – Patamar Cárstico.

Essa unidade é representativa na macrorregião do Cerrado de onde se estende, a sul da cidade de Wanderley, para a macrorregião semiárido numa pequena área. Está inserida na Zona Fitoclimática da Floresta Estacional Semidecidual e Decidual sob ação do clima Subúmido, com precipitação média anual entre 1.000 mm e 1.150 mm. Constituída por sedimentos calcários, margas, folhelhos, siltitos, dolomitos, etc. integra as formações do Grupo Bambuí. O relevo é formado por escarpas ravinadas, cristas, topos aplainados residuais da chapada e por áreas rampeadas dissecadas em colinas e lombas que variam entre 500 m e 800 m de altura. Drenada por nascentes, com

vales encaixados, de rios afluentes de sub-bacias do rio São Francisco tem como principais processos morfodinâmicos o escoamento concentrado e a erosão laminar moderada. Engloba uma Unidade de Paisagem descrita a seguir:

27Fp – Patamar Cárstico com Floresta Estacional Semidecidual com Pastagem, nas bordas calcárias com relevo de maiores declives. Em pequenos trechos, pastagem extensiva em meio a vegetação natural. Cambissolos, com textura argilosa, cascalhenta ou não e Neossolos Litólicos, em relevos ondulado, forte ondulado e escarpado.

29 – Serras do Ramalho e de Iuiu.

Localizada ao sul do estado da Bahia, predominantemente na margem esquerda do rio São Francisco, compreende a Serra do Ramalho a oeste, dividida ao meio pelo limite da macrorregião do Cerrado e do Semiárido e pela Serra de Iuiu na margem direita do São Francisco. Na Serra do Ramalho a cidade de Cocos se faz representar e na Serra de Iuiu a cidade do mesmo nome está localizada no seu sopé na porção norte da referida serra.

Essa unidade está inserida na Zona Fitoclimática da Floresta Estacional Semidecidual, Decidual e Cerrado sob ação do clima Subúmido a Seco, com precipitação média anual em torno de 1.000 mm. Formada de calcário e lentes de siltitos e folhelhos com topos de arenito do Urucuia. Com altitude em torno de 800 m, constitui um interflúvio, de onde nascem afluentes dos rios Corrente e São Francisco. Seguindo a topossequência surgem planos cársticos em cotas altimétrica médias em torno de 500 m, com ocorrência de grutas e torres, em calcários e siltitos (MMA, 2011). Essa unidade engloba uma Unidade de Paisagem descrita a seguir:

29F – Serras do Ramalho e de Iuiu com Floresta Estacional Decidual Montana associada ao uso de Pastagem plantada (**P**) na região de cocos. Ao norte da serra do Ramalho recursos minerais, flúor, chumbo, zinco e manganês. E na serra de Iuiu a Floresta está recortada por pecuária extensiva e agricultura temporária. Cambissolos de alta fertilidade, cascalhento e não cascalhento, argilosos e Latossolos de textura média em áreas de relevo que varia de plano a ondulado na porção sul da serra do Ramalho e ondulado a forte ondulado na porção norte e na serra de Iuiu, com Cambissolos.

VII - Domínio Morfoestrutural das Estruturas Dobradas da Chapada Diamantina da MR Semiárido

Constitui um conjunto de relevo de Coberturas Dobradas composta de anticlinais e sinclinais, estruturas de dobramento, topograficamente elevado, interrompido eventualmente por modelados planos acima de 800 m de altitude passando para mais de 1.500 m nos trechos de relevo mais movimentado. Inclui o ponto culminante do estado da Bahia, Pico do Barbado localizado na serra da Mesa, com 2.033 m de altitude.

O relevo reflete forte controle estrutural, comprovado pela sucessão de escarpas e vales direcionados, adaptados a falhas e fraturas. O arranjo e as feições do relevo modeladas em dobras de largo raio de curvatura e de direção N-S e S-NE, com alinhamento preferencial na direção SO-NE e SE-NO (Radambrasil, 1983), são os traços comuns deste domínio. São constituídas por formações do Pré-Cambriano Médio, incluídas como coberturas do Craton do São Francisco e correspondendo ao Grupo Chapada Diamantina, pertencente ao Super-grupo Espinhaço. Abrange, principalmente, as rochas metassedimentares das Formações Caboclo e Tombador.

Este domínio abrange, na região do Semiárido, oito Unidades Territoriais Básicas, assim caracterizadas:

32 – Serras Setentrionais.

Esta unidade, localizada na margem direita da Barragem de Sobradinho, e até as proximidades da localidade de Umburanas a norte, está inserida na Zona Fitoclimática Caatinga Arbórea Densa e Aberta e Cerrado Gramíneo-Lenhoso e restos de Refúgios Ecológicos Montanos em posição de topo, sob ação do clima Semiárido com precipitação média anual entre 500 mm e 650 mm.

Englobam feições estruturais esculpidas sobre os metaconglomerados, metarenitos, metassiltitos e metargilitos do Grupo Chapada Diamantina. Caracteriza-se por elevações residuais correspondentes a uma anticlinal falhada e escavada, com bordas escarpadas. O centro é ocupado por uma depressão embutida, aberta pelo riacho Bázua, afluente da margem direita do São Francisco que se apresenta intensamente encaixado e controlado pela estrutura. Em função destas características o vazio urbano é extremamente significativo, sendo apoiado pelas cidades das UTBs vizinhas. Os processos erosivos, como o escoamento concentrado, desmoronamentos, e erosão laminar moderada a severa, em algumas encostas, provocam a partir do sopé das escarpas pedimentos ravinados. Estes mesmos processos descobriram litologias pertencentes à Formação Caboclo, que estrategicamente se encontra abaixo da Formação Morro do Chapéu, encontradas nos planos mais elevados (Radambrasil, 1983). Os vales de garganta são ladeados por escarpas íngremes em rochas mais resistentes e apresentam no seu sopé acumulações de areias brancas resultantes da desagregação dos metassedimentos. Nos planos mais elevados são comuns as depressões rasas e os anfiteatros nas cabeceiras de drenagem, geralmente povoadas pela vegetação.

As grandes extensões elevadas, de difícil acesso representado por traçados sinuosos através de gargantas entalhadas pela drenagem e a topografia irregular, influenciam diretamente na ocupação humana, que é rarefeita e relacionada principalmente com a exploração mineral.

Este conjunto de serras, com Neossolos Litólicos, textura arenosa e média, fase pedregosa e fase rochosa mais afloramentos de Rocha e topos aplainados com coberturas de Latossolos de textura média, em altitudes entre 500 e 1200 m é um dispersor de águas dos rios Salitre e Jacaré e engloba duas Unidades de Paisagem, representadas a seguir:

32P – Serras Setentrionais com Pastagem e policultura; Culturas diversificadas comercial e de subsistência (**Ad1**); sobre os residuais dos Latossolos, textura média, relevos plano e suave ondulado, em meio a Argissolos e Neossolos Litólicos, relevo ondulado.

32Ca – Serras Setentrionais com Caatinga Arbórea Aberta e Densa, Contato Caatinga-Floresta Estacional, Cerrado (**Ce**) e Campos Rupestres (**Re**). Neossolos Litólicos, textura arenosa e média, fase pedregosa, relevos ondulado e forte ondulado, e com fase rochosa mais afloramentos de rocha em relevos forte ondulado e montanhoso.

33 – Chapada de Morro do Chapéu.

Com um formato semelhante a uma letra Y, esta unidade, constituída de relevos estruturais, se destaca em meio às superfícies aplanadas das chapadas e baixadas de influência cárstica e tem como único centro urbano a cidade de Morro do Chapéu.

Está inserida na Zona Fitoclimática Cerrado Gramíneo Lenhoso e Arbóreo Aberto e Contato de Cerrado com Floresta Estacional e Caatinga, sob ação do clima Semiárido, com precipitação média anual entre 600 mm e 850 mm. Constitui uma superfície cimeira da Diamantina, com topos tabulares de 800 a 1000 m de altitude e representa um conjunto de dobras exumadas de aplanamento que truncou as cumeeiras das anticlinais. A grande anticlinal de Morro do Chapéu apresenta-se esvaziada e limitada por escarpas monoclinais, que a leste é conhecida como Serra do Tombador que forma uma espécie de pseudocuesta cujo reverso é sulcado pela drenagem paralela dirigida para oeste. Na borda da estrutura, a inclinação das camadas originou feições denominadas de facetas triangulares (chevrons) (MMA, 2011). A erosão dessas dobras foi facilitada pela presença de camadas de metassiltitos e metaargilitos. A estas feições interpõem-se modelados formando extensos planos incluindo lombas e vales largos e rasos com declives variando de 3 a 12% contendo coberturas detríticas de espessura variáveis, expondo localmente a rocha truncada. Nas proximidades da cidade de Morro do Chapéu, localizada bem no centro da UTB, os afloramentos rochosos apresentam-se em forma de lajedos intercalados por lagoas.

A presença de relevo plano, associado às temperaturas decorrentes da altitude, constituem fatores favoráveis a exploração agrícola nesta unidade, com mecanização da lavoura e desmatamentos desordenados os quais promovem a aceleração de processos de erosão localizados. De modo geral, na unidade, os processos morfodinâmicos estão relacionados ao escoamento concentrado, erosão laminar moderada e formação de sulcos de forma pontual.

Neste conjunto de planos, com coberturas latossólicas profundas, porosas, permeáveis de textura média e argilosa, e de serras com Neossolos Litólicos, textura arenosa, fase rochosa, é de onde nascem os rios Salitre e Jacuípe e engloba três Unidades de Paisagem descritas a seguir:

33Ap4 – Chapada de Morro do Chapéu com cultivo de sisal intercalado com policultura pastagem e vegetação; Cultivo de café (**Ap5**); Citros (**Ap1**); Culturas diversificadas comercial e de subsistência (**Ad1**); Culturas temporárias tradicionais, feijão, milho, mandioca (**At1**). Culturas irrigadas de frutíferas (**Ai1**). Latossolos textura média e argilosa, relevos plano e suave ondulado.

33P – Chapada de Morro do Chapéu com Pastagem e policultura e áreas de projeto de assentamento: Lapinha, Boa Vista e Morrinhos. Pastagem com culturas temporárias, feijão, milho, mandioca (**P7**). Pastagem associada à palma forrageira, sisal e Vegetação Secundária (**P8**) sobre Latossolos texturas média e argilosa, relevos plano e suave ondulado.

33Ca – Chapada de Morro do Chapéu com contato Caatinga-Floresta Estacional (**F**) e Cerrado - Floresta Estacional (**Ce**), em áreas de Tensão Ecológica. Caatinga, Cerrado e Refúgio Ecológico (**Re**) no Parque Estadual Morro do Chapéu, localizado a oeste do centro da cidade, Lagoa do Saco, dentre outras áreas. Neossolos Litólicos textura arenosa, fase rochosa, relevos ondulado e forte ondulado, e arenosa e média fase rochosa, relevos forte ondulado e montanhoso.

34 – Planalto do Rio Bonito.

Emoldurado pelo relevo de dissecação estrutural da Chapada de Morro do Chapéu, esta unidade tem como centro urbano a cidade de Bonito e está inserida na Zona Fitoclimática de Floresta Estacional Semidecidual e Contato de Cerrado Arbóreo Aberto com Floresta, sob ação do clima Semiárido com precipitação média anual entre 700 e 800 mm.

Correspondendo a um segmento dos contrafortes orientais da Chapada Diamantina, trata-se de um planalto com setores mais conservados de relevos tabulares com coberturas detríticas de idade Tércio-Quaternária localizadas na parte central da unidade. Contornando estes planos, um relevo dissecado de média densidade de drenagem, é sustentado nos arenitos ortoquartzíticos, siltitos e argilito. Nestas áreas mais dissecadas o relevo configura formas convexas com outeiros e morros separados por vales muito profundos com encostas de forte declive. Nestes setores os processos morfodinâmicos, representados principalmente pelo escoamento concentrado, atuam com mais

intensidade onde há referências da presença de ravinas antigas e atuais que entalham as vertentes, bem como a formação de terracetes nas áreas de pastagem. Já nos topos a ação da morfogênese é provocada pelo escoamento superficial difuso e erosão laminar ligeira.

A drenagem da área dirige-se para o rio Utinga, destacando-se o rio Bonito, inteiramente retilinizado e com margens desniveladas e assimétricas devido à influência estrutural. Os solos mais representativos pertencem à classe dos Argissolos de textura média/argilosa, nas áreas mais dissecadas e Latossolos de textura argilosa sobre os planos relacionados às coberturas detriticas. Com altitudes entre 800 a 1000 m esta UTB engloba três Unidades de Paisagem indicadas a seguir:

34Ap5 – Planalto do Rio Bonito com café associado à Pastagem, policultura de subsistência e vegetação natural. Culturas temporárias tradicionais, feijão, milho, mandioca e outras (**At1**). Argissolos média/argilosa, em relevos ondulado e forte ondulado e Latossolo argiloso, em relevos suave ondulado e plano.

34P – Planalto do Rio Bonito com Pastagem e policultura. Pastagem associada a café e frutíferas (**P6**). Argissolos textura média/argilosa, relevo ondulado e Latossolos, argiloso, em relevos suave ondulado e plano.

34F – Planalto do Rio Bonito com Floresta Estacional (fragmentos naturais e/ou descaracterizada), Cerrado (**Ce**) e Caatinga (**Ca**) intercalada com agropecuária. Argissolos textura média/argilosa, relevos ondulado e forte ondulado e Latossolos, argilosos, relevos suave ondulado e plano.

35 – Serra do Sincorá.

Localizada na porção oriental da Chapada Diamantina engloba as cidades de Palmeiras, Lencóis, Andaraí e Mucugê todas representadas nos centros turísticos da Chapada.

Essa unidade está inserida na Zona Fitoclimática: Refúgio Ecológico Montano - Vegetação Rupestre e Cerrado Gramíneo Lenhoso, sob ação do clima Subúmido a Seco, com precipitação média anual entre 700 mm e 1.300 mm. Os metassedimentos de arenitos ortoquartzíticos são seccionados por vales profundos, alvéolos e *canyons*, configurando um relevo estrutural, com escarpas monoclinais (chevrons), resultantes da esculturação de planos estratigráficos, feições estruturais escarpadas e ruíformes e rampas pedimentadas nos sopés dos morros. Essas feições estão em cotas altimétricas que variam de 800 m a 1.000 m. Seccionada pelo rio Paraguaçu, é drenada por seus afluentes e tem como principais processos morfodinâmicos o assoreamento, a desintegração das rochas, escoamento concentrado e erosão laminar moderada. Engloba quatro Unidades de Paisagem a seguir caracterizadas:

35Ai2 – Serra do Sincorá com áreas de contato com as unidades vizinhas, pequenos parcelas de culturas irrigadas e diversificadas de café, feijão, cebola, cenoura associadas à Pastagem; Culturas temporárias tradicionais (**At1** e **At2**) e café associadas à Pastagem (**Ap5**). Sobre os Latossolos com textura média e Neossolos Quartzarênicos em relevos plano e suave ondulado.

35P – Áreas de Pastagem com policultura sobre Neossolos Litólicos, associado a Neossolos Quartzarênicos e Latossolos textura média, em relevo suave ondulado a forte ondulado.

35Re – Serra do Sincorá com Refúgio Ecológico em áreas elevadas e rochosas constituindo o Parque Nacional da Chapada Diamantina e o Parque Municipal de Mucugê. Neossolos Litólicos textura arenosa e média, associado a Neossolos Quartzarênicos, em relevos suave ondulado a forte ondulado e montanhoso.

35Ce – Serra do Sincorá com contato Cerrado – Floresta (**F**) intercalada com atividades agropastoris. Neossolos Litólicos, texturas arenosa e média, associado a Neossolos Quartzarênicos e Latossolos textura média, em relevo suave ondulado a forte ondulado.

36 – Gerais da Chapada Diamantina.

Localizado entre as unidades Serra do Sincorá a leste e Serras da Nascente do rio de Contas e Serras Ocidentais a oeste, tem como centros urbanos as cidades Boninal, Ibupiará, Brotas de Macaúbas e Cascavel.

Essa unidade está inserida na Zona Fitoclimática do Cerrado Gramíneo lenhoso e Floresta Estacional Submontana sob ação do clima Subúmido a Seco, com precipitação média anual entre 700 mm e 1.100 mm. Compõe uma superfície aplainada que truncou as litologias da Chapada Diamantina recobertas por detritos areno-argilosos Tércio-Quaternárias. A dissecção do relevo é incipiente, resultando em rampas de suaves declives provocadas pela drenagem do alto rio Paraguaçu e afluentes, como rios Tijuco, Cambuca e Preto. Os processos morfodinâmicos mais representativos estão relacionados ao escoamento superficial difuso e a erosão laminar ligeira.

O limite leste da unidade é feito pela serra do Sincorá e a oeste por escarpas das serras alinhadas, trecho onde a dissecção é mais acentuada com formas abauladas refletindo a litoestrutura. Essa unidade está posicionada em áreas com altitudes entre 800 m e 1.000 m e engloba três Unidades de Paisagem descritas a seguir:

36Ai2 – Gerais da Chapada Diamantina com culturas diversificadas de batata inglesa, café, feijão, milho, cebola, cenoura, horticultura, floricultura. Culturas temporárias, horticulturas, feijão, milho, mandioca, (irrigadas ou não) e culturas permanentes (fumo, banana, mamona, cana-de-açúcar, manga, coco) intercaladas com Pastagem (**At2**).

Culturas de feijão e milho, irrigadas ou não, intercaladas com Pastagem e/ou vegetação natural (**At1**). Culturas de café associadas à Pastagem (**Ap5**); Culturas diversificadas comercial e de subsistência (**Ad1**). Latossolos de textura média e argilosa em relevos plano e suave ondulado.

36P – Gerais da Chapada Diamantina com pastagem plantada, melhorada ou não, associada a culturas irrigadas. Latossolos de texturas média e argilosa em relevos plano e suave ondulado.

36Ce – Gerais da Chapada Diamantina com Cerrado gramíneo lenhoso e tipo parque, e Caatinga (**Ca**) em meio a agricultura e Pastagem; residuais de Floresta (**F**) e Refúgio ecológico (**Re**). Latossolos de textura média e argilosa em relevo plano e suave ondulado.

37 – Superfície Dissecada de Barra da Estiva.

Localizada nas nascentes do rio Paraguaçu, abrange as cidade de Ibicoara e Barra da Estiva e está inserida na Zona Fitoclimática: Cerrado Arbóreo Aberto com Floresta de galeria e Cerrado Parque sob ação do clima Subúmido a Seco, com precipitação média anual entre 750 mm e 1.000 mm. Compõe uma superfície dissecada de fina densidade de drenagem representando um interflúvio de onde nasce o rio do Paraguaçu, correndo para norte em direção a Mucugê, e o rio Ourives afluente da bacia do rio de Contas, que drena o setor sul da unidade. Destaca-se como residual na superfície dissecada, Ouro. O modelado de colinas e morros é desenvolvido dos arenitos argilosos, friáveis e corpos tabulares de vulcanitos ácidos e básicos. A altitude varia de 800 m a 1.300 m e engloba três Unidades de Paisagem descritas a seguir:

37Ap5 – Superfície Dissecada de Barra da Estiva com cultivo de café associado à Pastagem, policultura de subsistência e comercial e à vegetação natural; Culturas diversificadas irrigadas (**Ai2**). Argissolos de textura arenosa e média/média e argilosa e Cambissolos de textura média, Neossolos Litólicos arenosa e média, todos em relevo ondulado a forte ondulado.

37 P – Superfície Dissecada de Barra da Estiva com Pastagem plantada e natural associada à culturas temporárias de feijão, milho e mandioca. Os solos dominantes são Neossolos Litólicos eutróficos textura média e Argissolos Vermelho Amarelos eutróficos textura média em relevo suave ondulado e ondulado.

37Ce – Superfície Dissecada de Barra da Estiva com cerrado Arbóreo Aberto, área de Ecótono, contato Cerrado-Floresta Estacional (**F**); Refúgio ecológico (**Re**). Argissolos de texturas arenosa e média/média e argilosa e Cambissolos de textura média, Neossolos Litólicos arenosa e média, todos em relevo ondulado a forte ondulado.

37Ca – Superfície Dissecada de Barra da Estiva com contato Caatinga-Floresta Estacional, nas molduras, de sequência carbonática, da baixada de Ituaçu, com solos Neossolos Litólicos eutróficos de textura arenosa/média, em relevos forte ondulado e montanhoso, diferenciando da baixada com Latossolo texturas média e argilosa e Neossolos Litólicos em relevos suave ondulado e ondulado, revestida por Caatinga Arbórea Aberta.

38 – Serras da Nascente do Rio de Contas.

Localizadas na porção central da Chapada Diamantina englobam as cidades de Piatã, Abaíra e Rio de Contas, incluída na Zona Fitoclimática Cerrado Parque e Refúgio Ecológico Montano sob ação do clima Subúmido a Seco, orientadas por dinâmica tectônica, é caracterizada por cristas paralelas com escarpas abruptas e vales, com precipitação média anual entre 700 mm e 1.100 mm. Constituída por um conjunto de serras estreitas e profundas, orientados segundo a litoestrutura, e esculpido em quartzitos, filitos, metaconglomerados, riolitos, metarcóseos, margas e calcários, dispostos em camadas intercaladas, na direção N-NW. As serras de maiores destaque são as do rio de Contas e do Atalho, de onde nasce o rio de Contas no município de Piatã. A altimetria varia de 700 m a 2.033 m no pico do Barbado, ponto culminante da Bahia. Engloba duas Unidades de Paisagem descritas a seguir:

38At1 – Serras da Nascente do Rio de Contas com culturas de feijão, milho, irrigadas ou não, intercaladas com Pastagem e/ou vegetação natural. Latossolo com texturas média e argilosa, relevos plano e suave ondulado.

38Ce – Serras da Nascente do Rio de Contas com Cerrado Arbóreo Aberto, Cerrado Parque, Vegetação Rupestre-Refúgio Ecológico (**Re**), Caatinga (**Ca**) e intercaladas com Pastagem (**P**). Neossolos Litólicos, textura arenosa, relevo suave ondulado a montanhoso, mais afloramentos de Rocha.

39 – Serras Ocidentais da Chapada Diamantina.

Esta unidade, onde estão localizadas as cidades de: Gentio do Ouro, Novo Horizonte, Érico Cardoso e Seabra, pertence à Zona Fitoclimática Contato da Caatinga Arbórea com Floresta Estacional Decidual, sob ação do clima Subúmido a Seco, com precipitação média anual entre 650 mm e 1.100 mm. Dando continuidade à unidade anterior, é constituída por um conjunto de relevo de dissecção estrutural e fluvial de média densidade de drenagem com processos morfodinâmicos de escoamento concentrado e erosão laminar moderada. Os relevos são desenvolvidos nos arenitos argilosos siltitos e argilitos, com lente de conglomerados e arenitos ortoquartzitos. A altimetria varia de 700 m a 800 m. Engloba três Unidades de Paisagem descritas a seguir:

39At2 - Serras Ocidentais da Chapada Diamantina com culturas temporárias, horticulturas, feijão, milho, mandioca, (irrigadas ou não) e culturas permanentes (fumo, banana, mamona, cana-de-açúcar, manga e coco)

intercaladas com Pastagem e vegetação natural. Culturas de feijão, milho, irrigadas ou não, intercaladas com Pastagem e/ou vegetação natural (**At1**); Culturas diversificadas, policultura comercial e de subsistência (**Ad1**); Latossolos de texturas média e argilosa em relevos plano e suave ondulado.

39P - Serras Ocidentais da Chapada Diamantina com Pastagem; Pastagem associada à cultura de café (**P6**) e Pastagem com Vegetação Natural (**P11**). Latossolos de texturas média e argilosa, em relevos suave ondulado e ondulado, e Neossolos Litólicos arenosos, relevo suave ondulado a montanhoso, mais afloramentos de rocha.

39Ca – Serras Ocidentais da Chapada Diamantina com Contato Caatinga-Floresta Estacional (**F**); Cerrado (**Ce**) e Refúgio ecológico (**Re**), em Neossolos Litólicos arenosos, relevo suave ondulado a montanhoso e afloramentos de rocha.

VIII - Domínio Morfoestrutural das Estruturas Dobradas da Serra do Espinhaço da MR Semiárido

Este domínio caracteriza-se pelo contraste entre as feições de modelados de dissecação diferencial relacionados com a tectônica formando vales e sulcos estruturais, cristas e escarpas e por outro lado, pelas feições de modelado de aplanamento degradado e retocado interrompido por cristas residuais. Abrange três Unidades Territoriais Básicas assim caracterizadas:

40 – Superfície Cimeira do Espinhaço.

Posicionada nos topos da Serra do Espinhaço, é constituída de superfície aplainada e de rampas convergentes formando áreas abaciadas onde se localizam as cidades de: Tanque Novo a norte e proximidade de cidade de Caetité no centro e Condeúba a sul.

Esta unidade pertence à Zona Fitoclimática do Cerrado Arbóreo Aberto sob ação do clima Semiárido com precipitação média anual em torno de 800 mm. Trata-se de uma superfície plana com fraca dissecação em rampas com coberturas latossólicas onde se desenvolvem grandes alvéolos de dissecação com constantes fenômenos de movimentos de massa localizados produzindo ravinas sobre a litologia mais friável, exumando formas estruturais sobre metas quartzitos. A altimetria está em torno de 1.000 m, e engloba uma Unidade de Paisagem descrita a seguir:

40P – Superfície Cimeira do Espinhaço com Pastagem associada à policulturas e vegetação natural (**P11**), Cerrado (**Ce**), Floresta (**F**) e Caatinga. Latossolo textura média e argilosa, relevo plano e suave ondulado.

41 – Serras Alinhadas do Espinhaço.

Localizadas entre as depressões de Paramirim e Guanambi, se sobressaem por um modelado de dissecação resultante da exumação de dobras alongadas no sentido SSE-NNO formando cristas e barras seguindo a direção dos planos estruturais e cortados por vales estreitos. Englobam as cidades de: Riacho de Santana, Igaporã, Pindaí e Urandi, todas na porção sul da unidade.

Essa unidade pertence à Zona Fitoclimática da Floresta Estacional Decidual Montana, Cerrado, e contato Caatinga – Floresta Estacional sob ação do clima Subúmido a Seco, com precipitação média anual entre 700 mm e 1.000 mm. Englobando inclusive as serras de Boqueirão e do Estreito, abrange um conjunto de modelados estruturais, formados por quartzitos puros e arenitos feldspáticos. Constituída de serras e patamares escalonados, orientados na direção norte-sul, corresponde à aba oeste de uma vasta estrutura geológica tipo anticlinório (MMA, 2011), formada em rochas metamórficas dobradas e falhadas, com várias ocorrências minerais. Trata-se de uma área de nascente de rios perenes que favorecem o escoamento concentrado e alimentam o lençol freático através das fraturas das rochas e do manto de alteração nos sopés das serras, enquanto no planalto prevalecem os processos de erosão mecânica, que propiciam a predominância de solos arenosos pouco profundos e ao deslocamento de blocos de rochas. A oeste de Paramirim destaca-se a sinclinal de Água Quente, conformando uma depressão embutida limitada por bordas abruptas. As altitudes variam de 800 m a 1.100 m, com cristas de até 1.400 m e engloba duas Unidades de Paisagem descritas a seguir:

41P – Serras Alinhadas do Espinhaço com Pastagem associada à policulturas e horticulturas como no município de Riacho de Santana. Pastagem com vegetação natural (**P11**). Latossolo com texturas média e argilosa, Latossolo eutrófico, argiloso, relevos plano e suave ondulado.

41Ce – Serras Alinhadas do Espinhaço com Cerrado Arbóreo Aberto e Contato de Caatinga- Floresta Estacional Decidual (**Ca**) e Floresta Estacional Decidual (**F**) associado à Pastagem e refúgio ecológico (**Re**). Neossolos Litólicos com texturas arenosa, média e argilosa em relevo ondulado a escarpado.

42 – Patamar Meridional da Chapada da Tabatinga.

Esta unidade é inerente à macrorregião do Cerrado, expandindo-se para a macrorregião do Cerrado em um pequeno trecho, a sul. Ela foi caracterizada como pertencente à Zona Fitoclimática da Floresta Estacional Decidual e Cerrado florestado e Caatinga em área de clima Subúmido a Seco, com precipitação média anual entre 800 mm e 900 mm. Engloba os filitos e quartzitos do Grupo Rio Preto, de idade proterozóica. Com altitudes em torno de 650 m, trata-se de borda escarpada e dissecada com escoamento superficial concentrado e erosão laminar moderada. É drenada pelas cabeceiras de afluentes da margem esquerda do rio Preto. Engloba uma Unidade de Paisagem descrita a seguir:

42Ca – Patamar Meridional da Chapada da Tabatinga com Caatinga e Floresta Estacional Decidual em áreas de relevos ondulado e forte ondulado, com solos Neossolos Litólicos pedregosos de texturas média e argilosa.

IX - Domínio Morfoestrutural das Estruturas Dobradas da Serra de Jacobina da MR Semiárido

Trata-se de um relevo residual constituindo uma dorsal formada de saliências alternadas com vales estruturais alinhadas na direção norte-sul formadas de quartzitos e filitos com intercalações de metaconglomerados, assemelhando-se aos relevos pseudo-apalachianos que se caracterizam pela influência de estruturas alinhadas herdadas de dobramentos de camadas sedimentares ocorridas durante uma fase precedente à sua estabilização como plataforma (Radambrasil, 1983). As cidades que contemplam esta serra são Saúde e Jacobina sem levar em consideração as muitas cidades circunvizinhas localizadas nos patamares da serra que constituem outra unidade.

43 – Serra de Jacobina.

Essa unidade está incluída na Zona Fitoclimática do Cerrado Arbóreo Aberto e Refúgio Ecológico Montano, sob ação do clima Seco a Subúmido, com precipitação média anual entre 600 mm e 1.000 mm. Corresponde a um conjunto de modelados de influência estrutural, como a falha de Pindobaçu, com topos isolados de coberturas, bordas escarpadas esculpidas nos gnaisses, quartzitos, micaxistos e forte aprofundamento da drenagem abrangendo uma extensão norte-sul de cerca de 200 km. As cristas pseudo apalachianas tem topos irregulares com formas abauladas e suas bordas forma pouco atingida devido a resistência dos quartzitos. Os processos morfodinâmicos mais atuantes são o escamento superficial concentrado, desmoronamentos localizados e erosão moderada. A altitude da serra de Jacobina está em torno de 1.000 m e engloba uma Unidade de Paisagem descrita a seguir:

43P – Serra de Jacobina com Pastagem e policultura; Pastagem associada à culturas temporárias (**P7**); Pastagem associada à palma e sisal (**P8**). Nos contatos com as unidades vizinhas e culturas diversificadas (**Ad1**). Contato Cerrado-Floresta; Contato Cerrado (**Ce**)-Caatinga (**Ca**) e Refúgio Ecológico Montano (**Re**) na área de Floresta (**F**) como no Parque Estadual das Setes Passagens a sul da serra. Neossolo Litólico texturas arenosa e média, fase rochosa, relevos forte ondulado e montanhoso mais afloramento de rocha.

X - Domínio Morfoestrutural dos Planaltos e Patamares Cristalinos da MR Semiárido

Este domínio engloba as porções emersas da plataforma estabilizada cuja granitização imprimiu uma rigidez capaz de suportar os esforços que provocaram dobramentos durante os ciclos geotectônicos posteriores. (Radambrasil, 1983). Constitui-se de rochas metamórficas, metassedimentares e ígneas pertencentes aos complexos do precambriano. Abrange nove Unidades Territoriais Básicas, assim caracterizadas:

44 – Pediplano do Baixo São Francisco.

Na porção nordeste do Estado, limite com o estado de Sergipe, representado uma faixa entre o rio São Francisco na Barragem de Xingó e a cidade de Paripiranga, a sul. As cidades que aí se destacam são: Glória, Santa Brígida, Jeremoabo, Pedro Alexandre e Coronel João Sá. É drenada a norte pelo rio São Francisco e pelo rio Vaza Barris na sua porção sul.

Essa unidade está inserida na Zona Fitoclimática da Caatinga Arbórea Aberta, sob ação dos climas Semiárido e Árido, com precipitação média anual entre 500 mm e 700 mm. Composto por biotita-quartzo-feldspato-gnaisses, migmatitos e anfíbolitos, o relevo é formado por pediplano com incipiente dissecação, resultando em suaves lombadas, com presença de lajedos e pavimento pedregoso. Altitudes entre 300 m e 400 m. Engloba três Unidades de Paisagem, descritas a seguir:

44At2 – Pediplano do Baixo São Francisco com cultivo de feijão, milho, mandioca, policultura irrigada (coco-da-baía, maracujá, banana e hortícolas), castanha de caju, mamona e sisal, mais Pastagem e vegetação natural; Culturas diversificadas (**Ad1**) e áreas irrigadas de frutíferas (**Ai1**). Luvissoles de textura média/argilosa, relevos plano e suave ondulado.

44 P7 – Pediplano do Baixo São Francisco com Pastagem plantada e natural associada à culturas temporárias de feijão, milho, mandioca (**P7**), ocorrência ou não de palma forrageira, mais vegetação natural (**P8**) e Pastagem com castanha de caju (**P9**). Neossolos Litólicos, fase pedregosa, textura média, e Luvissoles Háplicos, média/argilosa, relevos suave ondulado e ondulado.

44F – Pediplano do Baixo São Francisco com Vegetação Secundária de Floresta Estacional e Tensão Ecológica de Caatinga, associada à agropecuária. Ocorre, também, Caatinga Arbórea (**Ca**) e nos contatos com as unidades vizinhas, pequenas áreas de Cerrado (**Ce**). Neossolos Litólicos, fase pedregosa, textura média e Luvissoles Háplicos, textura médio-argilosa, relevos suave ondulado e ondulado.

48 – Colinas e Serras Pré Litorâneas.

Situadas na porção leste do Estado em contato com a macrorregião Litoral Sul, é cortada pelo rio de Contas e tem como principais cidades: Amargosa, Laje, Mutuípe, Itamari, Nova Ibiá, Apuarema, Jitaúna, Ibirataia, Itaji, Aiquara, Ipiaú, Barra do Rocha, Ubatã (no limite), Itagibá, Dário Meira, Iguai, Nova Canaã, Ibicuí e Santa Cruz da Vitória.

Esta unidade está inserida na Zona Fitoclimática da Floresta Ombrófila Densa sob ação do clima Úmido a Subúmido, com precipitação média anual entre 1.100 mm e 2.000 mm. Corresponde a um conjunto de modelados de influência fluvial e estrutural, esculpido nos gnaisses e charnockitos. A drenagem é comandada pelos rios de Contas e Salgado conferindo densidade de drenagens fina e média. Os processos morfodinâmicos estão representados pelos escoamentos difusos e concentrados, a erosão laminar e moderada, com presença de terracetes, sulcos e até ravinas. A altitude varia de 100 m a 700 m. Engloba duas Unidades de Paisagem descritas a seguir:

48Ap3 – Colinas e Serras Pré Litorâneas com cultivo de Cacao em sistema agroflorestal e culturas diversificadas (**Ad2**) e áreas isoladas de policultura, Pastagem e fragmentos de Vegetação Secundária. Argissolos Vermelho-Amarelos, eutróficos, textura média/argilosa, em relevos ondulado e forte ondulado.

48 P – Colinas e Serras Pré Litorâneas com Pastagem natural e/ou plantada, associada à policultura de subsistência e vegetação natural; Pastagem com cultivo de café (**P6**) recoberto os Argissolos Vermelho-Amarelos eutróficos, textura média/argilosa, em relevos ondulado e forte ondulado.

49 – Planalto Soerguido.

Essa grande unidade que abrange as cidades de: Boa Vista do Tupim, Nova Itarana, Santa Inês, Ubaíra, Cravolândia, Itaquera, Jequié, Manoel Vitorino, Bom Jesus da Serra e Boa Nova está inserida na Zona Fitoclimática da Floresta Estacional Decidual e Caatinga Arbórea Aberta sob ação do clima Semiárido com precipitação média anual entre 500 mm e 800 mm. Corresponde a um conjunto de modelados de influência fluvial e estrutural, esculpido nos gnaisses e charnockitos. A drenagem é comandada pelos rios Ji quiçá e Contas conferindo densidade de drenagem média e grosseira. A altitude varia de 500 m a 1.000 m. Engloba duas Unidades de Paisagem, descritas a seguir:

49P – Planalto Soerguido com Pastagem plantada e natural associada à policultura de subsistência e vegetação natural. Pastagem com plantio de café (**P6**). Pequenas áreas de (**Ad2**) com culturas diversificadas de cacau, mandioca, cravo da Índia, pimenta do reino, café, etc. Latossolos de textura argilosa e Argissolo, textura média/argilosa, relevo suave ondulado a forte ondulado.

49F – Planalto Soerguido com remanescentes de Floresta Estacional com agropecuária e Vegetação Secundária em áreas de Floresta. Pequenas áreas de contato Caatinga-Floresta Estacional (**Ca**). Latossolos com textura argilosa e Argissolo, média/argilosa, relevo suave ondulado a forte ondulado.

53 – Patamar de Casa Nova.

Bordejando a porção noroeste do Estado em contato com os estados de Piauí e Pernambuco, esta unidade, que emoldura a depressão de Casa Nova, pertence à Zona Fitoclimática da Caatinga Arbórea Aberta sob ação do clima Semiárido e Árido com precipitação média anual entre 500 e 700 mm. Sobre rochas granito-gnaisses, gnaisses charnockitos, modelados de densidade de drenagem grosseira com alguns pontões isolados, associado a aplanamento retocado inumado com processos morfodinâmicos comandados pela erosão laminar moderada. A altitude varia de 400 a 500 m. Engloba duas Unidades de Paisagem descritas a seguir:

53Ca – Patamar de Casa Nova com Caatinga Arbórea Aberta, e pequenas áreas de Pastagem com vegetação Natural (**P11**) sobre Argissolos eutróficos, com ou sem pedregosidade, textura média/argilosa, relevo suave ondulado e subdominadamente com pedregosidade em relevos ondulado e forte ondulado.

53 Ce – Patamar de Casa Nova com Cerrado sobre Neossolos Quartzarênicos órticos de textura grossa.

54 – Patamar da Serra de Jacobina

Localizado contornando a Serra do Jacobina, abrange as cidade de: Jaguarari, Senhor do Bonfim, Campo Formoso, Antônio Gonçalves, Pindobaçu, Mirangaba, Caldeirão Grande, Caém e Miguel Calmon.

Essa unidade pertence à Zona Fitoclimática do Contato da Caatinga com Floresta Estacional sob ação do clima Semiárido, com precipitação média anual entre 600 mm e 800 mm. Sobre rochas granito-gnaisses, gnaisses charnockitos, e suítes graníticas intrusiva, ocorrem modelados de dissecação fluvial com densidade de drenagem grosseira, associado a aplanamento retocado inumado com rampas e lombadas. Os processos morfodinâmicos estão representados pelos escoamentos superficiais difusos e concentrados e erosão laminar moderada com ocasional presença de sulcos. A altitude varia de 500 m a 700 m. Engloba três Unidades de Paisagem, descritas a seguir:

54Ad1 – Patamar da Serra de Jacobina com culturas diversificadas, banana, coco, algodão, milho, mamona, feijão, mandioca, tomate, cebola, beterraba, sisal, intercaladas com pastagem. Argissolo plúntico de textura média/argilosa, relevos suave ondulado e ondulado.

54P – Patamar da Serra de Jacobina com Pastagem plantada e natural, associado a culturas temporárias (feijão, milho e mandioca) (**P7**); ocorrência de palma forrageira (**P8**) e vegetação natural. Argissolo plúntico, média/argilosa, relevos suave ondulado e ondulado, e Argissolo eutrófico, relevos ondulado e forte ondulado.

54F – Patamar da Serra de Jacobina com tensão Ecológica contato Cerrado/Floresta e Caatinga/Floresta. Ocorre Caatinga (**Ca**) e Cerrado (**Ce**). Refúgio ecológico (**Re**). Argissolo plúntico de textura média/argilosa, relevo

suave ondulado e ondulado, Argissolo eutrófico, relevos ondulado e forte ondulado e Latossolo com texturas média e argilosa, relevo suave ondulado.

55 – Patamar Colinoso de Tapiramutá.

Posicionada, numa faixa aproximadamente norte-sul, entre a Depressão Sertaneja a leste e o Piemonte da Chapada Diamantina a oeste, tem como representantes as cidades de Tapiramutá, Mundo Novo, Baixa Grande, Macajuba, Rui Barbosa e Ibiquera.

Essa unidade pertence à Zona Fitoclimática: Floresta Estacional Decidual sob ação dos climas Subúmido a Semiárido, com precipitação média anual entre 600 mm e 1.000 mm. Sobre metatexitos, granito-gnaisses, modelados de dissecação fluvial com densidade de drenagem média onde os processos morfodinâmicos mais atuantes estão representados pelo escoamento superficial concentrado e erosão laminar moderada. Altitudes entre 300 m e 600 m, e banhadas por afluentes da bacia do rio Paraguaçu. Engloba três Unidades de Paisagem, descritas a seguir:

55 At1 – Patamar Colinoso de Tapiramutá com culturas temporárias feijão e milho irrigadas ou não, intercaladas; Culturas com pastagem e/ou vegetação natural; Culturas temporárias tradicionais com ocorrência de fumo, banana, mamona e outras associadas à Pastagem (**At2**). Frutíferas irrigadas, olericultura e horticultura. Latossolo argiloso relevo plano e suave ondulado.

55P – Patamar Colinoso de Tapiramutá com Pastagem plantada e/ou natural, associado à policultura de subsistência e à vegetação natural; Pastagem associada à culturas temporárias, feijão, milho, mandioca (**P7**) e Pastagem associada à palma forrageira e sisal (**P8**). Áreas com refúgio ecológico (**Re**). Latossolo argiloso, relevos plano e suave ondulado mais Argissolo eutrófico de textura média/argilosa, relevos ondulado e forte ondulado.

55F – Patamar Colinoso de Tapiramutá com Floresta Estacional Semidecidual (fragmentos naturais e/ou descaracterizados), Vegetação Secundária e vestígios de Caatinga (**Ca**) e Cerrado, intercalados com agropecuária. Latossolo argiloso, relevo plano.

56 – Patamar Ocidental do Raso da Catarina.

Localizada entre as cidades de Canudos e Macururé na porção noroeste do Estado, essa unidade pertence à Zona Fitoclimática da Caatinga Arbórea sob ação do clima Semiárido e Árido, com precipitação média anual entre 400 mm e 600 mm. Sobre os micaxistos granatíferos e quartzitos. O relevo é de baixas colinas e lombadas, de densidade de drenagem grosseira e áreas planas com rochiosidade e pedregosidade com atuação dos processos de escoamento concentrado e erosão laminar moderada. Com altitudes em torno de 400 m, a área é drenada por afluentes da bacia do rio São Francisco e tem como centro urbano a cidade de Canudos que se localiza no contato entre esta unidade e a UTB do Tabuleiro do Raso da Catarina, na margem do Açude de Cocorobó. Engloba duas Unidades de Paisagem, descritas a seguir:

56Ad1 – Patamar Ocidental do Raso da Catarina com pequenas áreas de Culturas diversificadas nas margens do rio Mucururé e no rio Vaza- Barris, áreas irrigadas (**Ail**) de frutas, olericulturas e horticultura. Pastagem com policultura (**P**) em pequena extensão. Neossolos Flúvicos de textura indiscriminada e Argissolo de textura média argilosa, em relevo plano e suave ondulado.

56Ca – Patamar Ocidental do Raso da Catarina, com Caatinga Arbórea Aberta, Cerrado (**Ce**), com pequenos focos de Pastagem (**P**). Neossolos Litólicos, texturas arenosa e média com rochiosidade, e Argissolo eutrófico com textura média/argilosa, com ou sem pedregosidade, em relevo suave ondulado e ondulado.

57 – Patamar do Médio Rio de Contas.

Bordejando a unidade do Planalto Sul Baiano entre Vitória da Conquista e Condeúba, engloba as cidades de: Aracatu, Caetanos, Caraíbas, Ibiassucê, Caculé e Mortugaba, estas três últimas na porção oeste da unidade.

Pertence à Zona Fitoclimática da Caatinga Arbórea Aberta e Contato de Caatinga e Floresta Estacional Decidual sob ação do clima Semiárido, com precipitação média anual por volta de 700 mm, à exceção do município de Presidente Jânio Quadros, cuja aridez é evidenciada com a precipitação inferior a 500 mm. As rochas gnáissicas do Complexo Caraíba Paramirim integram a superfície de dissecação fluvial, com densidades de drenagem grosseira e média, influenciada pelo rio Gavião. Os processos mais generalizados são: o escoamento concentrado, a erosão moderada com ocasional presença de sulcos. Com altitudes entre 400 m e 750 m, engloba duas Unidades de Paisagem, descritas a seguir:

57P – Patamar do Médio Rio de Contas com pastagem. Pastagem associada à vegetação natural (**P11**). Latossolo de texturas média e argilosa, relevos plano e suave ondulado, e Latossolo eutrófico com textura média, e Argissolo eutrófico com textura média/argilosa, relevos suave ondulado e ondulado.

57Ca – Patamar do Médio Rio de Contas com Caatinga e contato Caatinga Floresta (**F**). Latossolo com texturas média e argilosa, relevos plano e suave. Latossolo eutrófico com textura média, e Argissolo eutrófico de média /argilosa, relevos suave ondulado e ondulado.

58 – Patamar Oriental do Planalto de Vitória de Conquista.

Localizada na borda oriental do Planalto Sul Baiano no setor de Vitória da Conquista, abrange as cidades de: Caatiba, Itambé, na margem do rio Pardo, Encruzilhada, Maiquinique e Itarantim.

Essa unidade está inserida na Zona Fitoclimática da Floresta Estacional Semidecidual e Decidual sob ação do clima Semiárido, com precipitação média anual entre 700 mm e 800 mm. Constituída por rochas compostas por quartzo-biotita-xistos, biotita gnaisses etc., o relevo é formado por morros, integrando a dissecação influenciada pela bacia do rio Pardo, com densidades de drenagem grosseira e média. Os processos morfodinâmicos estão representados pelo escoamento superficial concentrado, erosão laminar moderada, com presença de terracetes, provocados pelo pisoteio do gado ao longo das vertentes dos morros, em áreas de altitudes entre 300 m e 600 m. Engloba uma Unidade de Paisagem, descrita a seguir:

58P – Patamar Oriental do Planalto de Vitória de Conquista com Pastagem com alguns remanescentes de Floresta e Caatinga. Argissolos eutróficos, textura média/argilosa, relevo forte ondulado e montanhoso, e Latossolo argiloso, relevo ondulado.

XI - Domínio Morfoestrutural das Depressões Interplanálticas Cristalinas da MR Semiárido

A predisposição geotectônica, combinada as condições paleoclimáticas comuns aos conjuntos litológicos distintos conduziu o arrasamento das estruturas complexas que serviram de embasamento a outros conjuntos estruturais nelas depositadas. As condições favoráveis à desnudação prosseguiram durante o Cenozóico, favorecendo a elaboração de aplainamento que, ora está instalado nos contatos da fossa tectônica e ora apresenta dissecado, resultante da evolução morfoclimática posterior (Radambrasil, 1983).

Este domínio abrange sete Unidades Territoriais Básicas, assim caracterizadas:

59 – Depressão de Guanambi

Corresponde a um vão encaixado a norte nas Serras Alinhadas do Espinhaço e a partir de Guanambi, em direção a norte, entre estas serras a leste e o rio São Francisco a oeste, onde se destacam as cidades de: Guanambi, Matina, Pindaí e Candiba.

Essa unidade está inserida na Zona Fitoclimática do Contato entre Caatinga Arbórea e Floresta Estacional sob ação do clima Semiárido a Subúmido, com precipitação média anual entre 750 mm e 900 mm. Sobre os granitóides deformados, modelado de aplainamento predominantemente desnudado ou com solos rasos, presença de *inselbergs*, depressões arredondadas e/ou ovaladas, geralmente fechadas ligadas ou não à rede de drenagem e lajedos, principalmente na sub-bacia do rio das Rãs. Os processos dominantes são: o escoamento concentrado, erosão laminar moderada e sulcos localizados. No setor norte, planos com residuais de coberturas. Altitude entre 400 m e 600 m. Engloba duas Unidades de Paisagem, descritas a seguir:

59P – Depressão de Guanambi com Pastagem associada à atividades agrícolas temporárias, como na região de Riacho de Santana e outras. Argissolos de textura arenosa/média, Latossolos com textura média, Planossolos Háplicos, texturas arenosa/média e argilosa, todos em relevos plano e suave ondulado.

59Ca – Depressão de Guanambi com contato Caatinga/Floresta (F). Argissolos arenosa/média, Latossolos com textura média, Planossolos Háplicos, texturas arenosa/média e argilosa, todos em relevos plano e suave ondulado.

60 – Depressão de Paramirim

Trata-se de um vão localizado entre as Serras Ocidentais da Chapada Diamantina a leste, e as Serras Alinhadas do Espinhaço a oeste, banhada na sua parte central pelo rio Paramirim. Abrange as cidades de: Oliveira dos Brejinhos, Boquira, Ibipitanga, Macaúbas, Rio dos Pires, Botuporã, Caturama e Paramirim.

Essa unidade está inserida na Zona Fitoclimática da Caatinga Arbórea Aberta e Contato entre Cerrado/Caatinga Arbórea/Floresta Estacional sob ação do clima Semiárido, com precipitação média anual de 700 mm. Sobre o complexo granito-gnaisse-migmatito, modelado de aplainamento inumado com *inselbergs* e lagoas temporárias isoladas. Situada entre a Chapada Diamantina, à leste, e a Serra do Espinhaço, a oeste, caracteriza-se por planos rampeados em direção ao vale do rio Paramirim, cuja instalação da drenagem retribuiu a superfície original, isolando topos planos residuais limitados por ressaltos topográficos. O escoamento concentrado, a erosão laminar moderada e infiltração, nos solos de textura média, representam os processos morfodinâmicos principais. Com altitudes entre 400 m e 700 m engloba duas Unidades de Paisagem descritas a seguir:

60P – Depressão de Paramirim com Pastagem e atividades agrícolas ao longo do rio Paramirim, onde dominam os Argissolos eutróficos com textura média/argilosa, relevos plano e suave ondulado. Nas demais áreas, Latossolos de textura média em relevos plano e suave ondulado.

60Ca – Depressão de Paramirim com Caatinga e áreas de Pastagem. Latossolos de textura média em relevo plano e suave ondulado.

61 – Depressão Sertaneja de Curaçá.

Localizada no extremo norte da Bahia, dando continuidade a Depressão Sertaneja, é bordejada a norte pelo rio São Francisco e a oeste pelo Tabuleiro do Raso da Catarina. As cidades que englobam esta UTB são: Curaçá, Abaré e Rodelas todas na margem direita do rio São Francisco e Chorrochó e Macururé na margem do rio Macururé.

Essa unidade pertence à Zona Fitoclimática da Caatinga Arbórea Aberta sob ação do clima Árido, com precipitação média anual entre 400 mm e 500 mm. Sobre rochas do complexo granito-gnaisses, charnockitos, biotita quartzo, feldspato-gnaisses, dentre outras, desenvolvem-se solos rasos, num modelado de aplainamento predominantemente pedregoso, em superfície de erosão polifásica, com morros residuais rochosos, situada em altitudes de 400 m a 500 m. O clima de aridez severa e com chuvas mal distribuídas durante o ano e temperatura média anual de 24° a 25°C, favorece a atuação de processos mecânicos de desagregação das rochas (MMA-2011). A intermitência e a escassez de chuvas, associadas à predominância de solos pouco profundos, rasos e solodizados favorecem o escoamento superficial difuso em enxurradas que carregam detritos e formam sulcos, ravinas e lagoas temporárias. Constitui um sistema de planos resultantes da superfície de erosão modelada pelos processos de pediplanação que atuaram na área, apresentando caimento em direção ao vale do Rio São Francisco. Os riachos mais importantes pertencem às bacias de Curaçá, Macururé, Língua de Vaca e Grande. Engloba três Unidades de Paisagem, descritas a seguir:

61Ai1 – Depressão Sertaneja de Curaçá com culturas irrigadas de manga, uva, melão, pinha, mamão, goiaba, romã, olericultura, floricultura e horticultura, localizadas na área do Projeto de Irrigação de Curaçá, Itaparica/Pedra Branca. Culturas diversificadas, policultura comercial e de subsistência com plantio de mandioca, algodão, babana, coco, caju, cana-de-açúcar, maracujá, mamão, cenoura, cebola, alho, mamona e melancia (**Ad1**), Cultivos de cana-de-açúcar (**At3**) e citros (**Ap1**). Cambissolos de textura argilosa, Argissolos de textura média/argilosa, Luvisolos rasos de textura média/argilosa, em relevos plano e suave ondulado.

61P – Depressão Sertaneja de Curaçá com Pastagem associada à Vegetação Secundária. Argissolos de textura média/argilosa, Neossolos Litólicos. Relevo suave ondulado e ondulado.

61Ca – Depressão Sertaneja de Curaçá com Caatinga, nos contatos com as unidades vizinhas pequenas áreas de Cerrado (**Ce**) sobre solos. Neossolos Litólicos, rasos pedregosos de texturas média e argilosa, Planossolos Solódicos e Nátricos e Luvisolos rasos de textura média/argilosa, em relevos suave ondulado e ondulado. Nos residuais, o mesmo tipo de solo, de textura média com fase rochosa e relevo forte ondulado.

61F – Planície Fluvial do rio São Francisco com Floresta de galeria nas várzeas e terraços dos principais rios, com Planossolo Nátrico textura grossa, relevo plano.

62 – Depressão Sertaneja.

Representando uma grande extensão de superfície aplainada desenvolvida sobre o embasamento cristalino, localiza-se desde a região de Casa Nova, a norte do estado da Bahia, penetrando entre a fossa tectônica a leste e os patamares a oeste, retrabalhada até então pela morfogênese das bacias dos rios São Francisco, Itapicuru e Jacuípe. A seguir, atinge a bacia do rio Paraguaçu, na parte central do Estado, onde se afunila entre as cidades de Iaçú e Marcionílio Souza, seguindo numa faixa estreita até o rio de Contas e suas nascentes principais. As principais cidades localizadas na Depressão Sertaneja são: Casa Nova, Uauá, Cansação, Nordestina, Quinjique, Euclides da Cunha, Queimadas, Santa Luz, Araci, Teolândia, Barrocas, Valente, Teofilândia, São Domingos, Retirolândia, Nova Fátima, Conceição do Coité, Serrinha, Lamarão, Ichú, Riachão do Jacuípe, Pé de Serra, Pintadas, Capela do Alto Alegre, Ipirá, Serra Preta, Anguera, Tanquinho, Santa Bárbara, Água Fria, Santanópolis, Irará, Ipecaetá, Rafael Jambeiro, Itati, Milagres, Iaçú, Marcionílio Souza, Contendas de Sincorá, Tanhaçú, Mirante, Jussiape, Dom Basílio, Livramento do Brumado, Brumado, Malhada de Pedras, Grajerú, Anagé, Tremedal e Lagoa Real.

Essa unidade pertence à Zona Fitoclimática da Caatinga Arbórea Aberta e Contato entre Cerrado/Caatinga Arbórea/Floresta Estacional sob ação do clima Semiárido, com precipitação média anual entre 700 mm e 500 mm. Sobre o complexo granito-gnaisse, charnockitos, biotita quartzo, feldspato-gnaisses, etc. modelado de aplainamento inumado, retocado e exumado com presença de *inselbergs*, lajedos, pedregosidade, rochosidade, depressões arredondadas e/ou ovaladas, geralmente fechadas ligadas ou não à rede de drenagem. Os processos morfodinâmicos mais atuantes são o escoamento superficial difuso e concentrado, erosão laminar ligeira e moderada e presença ocasional de sulcos. Nas proximidades do rio São Francisco esses planos estão localmente dissecados em lombas e em colinas, e coalescem com as áreas abaciadas, resultantes da convergência de leques de espraiamento coluvial que ocorrem principalmente próximo às cidades de Juazeiro e Sobradinho. Abrange três Unidades de Paisagem, descritas a seguir:

62At2 – Depressão Sertaneja com cultura de feijão, milho e mandioca, cultura de subsistência associados à policultura irrigada, coco-da-baía, maracujá, banana e hortícola, e Pastagem. Cultivos de cana-de-açúcar (**At3**), mais Pastagem e Vegetação Secundária. Culturas de feijão e milho comercial, com ocorrência de mandioca (**At1**); Policultura comercial, mandioca, algodão, manga, coco, caju, maracujá, etc. (**Ad1**); Culturas irrigadas de manga, uva, melão, pinha, mamão, goiaba, romã, olericultura, floricultura e horticultura (**Ai1**); Sisal intercalado com policultura e

Pastagem (**Ap4**); Neossolo Regolítico com e sem fragipan, arenoso, Latossolo com textura média, Vertissolo, argiloso. Áreas com cultivo de citros (laranja) (**Ap1**) sobre Neossolos Flúvicos eutróficos textura média, Planossolos Háplicos textura grossa, todos em relevo plano e suave ondulado. Ocorrência de área urbana na unidade (**u**).

62P – Depressão Sertaneja com Pastagem plantada e natural associada à culturas temporárias de feijão, milho, mandioca (**P7**) e Pastagem associada à cana-de-açúcar (**P1**), ocorrência ou não de palma forrageira e sisal (**P8**). Pastagem mais vegetação natural (**P11**). Planossolo Háplico, Neossolos Litólicos, fase pedregosa, textura média, e Luvisolos Háplicos, textura média/argilosa, relevos suave ondulado e ondulado.

62Ca – Depressão Sertaneja com Caatinga e Vegetação Secundária e atividades agropastoris. Floresta (**F**) e Cerrado (**Ce**). Pequena área de Silvicultura com eucalipto (**S**). Planossolo Háplico com texturas arenosa/média e média/argilosa, Vertissolo, Luvisolo e Neossolo Litólico, relevos plano e suave ondulado.

63 – Depressão Interplanáltica de Itabuna/Itapetinga.

Localizada entre as cidades de Itabuna a leste e Itambé a sudoeste, representa um vão escavado na superfície das Colinas e Serras Pré-Litorâneas, principalmente, onde a bacia dos rios Colônia-Cachoeira encaixou o seu leito colaborando na morfogênese atual da área. A partir de Itajú da Colônia esta depressão toma o rumo sul e logo a seguir a oeste, região do semiárido, na região de Itapetinga e Potiraguá, emoldurada pelo Patamar Oriental de Vitória da Conquista e drenada pela bacia do rio Pardo. Engloba as cidades no semiárido de: Itororó, Itapetinga, Itambé, Macarani e Potiraguá.

Essa unidade pertence à Zona Fitoclimática da Floresta Estacional Semidecidual e Decidual sob ação do clima Subúmido a Seco, com precipitação média anual entre 850 mm e 950 mm. Área rebaixada, com modelados de aplainamento e residuais dissecados, com processos morfodinâmicos representados pelo escoamento concentrado, erosão laminar moderada, solifluxão que originam associado ao pisoteio do gado, os terracetes, em áreas de cotas altimétricas variando de 100 m a 300 m. Engloba uma Unidade de Paisagem descrita a seguir:

63P – Depressão Interplanáltica de Itabuna/Itapetinga com pastagem. Argissolos abrupto e não abrupto, textura média/argilosa, Argissolos eutróficos e Chernossolos, todos em relevos ondulado e suave ondulado, nas baixadas dos rios Pardo e Catolé.

64 – Colinas e Morros na Depressão do Rio Jequitinhonha.

Essa unidade é representada predominantemente, pela Macrorregião do Litoral Sul, estendendo-se por uma pequena área no Semiárido. Pertence à Zona Fitoclimática da Floresta Estacional Semidecidual sob ação do clima Subúmido a Seco com precipitação média anual entre 950 mm e 1.300 mm. O relevo é dissecado em colinas, rampas sobre rochas constituídas de biotita, anfíbolito etc. Os processos morfodinâmicos de escoamento concentrado e erosão laminar moderada, são os mais atuantes. A altitude varia de 200 m a 400 m. Engloba uma Unidade de Paisagem descrita a seguir:

64P – Colinas e Morros na Depressão do Rio Jequitinhonha com Pastagem e remanescentes de Floresta Semidecidual. Latossolos argilosos e Argissolos distróficos e eutróficos, textura média/argilosa em relevo suave ondulado a ondulado.

65 – Residuais nas Depressões Interplanálticas.

Esta unidade encontra-se espalhada ao longo de todas as unidades da Depressão Sertaneja e Depressão de Curaçá de forma descontínua, mas representando um alinhamento ora norte-sul como a Serra de Itiúba, ora sudeste-noroeste. Nesta unidade destacam-se as cidades de: Andorinha, Itiúba, Monte Santo, Candéal, Serra Preta, Anguera e Tanquinho.

Pertencem à Zona Fitoclimática da Caatinga Arbórea e/ou Arbustiva Densa e Aberta sob ação dos climas Semiárido com precipitação média anual entre 400 mm e 700 mm. Compreendem colinas, morros e cristas alinhadas segundo a litoestrutura desenvolvidas nas rochas biotita gnaisses e gnaisses, quartzo-feldspáticos, quebrando a monotonia da paisagem plana e suave ondulada da Depressão Sertaneja. Os processos morfodinâmicos estão representados pelo escoamento concentrado e erosão laminar moderada, desintegração de rochas, etc. Englobam três Unidades de Paisagem descritas a seguir:

65At2 – Residuais nas Depressões Interplanálticas com culturas de feijão, milho e mandioca associada ou não à mamona e sisal e à castanha de caju. Culturas diversificadas (**Ad1**) e Citros (laranja) associado com Pastagem (**Ap1**). Argissolo com texturas arenosa média e média argilosa. Luvisolos médio/argilosos, em relevos plano e suave ondulado.

65P – Residuais nas Depressões Interplanálticas com Pastagem. Quando associada à culturas temporárias, feijão, milho, mandioca (**P7**) e associada à palma forrageira, sisal (**P8**). Planossolo Háplico, texturas arenosa/média e média/argilosa, Neossolo Regolítico eutrófico em relevos plano e suave ondulado. Neossolo Litólico, texturas arenosa e média relevos ondulado e forte ondulado. Áreas com Pastagem associada à vegetação natural (**P11**) sobre Cambissolos Háplicos eutróficos textura fina em relevo suave ondulado e ondulado.

65Ca – Residuais nas Depressões Interplanálticas com Caatinga e Vegetação Secundária. Remanescentes de Floresta estacional (**F**) e Cerrado (**Ce**). Planossolo Háptico, texturas arenosa/média e média/argilosa, Neossolo Regolítico eutrófico em relevos plano e suave ondulado. Neossolo Litólico, texturas arenosa e média, relevos ondulado e forte ondulado.



2.8 Macrorregião Cerrado

Na estruturação metodológica foram individualizados cinco domínios morfoestruturais na Macrorregião Cerrado, no Oeste baiano, os quais englobam 12 Unidades Territoriais Básicas, incluindo as unidades de integração com as macrorregiões circunvizinhas, que estão visualizadas no **Cartograma 1** indicadas por números arábicos. A seguir, caracterizadas pelas suas propriedades geoambientais, as Unidades Territoriais Básicas servirão também de base para serem subdivididas, de acordo com o sistema sócio produtivo do uso da terra sobre determinado tipo de solo e relevo, em 28 Unidades de Paisagem, indicadas pelo número da UTB, seguido de letra-símbolo que representa o tipo de uso da terra.

Descrição das Unidades Territoriais Básicas (UTBs) e Unidades de Paisagem (UPs) do Cerrado

A seguir serão caracterizadas todas as compartimentações que integralizam o sistema natural e sócio produtivo, relacionados ao tipo e uso da terra, da macrorregião do Cerrado.

I - Domínio Morfoestrutural dos Depósitos Sedimentares Recentes MR Cerrado

Este domínio engloba modelados de origem fluvial que traduzem as etapas de evolução da planície do médio rio São Francisco e seus principais afluentes. Compreendem sedimentos aluviões pouco consolidados ou inconsolidados de espessura variada, referente ao período Quaternário constituídos de depósitos fluviais arenosos com lentes de silte, argila e cascalho. Compreende apenas uma Unidade Territorial Básica:

2 – Planícies Fluviais

Abrange a Zona Fitoclimática das Formações Pioneiras, Cerrado Gramíneo Lenhoso, Cerrado Florestado e Floresta Estacional Semidecidual sob ação do clima Úmido a Subúmido, com precipitação média anual variando entre 1.100 mm e 1.500 mm, em áreas da Chapada do Oeste baiano e Subúmido a Seco nas planícies da depressão dos rios Corrente e Preto, com precipitação média anual entre 900 mm e 1.100 mm.

Distribuídas de forma descontínua, as planícies compreendem as várzeas e os terraços fluviais dos principais afluentes do rio São Francisco, como os rios Preto, Grande, Corrente, Formoso e Carinhanha. Trata-se de áreas sujeitas a inundações na época das enchentes. Os principais processos morfodinâmicos são o escoamento concentrado, com a formação de cones de dejeção alargando os leitos de inundação, construção de bancos arenosos móveis, desbarrancamentos de terraços e assoreamento de lagoas. Essa Unidade Territorial Básica abrange duas Unidades de Paisagem, assim identificadas:

2Ai – Planícies fluviais com agricultura irrigada, arroz, milho, melancia, cebola, entre outros, e pecuária, em trechos localizados dos rios Preto, Sapão, das Pedras, das Ondas, Roda Velha, Marimbus, Porto Alegre, Veredas de Cocos, Guará, das Éguas, Arrojado e do Meio. A maioria das várzeas dessa unidade apresenta-se com a vegetação natural de Cerrado gramíneo-lenhoso com Floresta de galeria preservada, áreas essas identificadas com o símbolo (**Cf**). Em alguns trechos de determinados vales são encontrados reservatórios de água, como em afluentes dos rios Preto, Vereda de Cocos e também áreas com pivô central nos rios Preto, Ponta D'água das Pedras e das Ondas, Rio de Janeiro, das Fêmeas, Grande, Branco, do Meio e Correntina. Os solos dessas áreas estão enquadrados na classe dos Gleissolos com alto teor em matéria orgânica, inclusive Organossolos, de textura arenosa/média e média, em áreas de várzeas e terraços fluviais com relevo plano.

2P – Planície Fluvial do rio São Francisco com Pastagem nas várzeas e terraços sobre Neossolos Flúvicos eutróficos e distróficos textura indiscriminada, não solódicos e solódicos em relevo plano.

II – Domínio Morfoestrutural dos Tabuleiros, Planaltos e Depressões com Coberturas Sedimentares MR Cerrado

Abrange as coberturas de idade Tércio Quaternária, constituído por materiais eluvionares e coluvionares predominantemente arenosos. Este domínio engloba duas Unidades Territoriais Básicas, assim descritas:

10 – Depressão dos rios Preto e Grande.

Esta unidade está localizada na porção noroeste do estado da Bahia a partir dos Patamares da Chapada do Oeste Baiano em direção a serra do Boqueirão. É drenada pelos afluentes do rio São Francisco e engloba as cidades de: Santa Rita de Cássia, Mansidão, Buritirama, Muquém de São Francisco, Cotejipe e Angical.

Está situada na Zona Fitoclimática do Cerrado (parque, arborizado florestado e estépico) e Floresta Estacional Decidual Submontana, esta entre as serras do Boqueirão e Estreito, sob ação do clima Subúmido a Seco. É caracterizada por chuvas anuais entre 800 mm e 1.100 mm, concentradas nos meses de verão.

Trata-se de superfície arenosa modelada em rampas com dissecação incipiente formando lombas e colinas. Os vales são rasos alguns dos quais com representativas planícies, como ao longo dos rios Preto e Grande, e presença de muitas lagoas temporárias. Essa superfície encontra-se situada em altitudes entre 400 m e 500 m e é drenado pelo curso do rio Grande e do seu afluente rio Preto. A depressão é margeada ao norte, a oeste e ao sul pelos sopés da Chapada do Oeste baiano e da Tabatinga, e a sua continuidade para leste é interrompida pela presença das serras do Boqueirão e do Estreito.

A morfodinâmica é comandada pela infiltração das águas que alimentam o lençol freático nas áreas arenosas, escoamento superficial difuso e semiconcentrado e atuação esporádica das enxurradas, com carreamento de sedimentos provenientes das chapadas (MMA, 2011). Quatro Unidades de Paisagem foram individualizadas neste mapeamento, abaixo caracterizadas:

10Ai – Depressão dos rios Grande e Preto com uso de culturas temporárias e permanentes, com ou sem irrigação (arroz, milho, melancia, cebola, entre outros) associadas à Pastagem plantada, no município de Barreiras e agricultura em Angical. Os solos estão representados pelos Latossolos Amarelos de baixa fertilidade, textura média, localizados nos vales e rampas do rio Grande, a jusante de Barreiras, em relevos plano e suave ondulado.

10P – Depressão dos rios Grande e Preto com predomínio de Pastagem e policultura, nos municípios de Santa Rita de Cássia e Riachão das Neves, e áreas com Pastagens intensiva e extensiva em meio ao Cerrado, identificadas como (**Pc**), em Santa Rita de Cássia; alguns pontos de carvoaria e mineração, ocorrem nessa subunidade. Os solos predominantes são Latossolos Amarelos de baixa fertilidade com textura média, em relevos plano e suave ondulado.

10Ce – Depressão dos rios Grande e Preto sob domínio de Cerrado e áreas de Cerrado Arbóreo com uso localizado de pecuária extensiva mapeadas com o símbolo (**Cp**). Ocorrência de Caatinga Arbórea Aberta e Parque (**Ca**). Áreas com Floresta Estacional Decidual Submontana com Pastagem e agricultura esparsa (**Fp**) ocorrem no trecho entre a serra do Boqueirão e a serra do Estreito. Entre a serra do Boqueirão e o rio Grande ocorrem inúmeras lagoas fechadas, cujo nível oscila com o período de estiagem. Áreas de Pastagem associada à vegetação Natural (**P11**). Os solos em toda unidade são Latossolos Amarelos de baixa fertilidade e textura média, associados a Neossolos Quartzarênicos (Areias Quartzosas), em áreas de relevos plano e suave ondulado. Nas áreas sob influência das lagoas, ocorrem Plintossolos, resultantes da oscilação do lençol freático.

10 Cf – Depressão dos rios Grande e Preto com Cerrado gramíneo lenhoso e Floresta de galeria preservada. A maioria das várzeas com vegetação natural de Cerrado gramíneo lenhoso com Floresta de galeria preservada. Latossolos Vermelho Amarelos distróficos textura média.

11 – Chapada de Tabatinga e Guaribas

Localizada no extremo noroeste do estado da Bahia, em contato com o Piauí, compreende a Zona Fitoclimática do Cerrado Florestado e Arborizado, sob ação do clima Subúmido a Seco. Essa feição de topo plano recoberta por sedimentos areno-argilosos cenozóicos, sobreposta aos filitos e quartzitos do Grupo Rio Preto de idade proterozóica, está enquadrada no domínio dos Depósitos Sedimentares. Situada na porção noroeste do estado da Bahia pertence à Zona Fitoclimática do Cerrado florestado e arborizado sob ação do clima Subúmido a Seco, com precipitação média anual entre 800 mm e 900 mm. Em altitudes em torno de 700 m, funciona como divisor de águas das bacias dos rios São Francisco e Parnaíba. É limitada por escarpa dissecada em cristas e morros e drenada pelas cabeceiras de afluentes da margem esquerda do rio Preto. Duas Unidades de Paisagem englobam a Chapada de Tabatinga, assim caracterizadas:

11Ce – Chapada de Tabatinga com Cerrado arbóreo, florestado e localmente, ao longo de alguns vales, áreas com pecuária em meio ao Cerrado, identificadas como (**P**). Os solos são Latossolos Amarelos de baixa fertilidade, texturas média e argilosa, com maior teor em matéria orgânica e presença esporádica de plintita, que ocorrem em relevo plano e suave ondulado.

11Ca – Chapada de Tabatinga e Guaribas com Caatinga e Floresta Estacional Decidual em áreas de relevo ondulado e forte ondulado com Neossolos Litólicos distróficos textura grossa, Latossolos Vermelho Amarelos distróficos aluminicos textura média.

V - Domínio Morfoestrutural das Bacias e Coberturas Sedimentares Carbonáticas MR Cerrado

Este domínio abrange áreas de cobertura de metasedimentos précambrianos e de disposição horizontal ou sub-horizontal. A cobertura plataformal do Bambuí está desenvolvida sobre rochas calcárias pertencente ao Supergrupo São Francisco e engloba quatro Unidades Territoriais Básicas.

As Unidades Territoriais Básicas foram individualizadas e assim caracterizadas:

25 – Depressão do Médio São Francisco.

Localizada na margem esquerda do rio São Francisco na superfície rebaixada, ligada imediatamente a oeste ao patamar cárstico da Chapada do Oeste, posicionam-se as cidades de: Brejolândia, Tabocas do Brejo Velho, Serra Dourada, Santana e São Félix do Coribe.

Engloba o domínio do Grupo Bambuí representado por rochas calcárias, dolomitos, siltitos, folhelhos e ardósias, constituindo sequência de predominância carbonática exposta ou com cobertura Tércio-Quaternária. Pertence à Zona Fitoclimática da Floresta Estacional Decidual e Semidecidual e áreas de contato entre a Caatinga e a Floresta Estacional, sob ação do clima Subúmido, com precipitação média anual entre 850 mm e 1.050 mm. Com altitudes variando de 400 m a 750 m, essa unidade apresenta-se inclinada em direção ao rio São Francisco e está drenada, nesse trecho, pelo rio Corrente e seus afluentes. Trata-se de uma área de dissecação incipiente, com rampas e lombadas suavizadas sobre extensas coberturas detríticas e planos carstificados onde se ressaltam alguns morros residuais de calcários, argilitos, siltitos e margas. Os processos dominantes são decorrentes do escoamento superficial semiconcentrado, que ocasiona o aparecimento de sulcos. Duas Unidades de Paisagem englobam a depressão nesse setor:

25P – Depressão do Médio São Francisco com área de Pastagem e policultura, associada à Vegetação Natural (**P11**) e Pastagem em área de ecótono, contato Caatinga/Floresta Estacional, indicada com o símbolo (**Pe**) e áreas de Pastagem em meio à Floresta (**Pf**), com maior adensamento da Floresta (**F**) entre os riachos Serra Dourada e Caracol. Os Cambissolos de alta fertilidade e textura argilosa se desenvolvem a partir das alterações dos calcários em áreas de relevos plano e suave ondulado. Já os Latossolos álicos de textura média são resultantes de depósitos aluvionares, comuns na depressão, também em áreas de relevos plano e suave ondulado.

25Ca – Caatinga e Áreas de Cerrado (**Ce**). Cambissolos argilosos eutróficos, relevo plano e suave ondulado. Latossolos Vermelho Amarelos aluminicos textura média, Cambissolos Háplicos eutróficos textura média, relevo plano e suave ondulado.

26 – Patamar de Formosa do Rio Preto.

Localizada entre a chapada e a depressão, essa unidade está representada pela cidade de Formosa do Rio Preto e engloba os metassedimentos arenosos e siltico-argilosos. Pertence à Zona Fitoclimática da Floresta Estacional Semidecidual e Cerrado Florestado, em clima Subúmido a Seco com precipitação média anual entre 1.000 mm e 1.100 mm. Contornando a superfície plana da chapada, essa unidade é caracterizada por um relevo dissecado em lombas e colinas e de residuais de topos planos limitados por pequenos ressaltos com algumas ravinadas, resultantes da atuação dos processos erosivos. Abrange Unidade de Paisagem única, abaixo caracterizada:

26 Pc – Patamar de Formosa do Rio Preto, com uso de Pastagem, na porção oeste da unidade, em meio ao Cerrado arborizado. A leste da cidade o uso é muito restrito no ambiente da Floresta Estacional semidecidual e Cerrado florestado. Encontram-se na unidade, carvoarias, mineração e pesca, ao longo do rio Preto. Os solos são Latossolos Amarelos de baixa fertilidade, textura média, relevos plano e suave ondulado, e Neossolos Litólicos, textura média e argilosa cascalhenta, em relevo ondulado e forte ondulado.

27 – Patamar Cárstico.

Contornando a Chapada do Oeste Baiano situado desde a região de Sítio Grande, São Desidério, Wanderley, Brejolândia, Canápolis e Catolândia, esse patamar faz parte do domínio morfoestrutural constituído por sedimentos calcários, margas, folhelhos, siltitos, dolomitos etc., que integram as formações do Grupo Bambuí do Proterozóico Superior. Fazem parte da Zona Fitoclimática da Floresta Estacional Semidecidual e decidual sob ação do clima Subúmido, com precipitação média anual entre 1.000 mm e 1.150 mm. O relevo é formado por escarpas ravinadas, topos residuais da Chapada, e por áreas rampeadas dissecadas em colinas e lombas. Nos patamares do leste da chapada há uma ocorrência mais significativa dos planos cársticos recobertos por material detríticos, em alguns trechos exumados pela erosão desse material. Constituindo um nível intermediário entre o topo da chapada e a unidade da Depressão Interplanáltica do Médio São Francisco, esse patamar está em cotas altimétrica que variam entre 500 m e 800 m e trata-se de uma área de nascente de rios afluentes de sub-bacias do rio São Francisco, com vales encaixados. Três Unidades de Paisagem englobam essa Unidade Territorial Básica, abaixo caracterizadas:

27Ai – Patamar Cárstico com agropecuária, no vale do rio São Desidério, em torno de Barreiras e Angical. Compõem também essa unidade as áreas de Pastagem plantada em Riachão das Neves e Santa Maria da Vitória, identificadas como (**P**). Ocorre mineração e pesca em Barreiras e São Desidério. Os solos são Cambissolos férteis, textura argilosa, com ou sem rochiosidade, em relevo suave ondulado e ondulado.

27Fp – Patamar Cárstico em área de Floresta Estacional Semidecidual com Pastagem, localizada nas bordas calcárias com relevo de maiores declives. Em pequenos trechos observa-se a pecuária extensiva em meio à vegetação natural. Os solos dominantes são Cambissolos de alta fertilidade, com textura argilosa, cascalhenta ou não, associados a Neossolos Litólicos, em relevos ondulado, forte ondulado e escarpado.

27F – Patamar Cárstico com Floresta Estacional Semidecidual nas bordas calcárias com relevo de maiores declives. Pecuária extensiva em meio à vegetação. Cambissolos de alta fertilidade, textura argilosa, cascalhenta ou não, associados à Neossolos Litólicos, relevo ondulado, forte ondulado e escarpado.

28 – Patamar de Correntina e Coribe.

Localizada entre as cidades de Correntina e Coribe esta unidade é composta por rochas calcárias intercaladas com margas, siltitos e folhelhos da formação Lagoa do Jacaré, essa unidade se diferencia da circunvizinha pela presença de janelas de rochas do embasamento cristalino constituídas por gnaisses e granodioritos. Faz parte da zona fitoclimática da Floresta Estacional Decidual sob ação do clima Subúmido, com precipitação média anual entre 1.000 mm e 1.150 mm.

Trata-se de vales largos, rampeados, de dissecação incipiente, que separam os topos residuais da Chapada do Oeste baiano. É uma área drenada pelos baixos cursos dos rios Guará, Correntina, Arrojado e Formoso. Duas Unidades de Paisagem, abaixo descritas, engloba a Unidade Territorial Básica.

28P – Patamar de Correntina e Coribe com uso de Pastagem e agricultura irrigada com pivô central em áreas localizadas. Os solos são Argissolos Vermelho-Amarelos de alta fertilidade, textura média/argilosa, cascalhentos ou não, que ocupam os relevos suave ondulado e ondulado e Latossolos Vermelhos eutróficos, de textura média a argilosa, em relevos planos e suave ondulado, ocorrendo, em menor proporção Cambissolos eutróficos argilosos.

28F – Patamar de Correntina e Coribe com Floresta Estacional Decidual Montana associada à Pastagem plantada. Argissolos Vermelho Amarelos eutróficos textura média, Latossolos Vermelho Amarelos aluminicos textura média, em áreas de relevo que varia de plano a ondulado e ondulado a forte ondulado.

29 – Serra do Ramalho e do Iuiu

Localizada ao sul do estado da Bahia, predominantemente na margem esquerda do rio São Francisco, compreende a Serra do Ramalho a oeste, dividida ao meio pelo limite na macrorregião do Cerrado e do Semiárido e pela Serra de Iuiu na margem direita do São Francisco. Na Serra do Ramalho a cidade de Cocos se faz representar.

Esta unidade, na região do Cerrado, é constituída por calcários pretos a cinzas e pequenas intercalações de siltitos e folhelhos, destacando-se restos de topos planos da Formação Urucuia. Integram a Zona Fitoclimática da Floresta Estacional Semidecidual, decidual e Cerrado sob ação do clima Subúmido a Seco, com precipitação média anual em torno de 1.000 mm. Destacam-se restos de superfície aplainada, topograficamente mais elevada, em torno de 800 m, constituindo um interflúvio, de onde nascem afluentes do rio Corrente que drenam a porção ocidental da unidade. Seguindo a topossequência surgem planos cársticos em cotas altimétricas médias em torno de 500 m, com ocorrência de grutas e torres, em calcários e siltitos (MMA, 2011). Unidade Única de Paisagem, abaixo descrita, engloba essa Unidade Territorial Básica.

29F – Serra do Ramalho e do Iuiu com Floresta Estacional Decidual Montana, associado ao uso de pecuária plantada com agricultura localizada (**P**), em torno da sede de Cocos. Ao norte da serra encontram-se vários recursos minerais, destacando-se flúor, chumbo, zinco e manganês. Os solos dominantes nessa unidade são os Cambissolos de alta fertilidade, cascalhento e não cascalhento, argilosos, e Latossolos aluminicos de textura média, em áreas de relevos que variam de plano, suave ondulado e ondulado na porção sul a ondulado e forte ondulado na porção norte, com dominância de Cambissolos.

VI - Domínio Morfoestrutural da Bacia e Cobertura Sedimentar do Urucuia MR Cerrado

Este domínio tem como arcabouço geológico formações que correspondem ao proterozóico inferior mascaradas por coberturas relacionadas ao Cretáceo referido aos sedimentos horizontais da Formação Urucuia sobrepostos aos do grupo Bambuí. Duas Unidades Territoriais Básicas englobam este domínio.

30 – Chapada do Oeste Baiano.

Abrangendo toda a porção oeste do estado da Bahia e onde se localizam as cidades de Luís Eduardo Magalhães e Baianópolis, tem como base os arenitos finos a médios, róseos e brancos, impuros e com níveis conglomeráticos da Formação Urucuia de idade Cretácea. Pertence à Zona Fitoclimática do Cerrado sob ação dos climas Úmido e Subúmido com duas estações de umidade contrastante, com precipitação média anual que varia entre 950 mm e 1.450 mm e temperatura média anual entre 22°C e 25°C.

Trata-se de feições herdadas de extensa superfície de erosão que foi retocada pela instalação da rede de drenagem, conformando rampas convergentes (MMA, 2011). O relevo plano apresenta um caimento topográfico para leste em altitudes que variam de 520 m a 920 m, onde as cotas mais elevadas estão próximas à borda ocidental. São chapadas compartimentadas pela ação dos rios Preto, ao norte, Grande, Corrente e do rio Carinhonha, ao sul e todos os seus afluentes. A leste são limitadas por patamar de calcário carstificado que margeia a borda ocidental do vale do médio curso do rio São Francisco. A dinâmica é caracterizada pela infiltração das águas nas áreas arenosas de topo e escoamento superficial difuso e concentrado com formação de sulcos.

As Chapadas do Oeste Baiano englobam cinco Unidades de Paisagem, assim individualizadas:

30Ap6 – Chapada do Oeste Baiano, com uso agrícola de grãos, predominantemente soja, algodão e milho irrigados e mecanizados, e áreas de irrigação com pivô central, próximas aos rios, de agricultura e Pastagem consorciadas, levando o símbolo de **(Ai)**, em áreas de solos latossólicos profundos, porosos, permeáveis de textura média em relevos plano e suave ondulado.

30P – Chapada do Oeste Baiano com Pastagem plantada, podendo estar associada à agricultura. Foram também separadas nessa unidade as áreas com Pastagem associadas ao Cerrado Arbóreo Aberto **(Pc)** e Pastagem em bioma da floresta estacional, no município de Brejolândia **(Pf)**. Os solos são latossólicos profundos, porosos, permeáveis e bem drenados, de textura média em relevos plano e suave ondulado.

30S – Chapada do Oeste Baiano com uso de Silvicultura, cultivo de eucalipto, localizados na porção sul da chapada e áreas com remanescentes de silvicultura, algumas sem uso determinado, mapeados como **(S1)**. Presença de carvoarias isoladas, nos municípios de Baianópolis, São Desidério, Jaborandi, Cocos e Correntina. Os solos são latossólicos profundos, porosos, permeáveis e bem drenados, de textura média em relevos plano e suave ondulado.

30Ce – Chapada do Oeste Baiano em área de Cerrado arbóreo sem Floresta de galeria; áreas de Cerrado com Pastagem, indicadas por **(Cp)** e áreas no bioma de Floresta Estacional Semidecidual, **(F)**, esta no município de Brejolândia. Os solos são latossólicos profundos, porosos, permeáveis e bem drenados, de textura média em relevos plano e suave ondulado.

30Cf – Chapada do Oeste Baiano com Cerrado gramíneo lenhoso e Floresta de galeria preservada. A maioria das várzeas com vegetação natural de Cerrado gramíneo lenhoso com Floresta de galeria preservada. Gleissolos com alto teor em matéria orgânica, inclusive Organossolos, textura arenosa/média e média, em várzeas e terraços fluviais de relevo plano.

31 – Vales nas Chapadas do Oeste Baiano.

Localizados de forma descontínua sobre a Chapada do Oeste Baiano, ao longo dos vales que a dissecam, tem como principais cidades: Barreiras, Cristópolis e Coribe. Compondo a Zona Fitoclimática do Cerrado Gramíneo-Lenhoso, os vales responsáveis pela descontinuidade da chapada estão embutidos na superfície aplainada, apresentando-se em geral, como veredas e *marimbus*, cuja formação está relacionada com a presença do lençol freático próximo à superfície e à porosidade e permeabilidade do material (Mauro; Dantas; Roso, 1982). O rio Preto e seus afluentes, por exemplo, apresentam em geral, várzeas aluviais que em trechos assumem a feição de veredas. Já o relevo plano com dissecação incipiente, drenado por afluentes da margem direita do rio Grande, apresenta acumulações ao longo dos canais originando os *marimbus*, que se diferenciam das veredas propriamente ditas, por apresentarem trechos espalhados formando alagadiços que dificultam o fluxo dos rios. Os vales dos afluentes dos rios Corrente e Grande são largos, paralelos denominados de *marimbus* e resultaram da coalescência de antigas depressões fechadas, instaladas em linhas de fraqueza estrutural. (MMA, 2011).

Há uma forte erosão remontante nas cabeceiras dos afluentes do rio Grande, ameaçadas de capturas da drenagem para a bacia do rio Tocantins. A visualização é clara na porção NW da Chapada, nos rios Sapão e Preto.

A rede de drenagem caracteriza-se por apresentar um padrão paralelo a subparalelo com uma direção geral SO-NE, evidenciando um controle estrutural. Três Unidades de Paisagem representam essa Unidade Territorial Básica:

31Ai – Vales nas Chapadas do Oeste Baiano, com uso de culturas diversificadas predominantemente irrigadas, de arroz, milho, melão, melancia, cebola, café, dentre outras, associadas à Pastagem, localizadas nas proximidades de Barreiras e trechos do rio das Éguas. Há pequenos trechos com irrigação por pivô central e áreas com pastagem plantada próximas a Formosa do Rio Preto e Cocos, identificadas como **(P)**. Trata-se de áreas rampeadas para os vales dos rios, inumados por solos arenoquartzosos e baixadas constituídas por Gleissolos ricos em matéria orgânica.

31Ce – Vales nas Chapadas do Oeste Baiano com Cerrado Gramíneo-Lenhoso com aspecto de parque. Pequenas áreas com pastagem em meio ao Cerrado **(Pc)**, próximas de Cristópolis e áreas de Cerrado com pastagem identificadas como **(Cp)**. Os solos são Neossolos Quartzarênicos e Latossolos de textura média, relevo plano e suave ondulado, e nas áreas escarpadas, ocorrem Neossolos Litólicos de texturas média e argilosa.

31Cf - Vales nas Chapadas do Oeste Baiano com Cerrado gramíneo lenhoso e Floresta de galeria preservada. Várzeas com vegetação natural de Cerrado gramíneo lenhoso com Floresta de galeria preservada. Gleissolos textura grossa com alto teor em matéria orgânica, Organossolos, textura arenosa/média e média, em várzeas e terraços fluviais de relevo plano.

VIII - Domínio Morfoestrutural das Estruturas Dobradas da Serra do Espinhaço MR Cerrado

Este domínio caracteriza-se pelo contraste entre as feições de modelados de dissecação diferencial relacionados com a tectônica formando vales e sulcos estruturais, cristas e escarpas e por outro lado pelas feições de modelado de aplanamentos degradados e retocados interrompidos por cristas residuais. Abrange duas Unidades Territoriais Básicas assim caracterizadas:

41 – Serras Alinhadas do Espinhaço.

Na região do Cerrado abrangem apenas a serra do Boqueirão e a serra do Estreito, constituídas de sequências metassedimentares proterozóicas, remanescentes finais no setor norte da Serra do Espinhaço. A referida unidade representa essas duas serras alongadas segundo as direções litoestruturais, com vertentes dissecadas, e de forte declividade. Integram a Zona Fitoclimática da Floresta Estacional Decidual montana e Cerrado. Os topos estão em altitudes entre 700 m e 800 m, onde afloram os quartzitos e os sopés em geral acham-se inumados por material arenoso, resultante da alteração dos quartzitos, principalmente na serra do Boqueirão. Já na serra do Estreito, os topos encontram-se inumados por material detrítico. Essas serras estão seccionadas pela drenagem do rio Grande que, nesses trechos, forma boqueirões com vertentes íngremes. Duas Unidades de Paisagem abrange essa Unidade Territorial Básica, a seguir descritas:

41F – Serras do Boqueirão e do Estreito com Cerrado (**Ce**) na serra do Boqueirão, áreas com Caatinga (**Ca**) e Floresta Estacional Decidual montana na serra do Estreito, onde ocorrem áreas de agricultura, sobre os solos latossólicos de baixa fertilidade e textura argilosa, localizados na base e nos topos da referida serra. As demais áreas dessa unidade são representadas por solos Neossolos Litólicos, de baixa fertilidade, com textura arenosa, média e argilosa, em relevo ondulado a escarpado, associado à afloramentos de rocha.

41P – Serras Alinhadas do Espinhaço com Pastagem associada à policulturas. Argissolos Vermelho Amarelos eutróficos textura média, Cambissolos Háplicos eutróficos textura média, Neossolos Litólicos distróficos textura grossa, todos em relevo plano e suave ondulado.

42 – Patamar da Chapada de Tabatinga.

Compondo o domínio das Serras Setentrionais do Espinhaço constituídas de sequências metassedimentares, essa unidade engloba os quartzitos do Grupo Rio Preto, de idade Proterozóica e Zona Fitoclimática de Floresta Estacional Decidual e Cerrado Florestado em área de clima Subúmido a Seco, com precipitação média anual entre 800 mm e 900 mm. Com altitudes em torno de 650 m, trata-se de escarpa dissecada em cristas e morros modelados nos filitos e quartzitos e drenada pelas cabeceiras de afluentes da margem esquerda do rio Preto.

Uma única Unidade de Paisagem abrange esta UTB, a seguir descrita:

42Ce – Patamar da Chapada de Tabatinga com Cerrado, Caatinga (**Ca**) e Floresta Estacional Decidual em áreas de relevos ondulado e forte ondulado, com solos Neossolos Litólicos pedregosos e de textura média e argilosa.

3. Referências Bibliográficas

- BRASIL. Ministério do Meio Ambiente. Brasil. **Diagnóstico do Macrozoneamento Ecológico- Econômico da Bacia Hidrográfica do Rio São Francisco**. Brasília: MMA, 2011.
- BRASIL. Ministério de Minas e Energia. Departamento Nacional de Pesquisa Mineral. Projeto RADAMBRASIL. Levantamento de recursos naturais. Vol. 24. Folha SD 24 – Salvador. Anexo: Legenda de identificação das unidades do mapa exploratório de solos. Rio de Janeiro, 1981.
- BRASIL. Ministério de Minas e Energia. Departamento Nacional de Pesquisa Mineral. Projeto RADAMBRASIL. Levantamento de recursos naturais. Vol. 29. Folha SD 23 – Brasília. Anexo: Legenda de identificação das unidades do mapa exploratório de solos. Rio de Janeiro, 1982.
- BRASIL. Ministério de Minas e Energia. Departamento Nacional de Pesquisa Mineral. Projeto RADAMBRASIL. Levantamento de recursos naturais. Vol. 30. Folhas SC 24/25 – Aracaju/Recife. Anexo: Legenda de identificação das unidades do mapa exploratório de solos. Rio de Janeiro, 1983.
- BRASIL. Ministério do Meio Ambiente. Princípios Norteadores do ZEE. Disponível em: <<http://www.mma.gov.br/gestao-territorial/zoneamento-territorial/item/8187-princ%C3%ADpios-norteadores-do-zee>>. Acesso em: 10 maio 2013.
- EMBRAPA, Solos. Sistema brasileiro de classificação de solos. **Rio de Janeiro: Embrapa Solos**, 1999.
- IBGE. (Instituto Brasileiro De Geografia e Estatística). **Subsídios ao zoneamento ecológico-econômico da bacia do rio Itapeturu – MA**: diretrizes gerais para ordenação territorial/IBGE, Primeira Divisão de Geociências do Nordeste. – Rio de Janeiro: IBGE, 1998. 187 p. (Estudos e Pesquisas em geociências, ISSN 0103-7447, n.5).
- IBGE. Coordenação de Recursos Naturais e Estudos Ambientais. **Manual Técnico de Pedologia**. 2. ed. Rio de Janeiro, 2005. 296 p. (Série: Manuais Técnicos em Geociências, n.4).
- IBGE. Coordenação de Recursos Naturais e Estudos Ambientais. **Manual Técnico da Vegetação Brasileira**. 1. ed. Rio de Janeiro, 1992. 92 p. (Série: Manuais Técnicos em Geociências, n.1).
- IBGE. Folha SD.24 **Salvador**: geologia, geomorfologia, pedologia, vegetação, uso potencial da terra. Rio de Janeiro, 1981. 620 p. (Levantamento de Recursos Naturais, v. 24).
- IBGE. Folha SE.24 **Rio Doce**: geologia, geomorfologia, pedologia, vegetação, uso potencial da terra. Rio de Janeiro, 1987. 548 p. (Levantamento de Recursos Naturais, v. 34).
- MONTEIRO, C. A. F. Geossistemas: a história de uma procura. São Paulo: Contexto, 2000.
- NUNES, B.A.; RIBEIRO, M.I.C.; ALMEIDA, V.J. & NATALI FILHO, T. (1994) *Manual Técnico de Geomorfologia*. Rio de Janeiro: IBGE - Departamento de Recursos Naturais e Estudos Ambientais. 112p.
- PALAVIZINI, Roseane. Gestão Transdisciplinar do Ambiente: Uma Perspectiva aos Processos de Planejamento e Gestão Social no Brasil. Tese de Doutorado do Programa de Pós-graduação em Engenharia Ambiental, da UFSC, Florianópolis, 2006.
- Paysage et Geographie Physique Globale Esquisse méthodologique. *Révue Géographique des pyrénées et Du Sud-Ouest*, Toulouse,. (Bertrand, G. (1968). Paisagem e Geografia Física Global. Esboço Metodológico. Bertrand, G.
- Programa Zoneamento Ecológico Econômico: Diretrizes metodológicas para o Zoneamento Ecológico Econômico do Brasil. Brasília: MINISTÉRIO DO MEIO AMBIENTE/ SDS, 2006.
- RAMOS, V. L. de S.; NUNES, B. T. A.; NATALI FILHO, T. Análise das classes geoambientais da bacia do alto são Francisco e seus reflexos na enchente do rio são Francisco. In: PROJETO RADAM/BRASIL. **Boletim Técnico, série Geomorfologia**. p. 47-70. 1984.
- ROSS, J. L. S. **O registro cartográfico dos fatos geomórficos e a questão da taxionomia do relevo**. Revista do Departamento de Geografia da USP. São Paulo: n. 6. 1992. 17-29p.
- ROSS, Jurandyr Luciano Sanches. **Geomorfologia ambiente e planejamento**. São Paulo: Contexto, 1990.
- SEI. Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia. **Tipologia Climática – Segundo Thornthwaite: Estado da Bahia – 2007**. Disponível em: <http://www.sei.ba.gov.br/site/geoambientais/cartogramas/pdf/carto_tip_clim.pdf>. Acesso em: 15 de mar. 2012.
- SEI. Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia. **Uso da terra e cobertura vegetal: Litoral Sul da Bahia**. Salvador, 1998. 96 p. il. 2 mapas (SEI. Estudos e Pesquisas, 34). Disponível em:

<http://www.sei.ba.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=82&Itemid=110>. Acesso em: 10 de fev. 2012.

SEI. Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia. **Uso atual das terras: bacia do Recôncavo Norte e do rio Inhambupe**. Salvador, 2003. 113p il. (SEI. Estudos e Pesquisas; 64). Disponível em: <http://www.sei.ba.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=82&Itemid=110>. Acesso em: 10 de fev. 2012.

SEI. Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia. **Uso atual das terras: bacia do rio Paraguacu e sub-bacias dos rios Jaguaribe e Jequiriça**. Salvador, 2000. 71 p. il. 1 mapa. (SEI. Estudos e Pesquisas, 50). Disponível em: <http://www.sei.ba.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=82&Itemid=110>. Acesso em: 10 de fev. 2012.

SEI. Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia. **Uso atual das terras : bacias do Extremo Sul e do Rio Jequitinhonha**. Salvador, 2008. 176 p. il. (Série Estudos e Pesquisas, 81). Disponível em: <http://www.sei.ba.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=82&Itemid=110>. Acesso em: 10 de fev. 2012.

SEI. Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia. **Uso atual das terras: Bacias da Margem Direita do Lago de Sobradinho**. Salvador, 2009. 223 p. il. (SEI. Estudos e Pesquisas, 83). Disponível em: <http://www.sei.ba.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=82&Itemid=110>. Acesso em: 10 de fev. 2012.

SEI. Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia. **Uso atual das terras : bacias dos rios Itapicuru, Vaza-Barris e Real**. Salvador, 2006. 116 p. il. (Série Estudos e Pesquisas, 74). Disponível em: <http://www.sei.ba.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=82&Itemid=110>. Acesso em: 10 de fev. 2012.

SEI. Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia. **Uso atual das terras: Bacias do Submédio São Francisco, Bahia**. Salvador: SEI, 2011. 224 p. il. (Série estudos e pesquisas, 91). Disponível em: <http://www.sei.ba.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=82&Itemid=110>. Acesso em: 10 de fev. 2012.

TRICART, Jean. **Principes et méthodes de la Géomorphologie**. Masson et Cie., 1965.

TRICART, J. **Ecodinâmica**. Rio de Janeiro, IBGE-SUPREN, 1977. 97p. (Recursos Naturais e Meio Ambiente, 1).